



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

GLOSSÁRIO DE TERMOS DA ÁREA DAS RELAÇÕES DISCIPLINARES

GABRIEL DIAS VIDAL AZEVEDO

BRASÍLIA – DF

2023

GABRIEL DIAS VIDAL AZEVEDO

GLOSSÁRIO DE TERMO DA ÁREA DAS RELAÇÕES DISCIPLINARES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Linguística.

DA994g

Dias Vidal Azevedo, Gabriel

GLOSSÁRIO DE TERMOS DA ÁREA DE RELAÇÕES DISCIPLINARES /

Gabriel Dias Vidal Azevedo; orientador Énilde Leite de Jesus

Faulstich. -- Brasília, 2023.

140 p.

Dissertação(Mestrado em Linguística) -- Universidade de
Brasília, 2023.

1. Lexicologia. 2. Lexicografia. 3. Terminologia. 4.
Terminografia. 5. Corpus. I. Leite de Jesus Faulstich,
Enilde, orient. II. Título.

Gabriel Dias Vidal Azevedo

Glossário de termos da área das relações disciplinares

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Enilde Leite de Jesus Faulstich – PPGL/UnB (Presidente)

Profa. Dra. Cleide Lemes da Silva Cruz – IFB (Membro externo)

Profa. Dra. Michelle Machado de Oliveira Vilarinho – PPGL/UnB (Membro interno)

Profa. Dra. Neyara Macedo Coelho Barbosa – (Suplente)

Aqueles e aquelas que não desistem dos seus sonhos.
À minha amada mãe, ao meu amado pai e à minha amada irmã.

AGRADECIMENTOS

À minha querida família, por ser a base de tudo e a tudo ser resistente, não consigo colocar em palavras tamanho amor e tamanha admiração.

À professora Dr^a. Enilde Faulstich, em quem me inspirei para seguir os estudos no âmbito da Lexicologia e da Terminologia, não poderia deixar de registrar meus agradecimentos por todo empenho no processo de desenvolvimento desta pesquisa, que se realizou em um momento em que a criatividade e a vontade de vencer se impuseram no mundo, à senhora, meus sinceros agradecimentos.

Ao professor Dr. Umberto Euzébio, a quem também não poderia deixar de agradecer, em um parágrafo à parte, pelo incentivo que me deu para seguir a vida acadêmica, pelas oportunidades a mim conferidas, pela paciência de desenvolver os talentos e as habilidades daqueles que, durante a vida, foram marginalizados, e, principalmente, pelo afeto à educação – e a quem dela faz parte, obrigado e meus sinceros afetos.

À professora Dr^a. Rosineide Magalhães, coordenadora deste Programa de Pós-Graduação, pela dedicação e carinho na condução do programa durante o período de pandemia da covid-19.

Aos meus amigos, sem distinção de hierarquia, por terem me incentivado, me apoiado e terem sido a minha base durante esse processo, agradeço.

Às professoras e aos professores que me inspiraram a passar pelo processo da lapidação educacional.

Ao professor Giovani Toscano e ao Colégio Ideal, pela oportunidade de, tão jovem, começar a me desenvolver como professor, conseqüentemente, como cidadão e como pesquisador.

À 3^a Serie F, do ano de 2022, de Taguatinga, por me mostrar que o processo sempre vale à pena, mesmo durante as adversidades, e por dar ao meu coração o alento de saber que a Educação é um ato de amor.

Aos meus alunos e às minhas alunas.

“A Anísio, recordarei sempre como aquele que me ensinou a lição mais profunda de minha vida. Eu, naqueles meus trint'anos, cheio de certezas, de verdades, não podia entender a afirmação reiterada de Anísio de que ele não tinha compromissos com suas idéias. Eu estava cheio de compromisso com as minhas. Custei muito a entender que o único compromisso que se pode ter em matéria de idéias é com a busca da verdade. Toda idéia é provisória, toda idéia tem que ser posta em causa, questionada. Tudo é discutível, sobretudo numa universidade. Este é o espírito de Anísio. Com este espírito é que esta Universidade foi pensada”. Darcy Ribeiro.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Signo linguístico para Pottier	19
Figura 2- Unidades lexicais para Faulstich.....	21
Figura 3- Signo Linguístico para Oliveira	22
Figura 4- Significação para Pottier	23
Figura 5- Significação para Coseriu	24
Figura 6 - Multidisciplinaridade para Japiassu	60
Figura 7- Pluridisciplinaridade para Japiassu	60
Figura 8 - Interdisciplinaridade para Japiassu	61
Figura 9 - Transdisciplinaridade para Japiassu.....	62
Figura 10 - Sintetização da conceituação das relações disciplinares por Japiassu	63
Figura 11 - Grau de interação entre disciplinas para Pombo	67
Figura 12 - Conceito de termos da área de relações disciplinares para Pombo.....	67
Figura 13 – Texto motivador I da questão 39.....	70
Figura 14 - – Texto motivador II da questão 39	71
Figura 15 – Comando da questão e itens da questão 39.....	71
Figura 16 - Texto motivador das questões de 75 a 78 da 2ª etapa do PAS Subprograma 2019 – 2021	73
Figura 17- Comando dos itens de 75 a 78 da 2ª etapa do PAS Subprograma 2019 – 2021	74
Figura 18 - Modelo 1 de ficha terminográfica.....	97
Figura 19- Modelo 2 de ficha terminográfica.....	97
Figura 20 - Modelo 3 de ficha terminográfica.....	98
Figura 21 - Modelo 4 de ficha terminográfica.....	98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Campo lexical de fruto e de pseudofruto	31
Quadro 2 – Campo lexical de propágulos secos e carnosos	32
Quadro 3- Campo lexical de sentido de cor.....	33
Quadro 4- Oposição de campos semânticos entre itens lexicais de propágulos.....	34
Quadro 5 - Etimologia do item lexical disciplina para Houaiss	45
Quadro 6 - Etimologia do item lexical disciplina para Antônio Gomes Ferreira.....	45
Quadro 7 - Etimologia do item lexical disciplina para Antenor Francisco Alves	45
Quadro 8- Etimologia de discípulo para De Vaan.....	46
Quadro 9 - Etimologia do prefixo {dis-} para De Vaan.....	47
Quadro 10- Etimologia de [capiro] para De Vaan	48
Quadro 11- Etimologia [disc]	49
Quadro 12 - Etimologia de disciplina em Etimologías de Chile	49
Quadro 13 - Quadro de conceitos do prefixo {inter-}	76
Quadro 14 - Quadro de conceitos do prefixo {trans-}.....	78
Quadro 15 - Nomes mais frequentes em interdisciplinaridade.....	79
Quadro 16 - Campo semântico e campo lexical de interdisciplinaridade parte 1.....	80
Quadro 17 - Campo semântico e campo lexical de interdisciplinaridade parte 2.....	80
Quadro 18 - Nomes mais frequentes em transdisciplinaridade	82
Quadro 19 - Campo semântico e campo lexical de transdisciplinaridade parte 1	83
Quadro 20 - Campo semântico e campo lexical de transdisciplinaridade parte 2	83
Quadro 21- Quadro de conceitos do prefixo {multi-}	85
Quadro 22 - Quadro de conceitos do prefixo {pluri-}	86
Quadro 23 - Nomes mais frequentes em multidisciplinaridade.....	87
Quadro 24 - Campo semântico e campo lexical de multidisciplinaridade parte 1	88
Quadro 25 - Campo semântico e campo lexical de multidisciplinaridade parte 2	88
Quadro 26 - Nomes mais frequentes em pluridisciplinaridade.....	90
Quadro 27 - Campo semântico e campo lexical de pluridisciplinaridade parte 1	91
Quadro 28 - Campo semântico e campo lexical de pluridisciplinaridade parte 2	91
Quadro 29 - Quadro comparativo de semas entre os termos	93
Quadro 30 - Conceitos dos termos reformulados	131

LISTA DE SIGLAS

CA	construir argumentação
CAT	categoria gramatical
CF	compreender fenômenos
DEF	definição
ENT	entrada
EP	elaborar proposta
FONTE DEF	fonte de definição
GÊN	gênero
SA	plano da significância
SE	plano da semântica
SI	plano da sintaxe
SP	enfrentar situações-problema

RESUMO

Esta pesquisa se insere na linha de Léxico e Terminologia. O objeto de estudo é o conceito próximo e diverso de quatro termos: interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade. O objetivo geral é analisar o significado e a significação desses termos, para a identificação da concorrência ou da coocorrência entre multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade e para identificar diferenças de significado. O objetivo específico são: *i*) recolher dados para organizar um *corpus* com base nas ocorrências dos termos entre as décadas de 1970 e 2020; *ii*) produzir um quadro qualitativo de semas; *iii*) analisar os significados e a significação dos termos; *iv*) explicar a coocorrência ou a concorrência entre multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade; *v*) analisar oito glossários terminológicos e *iv*) registrar os termos. O primeiro *corpus* foi elaborado com todas as ocorrências dos termos coletadas, o tratamento ocorreu por meio do programa Sketch Engine, que lematizou as 50 unidades mais frequentes de cada termo. Desse tratamento, foram gerados campos semânticos e foram contrastados a significação e o significado de cada item lexical por meio dessa oposição. O segundo *corpus* foi elaborado com base na seleção de oito glossários terminológico de diferentes áreas de especialidade, e a análise deles ocorreu com base nos critérios de Faulstich (2011). Desse tratamento, houve o registro do conceito dos termos em ficha terminográfica proposta por Faulstich (1995, 2011). Assim, os resultados encontrados atestam a eficácia dos campos semânticos para a decomposição de sentido, conceitos dissemelhantes para os termos multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade e o registro dos termos.

PALAVRAS-CHAVE: Léxico, Terminologia, Socioterminologia, Terminografia, *Corpus*.

ABSTRACT

This research is part of the Lexicon and Terminology field. The object of study is the concept of four terms: interdisciplinarity, multidisciplinary, pluridisciplinarity, and transdisciplinarity, and their record. The general objectives were to analyze the meaning and signification of these terms, identify the competition or co-occurrence between multidisciplinary and pluridisciplinarity, and record the terms in terminographic records. The specific objectives were: i) to create a corpus from occurrences of the terms between the decades of 1970 to 2020; ii) to produce a qualitative framework of sememes; iii) to analyze the meanings and signification of the terms; iv) to explain the co-occurrence or competition between multidisciplinary and pluridisciplinarity; v) to analyze eight terminological glossaries; and iv) to record the terms. The first corpus was created with all collected occurrences of the terms, and the treatment was conducted using the Sketch Engine program, which lemmatized the 50 most frequent units of each term. From this treatment, we generated semantic fields and contrasted the signification and meaning of each lexical item through this opposition. The second corpus was created based on the selection of eight terminological glossaries from different specialized areas, and their analysis was carried out based on Faulstich's criteria (2011). From this treatment, the concept of the terms was recorded in terminographic records proposed by Faulstich (1995, 2011). Thus, the findings attest to the effectiveness of semantic fields for the decomposition of meaning, revealing dissimilar concepts for the terms multidisciplinary and pluridisciplinarity, and also provide the record of the terms.

KEYWORDS: Lexicon, Terminology, Socioterminology, Terminography, Corpus.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	FUNDO LEXICAL TERMINOLÓGICO	18
2.1	Signo linguístico, onomasiologia e semasiologia	18
2.2	A decomposição do sentido	25
2.3	Breve síntese	31
3	DA TERMINOLOGIA GERAL À SOCIOTERMINOLOGIA.....	35
3.1	Os princípios da Terminologia Geral e da Socioterminologia	35
3.2	Esquema da variação em Socioterminologia	37
4	METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO DE PESQUISA	40
4.1	Pré-análise	40
4.2	Organização	41
5	OS CONCEITOS DAS RELAÇÕES ENTRE DISCIPLINAS	43
5.1	Conceito de disciplina em uma abordagem pancrônica	43
5.2	A normatização de disciplina como componente curricular e o estabelecimento das relações disciplinares	52
5.2.1	Área da Linguagem e suas Tecnologias	55
5.2.2	Área da Matemática e suas Tecnologias	55
5.2.3	Área da Ciências da Natureza e suas Tecnologias.....	56
5.2.4	Área das Ciências Humanas e suas Tecnologias.....	57
5.3	A teoria das relações entre disciplinas	58
5.4	Sistemas de avaliações.....	68
5.4.1	Exame Nacional do Ensino Médio	69

5.4.2	Programa de Avaliação Seriado.....	72
5.5	Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade	75
5.5.1	Prefixo {inter-} e prefixo {trans-}.....	75
5.5.2	Dados de interdisciplinaridade	79
5.5.3	Dados e discussão de dados de transdisciplinaridade	82
5.6	A multidisciplinaridade <i>versus</i> a pluridisciplinaridade	85
5.6.1	Prefixo {multi-} e prefixo {pluri-}.....	85
5.6.2	Dados e discussão de dados de multidisciplinaridade	87
5.6.3	Dados e discussão de dados de pluridisciplinaridade	90
5.7	Comparação entre a presença e a ausência de campos semânticos para cada termo	93
6	TERMINOGRAFIA	95
6.1	Lexicologia <i>versus</i> Terminografia	95
6.2	Breve consideração de fichas terminográficas	96
6.3	Análise de glossários terminológicos	99
6.3.1	Glossário do Plano Piloto de Brasília – entre Siglas e Conceitos (2018)	99
6.3.2	Glossário de Termos Legislativos (2018).....	103
6.3.3	Glossário de Termos Orçamentários (2020)	107
6.3.4	Glossário de Termos Técnicos-científicos do Componente Curricular Língua Portuguesa (2020)	110
6.3.5	Glossário de Gêneros e Suportes Textuais Base Nacional Comum Curricular (2020)	114
6.3.6	Glossário Terminológico da Educação Profissional e Tecnológica (2020).....	118
6.3.7	Glossário Ilustrado de Marcas de Proveniência (2021)	121
6.3.8	Glossário de Segurança da Informação (2021)	124
6.4	Os mecanismos de definição.....	128

6.5 Modelo de ficha terminográfica para os termos em estudo..... 129

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....132

1 INTRODUÇÃO

Esta Dissertação tem por objeto o estudo dos termos que conceituam as relações entre pesquisadores de diferentes disciplinas do saber, a saber: interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade, e o estudo de glossários a fim de compreender formas de registrar esses termos. Também há a intenção identificar a coocorrência ou a concorrência entre multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade.

A motivação para esta pesquisa advém de dicionários e de glossários terminológicos não apresentarem com precisão o conceito de cada termos e de não evidenciarem os traços que os distinguem entre si. Daí a necessidade de uma investigação lexical, semântica e socioterminológica do uso desses itens lexicais nos textos de diferentes áreas do conhecimento para os empregar ressaltando semelhanças e dissemelhanças. A partir da década de 1970, estudiosos de diferentes disciplinas de uma mesma área de conhecimento e de diferentes disciplinas de diferentes áreas do conhecimento passaram a estabelecer procedimentos metodológicos para a análise de um mesmo objeto e para a formulação de métodos de análise mais completos, especialmente no âmbito da Educação. No entanto, em ambientes de estudos multidisciplinares, constata-se que há imprecisão no uso dos termos que, por conterem similaridades, motivou o caminho desta pesquisa. Esta Dissertação está dividida do seguinte modo:

No capítulo 1, há a Introdução.

No capítulo 2, há a discussão do conceito de Fundo Lexical Terminológico de Faulstich (2003) com vistas a discutir os métodos de análise do sentido das unidades lexicais estudadas. Para essa fundamentação, parte-se do conceito inicial de signo linguístico de Saussure (2012), posteriormente se inicia a discussão de onomasiologia e semasiologia, que auxiliam no estudo e na organização de unidades lexicais. Em seguida, relacionam-se às análises dos signos linguísticos os fundamentos de Campo Semântico de Pottier (1978) e de Campo Lexical de Coseriu (1981), com vistas a substanciar a análise dos termos com base na organização de campos lexicais proposto por Faulstich (1980) e por Polguère (2018). Essas reflexões iniciais delimitam os processos oriundos da Lexicologia pelos quais os termos serão analisados.

No capítulo 3, há os percursos da teoria da Socioterminologia de Faulstich (2003). Essa teoria possibilita o entendimento de coocorrência ou concorrência entre os termos multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade, o que justifica a compreensão de fundo lexical terminológico que sustenta a investigação socioterminológica relacionada à decomposição de sentido com base em campos semânticos e lexicais.

No capítulo 4, é desenvolvida a Metodologia de Investigação de Pesquisa, que é qualitativa, com vistas a comparar os conceitos de termo. Com base na comparação, segue-se o processo hipotético-dedutivo para a compreensão dos resultados obtidos. A técnica de pesquisa empregada se originou da intersecção entre as

técnicas bibliográfica e documental de Marconi e Lakatos (2003) e de Gil (2008). Assim sendo, procedeu-se à organização da análise também sob os princípios de montagem e de análise de *corpus* para Sardinha (2004).

No capítulo 5, procede-se com base no entendimento de Basílio (2018) sobre a formação dos itens lexicais para compreender a formação dos termos. Com a finalidade de assimilar esses processos, segue-se a descrição da fórmula de formação lexical proposta por Castilho (2016) e por Neves (2018), que sustentam um estudo pancrônico dos itens morfêmicos. Dessa forma, essa busca inicia-se com base nos elementos morfológicos de disciplina, por ser o termo base, primeiro no contexto sincrônico em direção ao contexto diacrônico em Houaiss (2009), em Ferreira (1988), em Nascentes (1932) e em De Vaan (2018). A reconstrução morfossemântica foi utilizada como base para compreender as proposições dos conceitos que os teóricos Japiassu (1977) e Pombo (2010) assinalam para interdisciplinaridade, para multidisciplinaridade, para pluridisciplinaridade e para transdisciplinaridade. A relação entre a análise morfossemântica e a conceituação teórica dos termos orientaram a interpretação dos campos lexicais e dos campos semânticos realizados, o conceito de cada termos e a concorrência ou coocorrência entre os termos multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade.

No capítulo 6, há a discussão acerca da composição dos glossários e de que forma o conceito mais bem evidenciado pode ser registrado com base em Faulstich (2010). Com essa finalidade em vista, desenvolveu-se a análise de oito glossários terminológicos sob os princípios oriundos do pensamento de Faulstich (2011), bem como foi apresentado o modelo de ficha terminográfica utilizado para o registro do conceito dos termos. Ao fim, há o registro dos termos comparado a outras definições dos termos a fim de evidenciar os procedimentos que mais bem evidenciam o sentido de cada item lexical.

Ao final, há as considerações finais acerca do que se pesquisou e as perspectivas a que esse estudo pode orientar. Depois disso, encontram-se as Referências.

2 FUNDO LEXICAL TERMINOLÓGICO

2.1 Signo linguístico, onomasiologia e semasiologia

Na linguagem de especialidade, um termo, assim como um lexema, é uma unidade lexical, “[...] mas específica para os diferentes campos do vocabulário científico e técnico” (Faulstich, 1996, p. 236, tradução nossa). Desse modo, tanto o termo quanto o lexema possuem um fundo lexical terminológico em razão de possuírem conteúdo semântico, pois “[...] ocorre que as terminologias, na condição de elementos do léxico, operam e reoperam conceitos gerais e específicos” (Faulstich, 2003, p. 17). A operação e a reoperação de conceitos gerais e específicos de termos, então, são propriedades que estão associadas, também, à formação de novas unidades lexicais.

Nesse contexto, os termos “[...] organizam-se autonomamente em campos ou áreas temáticas, segundo as características conceituais particularizantes” (Faulstich, 2003, p. 17) em vez de se associarem aos elementos do mundo biossocial, pois a natureza dos termos é de ordem científica e técnica. Assim sendo, os conteúdos semânticos são “[...] suficientes para descrever, sob o rigor da ordem linguística, o termo em análise - o que é - e evitar as inferências de natureza enciclopédica como é, para que serve” (Faulstich, 2003, p. 17). Dessa maneira, a capacidade de os termos terem características conceituais decompostas por princípios linguísticos “[...] constitui o fundo lexical terminológico” (Faulstich, 2003, p. 17), ou seja, a capacidade de as unidades lexicais serem estudadas sob princípios de análises de sentido.

Como a unidade lexical é um signo linguístico, observam-se, na literatura, novas associações de propriedades ao signo que permitem aprofundamento de seu estudo. Em (Saussure, 2012, p. 160), “o signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces” nas quais são contemplados o significante e o significado. O primeiro corresponde, nas palavras do autor, ao conceito, e o segundo, à imagem acústica. Dessa dualidade, surge o entendimento, em (Saussure, 2012, p. 159), de que “os termos implicados no signo linguístico são psíquicos e estão unidos, em nosso cérebro, por um vínculo de associação.” e de que essa associação “[...] não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão (empreinte) psíquica desse som, a representação que dele nos dá”.

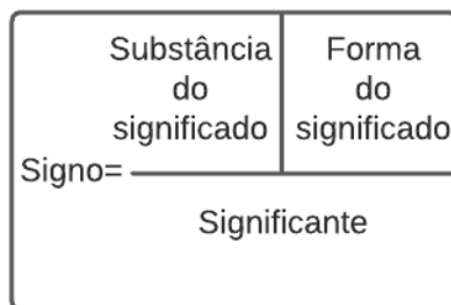
Dessa forma, é evidente a separação do signo em forma de lexema e do signo em forma de termo. Isso ocorre em razão principalmente da natureza da associação conceitual a que eles fazem, os primeiros se referem às situações cotidianas da vida e nominalizam, decodificam e processam as impressões oriundas desses eventos, os segundos se referem às práticas de especialidades. No entanto, tanto o lexema quanto o termo são signos linguísticos, possuindo uma estrutura linguística e um conceito. Logo, tendo em vista que o léxico de uma língua é aberto, ele é passível de receber unidades lexicais, tanto termos quanto lexemas.

Para compreender essas unidades, consagrou-se, como consequência, que os lexemas são estudados pelos princípios da Lexicologia, enquanto os termos são estudados pelos princípios da Terminologia. Por mais que pareçam totalmente distintos, (Cabré, 2002, p. 95, tradução nossa) salienta que as “características comuns que a lexicologia e a terminologia exibem permitem tratá-los pelo menos como assuntos relacionados, [...] mas nem tudo é coincidência entre esses dois assuntos, que para uns fazem parte um do outro e para outros são assuntos diferenciados”. Esse relacionamento assim se mostra, segundo a autora, porque “para criar um termo, o inventor utiliza a lexicologia, a morfologia, semântica e, por fim, componentes lexicais e gramaticais”, assim sendo, toda unidade lexical é dotada de significado e de regras gramaticais passíveis a serem analisados.

Uma vez que a descrição dos conceitos será compreendida a partir da análise do significado, é fundamental compreender a forma como a Teoria dos Campos Semânticos de Pottier (1978) e a Teoria dos Campos Lexicais de Coseriu (1981) embasam procedimentos metodológicos de análise de sentido sistematizados na Semântica Lexical de Polguère (2018). Por conseguinte, é preciso centrar o entendimento no que se refere à compreensão do conceito, ao sentido de cada termo e à significação que os termos estabelecem entre eles.

Na definição de signo para Pottier (1978), as características do signo de Saussure (2012) são expandidas, dando evidência ao conteúdo semântico por meio da nomenclatura de “substância do significado”. Essa substância do significado subsidia o conceito do autor de sememas e de campos semânticos. O signo, para Pottier (1978), é dividido a saber:

Figura 1- Signo linguístico para Pottier



Fonte: (Pottier, 1978, p. 27)

A substância do significado, de acordo com (Pottier, 1978, p. 27), “[...] é constituída por conjuntos de traços semânticos” e pode ser estudada tanto pela onomasiologia quanto pela semasiologia. Na onomasiologia, para (Coseriu, 1981, p. 163, tradução nossa), “o ponto de partida é um significado e estudam-se as relações entre este significado e os diferentes significantes que o expressam” enquanto na semasiologia “[...] o ponto de partida é um significante e são estudadas as relações que unem esse significante aos diferentes significados que ele pode expressar.”.

Como forma de compreender um processo semasiológico, pode-se exemplificar com o item lexical “disciplina” extraído do Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009).

- 1) obediência às regras, aos superiores, a regulamentos;
- 2) ordem, regulamento, conduta que assegura o bem-estar dos indivíduos ou o bom funcionamento;
- 3) ordem, bom comportamento;
- 4) comportamento metódico, determinado; constância;
- 5) ciência, ramo de conhecimento; matéria escolar.

Na definição de disciplina, são evidentes os significados que o significante eventualmente possuirá, ou seja, os sentidos que o compõem. Em procedimentos de análise semasiológica, entende-se que “este é o estudo do signo com o objetivo de determinar qual(s) conceito(s) corresponde(m) a ele(s). Em outras palavras, a semasiologia parte da palavra para buscar suas diferentes significações. A abordagem é, pois, lexical” (Boulanger, 2001, p. 9). Nessa concepção semasiológica, o objetivo é evidenciar o conceito principal do significante e os conceitos por extensão de sentido, por isso, o signo linguístico subsidiaria, ao menos, cinco conceitos a ele associados. Esses, por conseguinte, podem ter sido oriundos de extensões de sentido, assim essa abordagem é consagrada pela Lexicologia e pela Lexicografia.

Em contrapartida, “a terminografia privilegia uma conduta de análise que se apoia sobre a onomasiologia. Este é o estudo do conceito com o objetivo de determinar qual(s) signo(s) corresponde(m) a ele(s). Em outras palavras, a onomasiologia parte do conceito, da ideia, para buscar o ou os diferentes signos lingüísticos (termos) que o exprimem. A abordagem é, pois, semântica” (Boulanger, 2001, p. 10). Ainda nas palavras do autor, “esses signos terminológicos são distribuídos em dois eixos: o eixo substitutivo dos sinônimos (=mesma idéia), o eixo distributivo da rede conceptual (=os diferentes termos de uma rede de idéias)” (Boulanger, 2001, p. 10).

No caso dos eixos substitutivos, um exemplo de termo científico que possui diferentes signos lingüísticos em português é o “célula-tronco”, que é uma célula capaz de se diferenciar em diversos tipos de células e/ou específicas. Dependendo do contexto ou preferência de uso, pode haver diferentes formas de representar esse termo. Por exemplo: “célula-tronco; célula estaminal; célula-mãe; célula precursora; célula progenitora. Essas são algumas variações que podem ser encontradas para se referir às células-tronco. É importante assumir que esses termos podem ter nuances ou contextos específicos.

Dessa forma, ao tomar disciplina não como entidade de signo linguístico, mas como operador semântico, o termo disciplina poderia organizar outros signos como Língua Portuguesa, Matemática, Física, Filosofia,

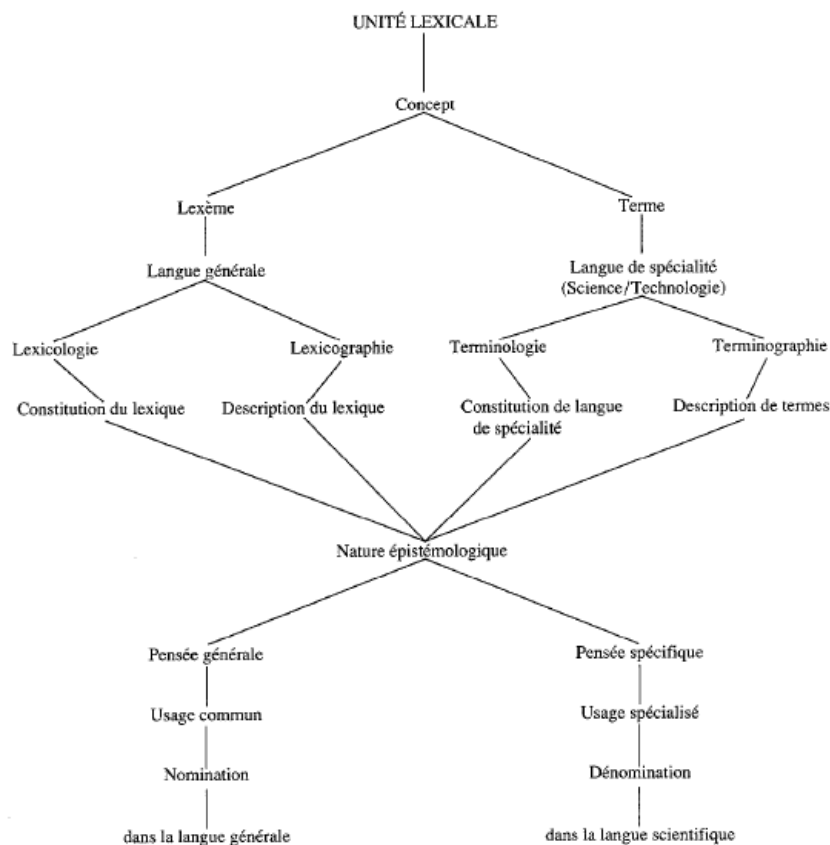
Química, Biologia, Artes e afins. Logo, esse eixo operado pelo sentido de disciplina compõe uma rede conceitual.

Nesta pesquisa, foram utilizados inicialmente os princípios da semasiologia para a identificação dos sentidos que cada termo (interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade) possui. Para a compreensão do sentido, é necessária a utilização de embasamento nos métodos de análise de sentido mais usuais aos procedimentos da Lexicologia e da Lexicografia, porque os termos são compostos, também, por um sentido.

Ademais, também foram utilizados os processos onomasiológicos no momento em que se categorizou itens lexicais com base no entendimento de que eles são ligados à rede conceitual de procedimentos metodológicos que visam ao compartilhamento de metodologias. Esse procedimento assim se estabeleceu, pois os termos surgem em datas próximas umas às outras e fazem parte de um mesmo domínio conceitual, sendo, inclusive, definidos em conjunto pelos autores da área de estudo.

Para melhor representar os domínios de procedimento, (Faulstich, 1996, p. 244) sintetiza os domínios teóricos dos objetos de estudo – o léxico e o termo – na figura 2.

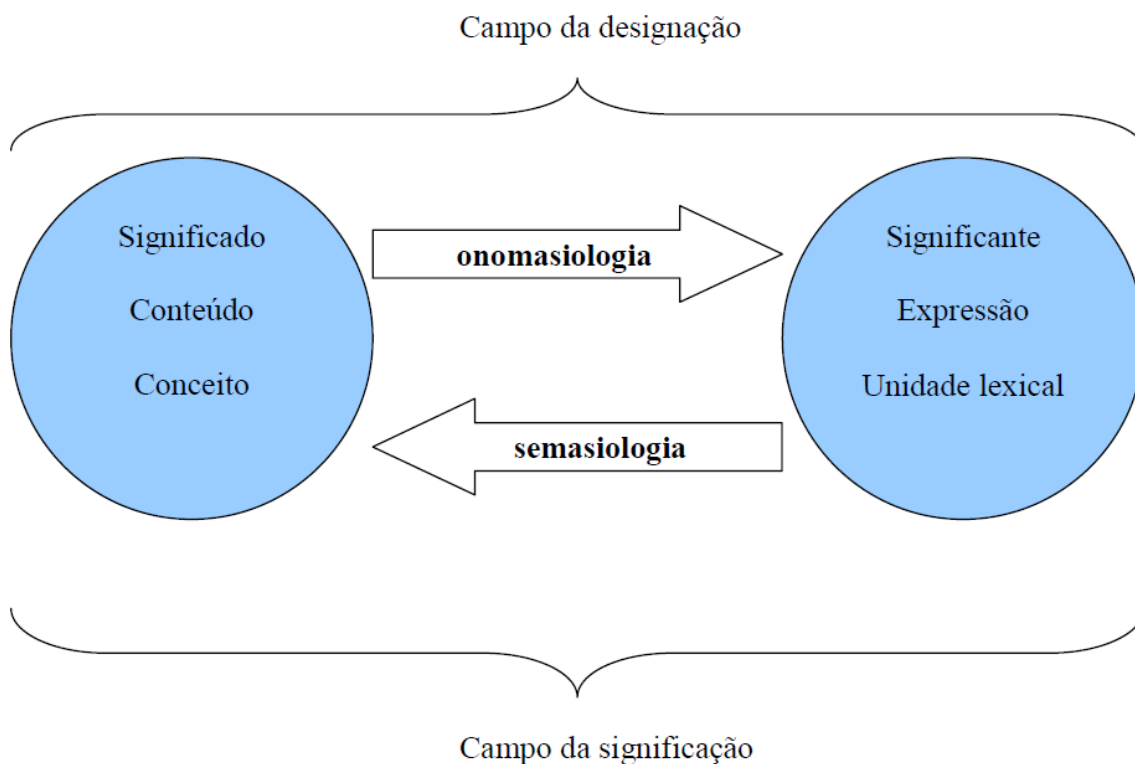
Figura 2- Unidades lexicais para Faulstich



Fonte: (Faulstich, 1996)

Tendo em vista a padronização desses conceitos e o potencial de investigação tanto da onomasiologia quanto da semasiologia, adotou-se o entendimento de Oliveira (2010) que expande o conceito de signo tanto de Saussure (1915) quanto de Pottier (1978). Essa sintetização de procedimentos teóricos, por conseguinte, promove mais ferramentas de análise de um mesmo objeto comum a essas teorias, o signo linguístico, em especial o conteúdo semântico de termos.

Figura 3- Signo Linguístico para Oliveira



Fonte: (Oliveira, 2010)

A figura 3 sintetiza muitas ferramentas de análises do signo linguístico, pois as descrições oriundas de análises pela onomasiologia e pela semasiologia simultaneamente beneficiam a compreensão do significado de termos. Isso ocorre porque “[...] a semasiologia e a onomasiologia são consideradas como métodos sistemáticos de análise que regem a organização das obras lexicográficas e terminográficas.” (Oliveira, 2010, p. 25). Além de organizar as unidades lexicais, esses dois procedimentos também orientam a interpretação de conceitos individuais quanto de áreas temáticas em que esses termos se encontram, promovendo o entendimento de quais unidades lexicais possuem quais conteúdos semânticos.

A união de descrição de sentido por ambos os procedimentos ocorre porque

Há transferências lexicais entre esses procedimentos, por causa do dinamismo das relações 'lexema' e 'termo'. Não existe uma ponte que realmente os separe, se considerarmos o uso real das palavras na língua.

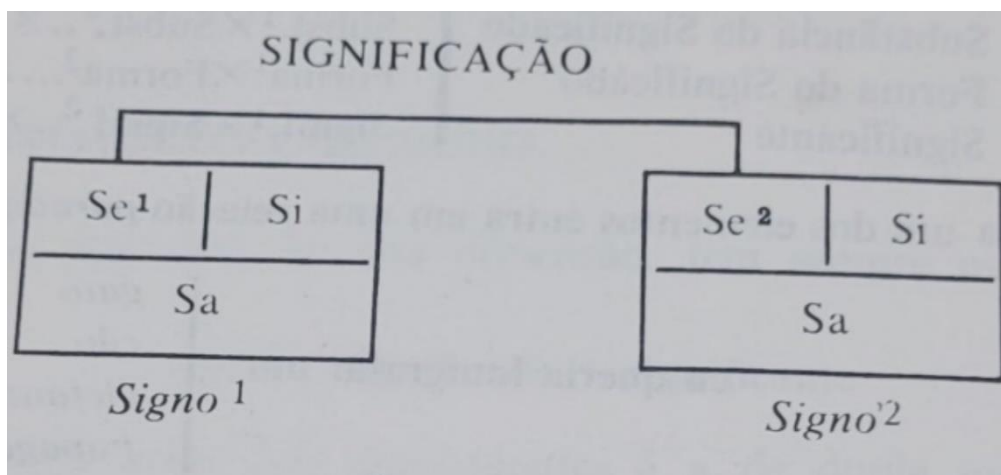
Podemos ver esse percurso de continuidade no processo de vulgarização, em que léxicos saem do estado de termos técnicos ou científicos e entram para a língua comum.” (Oliveira, 2010, p. 26).

Essas transferências, como consequência, se tornam possíveis em razão de se possuir um fundo lexical terminológico, ou seja, os conteúdos semânticos que regem tanto os lexemas quanto os termos. Em razão de a criação de termos ocorrer com base nos elementos linguísticos, como os itens lexicais da língua comum, “[...] os procedimentos semasiológicos e onomasiológicos são utilizados em Terminologia, embora estes últimos sejam empregados com mais frequência.” (Oliveira, 2010, p. 26). Como consequência, a autora salienta que

A semasiologia e a onomasiologia constituem formas distintas de organizar a composição estrutural e funcional de dicionários, glossários, léxicos e vocabulários para sistematizar léxicos da língua comum ou das linguagens de especialidade. Contudo, não devemos fazer uma separação radical entre métodos de descrição para a Lexicografia e para a Terminologia, pois ambas utilizam os procedimentos onomasiológicos e semasiológicos. (Oliveira, 2010, p. 27)

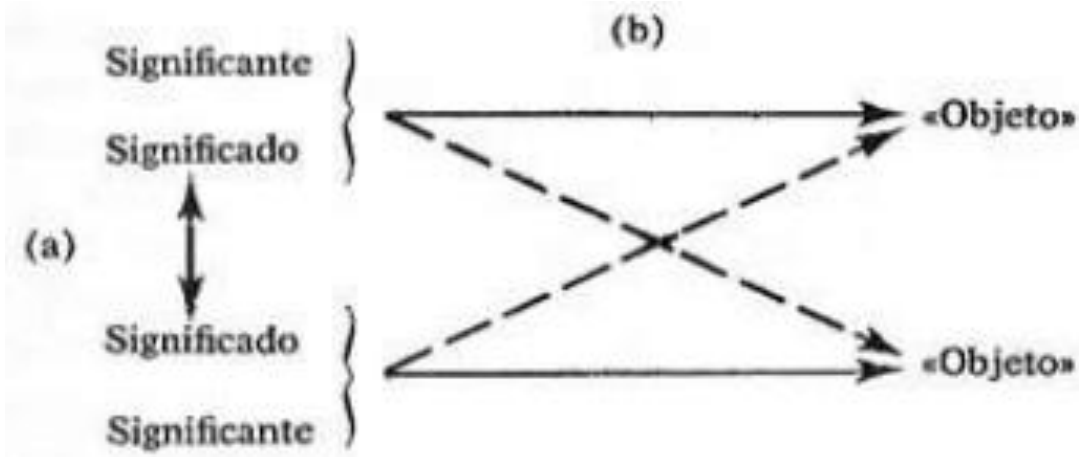
É preciso, dessa forma, definir o que se entende por “significação” e por “designação” para traçar a importância do uso da onomasiologia e da semasiologia. Tanto para Pottier (1978), na figura 4, quanto para Coseriu (1981), na figura 5, a significação é uma relação de sentido que os signos, em especial os significados, mantêm entre eles.

Figura 4- Significação para Pottier



Fonte: (Pottier, 1978, p. 27)

Figura 5- Significação para Coseriu

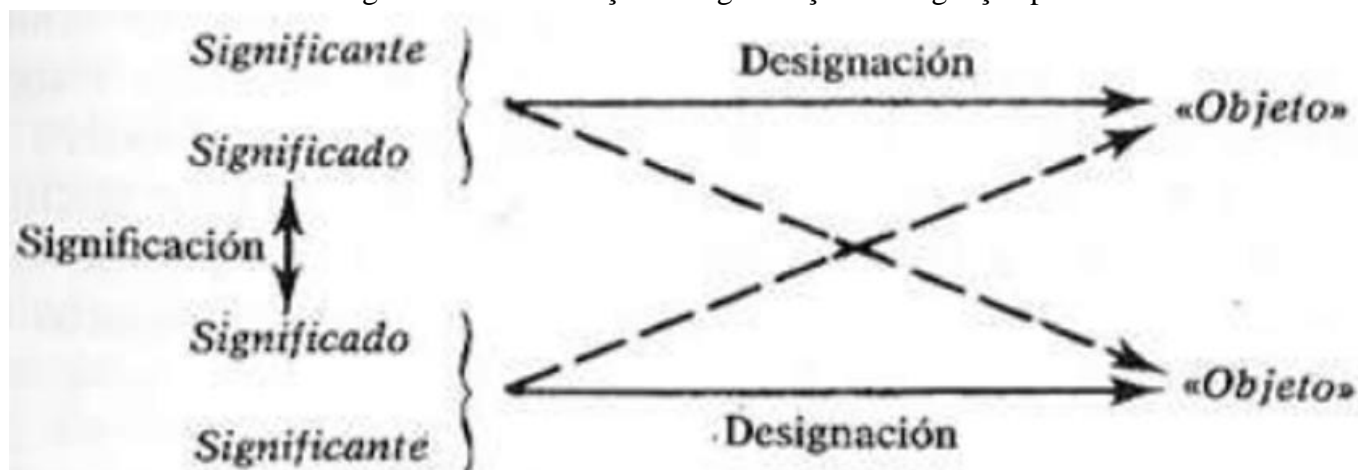


Fonte: (Coseriu, 1981, p. 131)

Na figura 4, Se é o plano da semântica, Si é o plano da sintaxe, enquanto Sa é o plano da significância, ou do significante. A significação se forma em razão das relações que os signos linguísticos estabelecem entre eles, em especial o plano semântico desses signos. Na figura 5, o significado, o plano do conceito, também se relaciona a um outro significado para compor a significação. Nesse contexto, a significação perpassa os significados porque alguns signos linguísticos possuem sentidos próximos, no entanto, se separam porque há oposições semânticas entre eles, por conseguinte a significação é composta por todos esses sentidos compartilhados.

No entendimento de (Coseriu, 1981, p. 131, tradução nossa), “[...] em princípio, apenas as relações de significação são estruturáveis; relacionamentos de nomenclatura não são”, Polguère (2018), no entanto, apresenta um pensamento oposto. A nomenclatura, segundo Coseriu (1981), segue procedimento diacrônico, porque as significações constroem-se por meio de metáforas dessas designações. Nesse contexto, “a designação concreta (de um determinado objeto) é um fato do «discurso», enquanto a significação é um fato da linguagem (técnica do discurso).”, sendo a designação, portanto, importante do ponto de vista sincrônico. Dessa forma, o autor apresenta a seguinte conceituação acerca da significação e da designação.

Figura 6 – Conceituação de significação e designação para Coseriu



Fonte: (Coseriu, 1981, p. 163)

Fica evidente, portanto, a necessidade da observação de um objeto por meio de procedimentos oriundos tanto da semasiologia quanto da onomasiologia. Nos próximos capítulos, associam-se os procedimentos analíticos que cada teoria apresenta, os relacionamentos entre eles e a elaboração do processo utilizado para a análise do fenômeno.

2.2 A decomposição do sentido

A decomposição de sentido por meio da utilização de campos lexicais é uma metodologia que possui procedimentos técnicos e conceituais diferentes para Pottier (1978), Coseriu (1981), Faulstich (1980, 2010) e Pottier (2018). Depois de realizar um contraste dessas metodologias, é necessário relacionar alguns processos com vistas a compreender a significação e o significado das unidades lexicais. Assim sendo, é necessário cotejar esses procedimentos a fim de os relacionar.

A prática de estruturar os sentidos aos quais as unidades lexicais podem se associar ou não se associar se origina em Trier (1930), com a finalidade de definir com maior precisão os itens lexicais. Em Pottier (1978), o autor apresenta que o significado do signo linguístico é composto de uma substância do significado e da forma do significado, em que o primeiro teria por objeto de estudo o sentido dos itens lexicais, enquanto que o segundo teria por objeto de estudo às relações sintáticas. A discussão da substância do significado proposto por Pottier (1978), nesse sentido, acrescenta que a análise dos sentidos deve ocorrer por meio do procedimento de oposição, como é feito tanto na área da Fonética, da Fonologia, da Morfologia e da Sintaxe.

Dessa maneira, (Pottier, 1978, p. 29) evidencia que “[...] a substância do significado de um signo (Se) é constituída por um conjunto de traços distintivos de significação”. Os traços distintivos de significação ocorrem porque “[...] os semas denotativos são, ou específicos, quando permitem distinguir dois sememas vizinhos (ex.: /duas vezes/ em bicampeão em face de tricampeão): ou genéricos, quando indicam a dependência a uma

categoria geral (ex.: /humano/ para bicampeão, tricampeão). Assim sendo, de acordo com Pottier (1978, p. 30), “o conjunto de semas específicos é o semantema”, e o semantema distingue sentidos de unidades lexicais.

A análise semântica para (Pottier, 1978, p. 69) possui três níveis fundamentais, sendo a primeira a mais necessário à pesquisa, pois “[...] a semântica analítica se preocupa com a análise em semas, ou traços mínimos de significação”. Na Semântica Analítica de Pottier (1978), a substância do significado estava inicialmente restrita ao sentido do morfema que compõe a unidade lexical. Dessa maneira, para (Pottier, 1978, p. 71), a forma de estruturar o significado de itens lexicais ocorre também por meio da análise dos morfemas como estruturante dos campos de sentidos, mas não somente, tendo em vista que as lexias também podem fundamentar a formação de campos de sentidos, por causa das novas unidades lexicais criadas.

De forma a expandir a maneira como se estrutura o sentido, (Pottier, 1978, p. 74) afirma que “[...] os semas são relativos a um conjunto de acontecimentos” e que “se se reúnem os dois eixos semânticos citados, obtêm-se diferentes maneiras de examinar os fenômenos de significação”. Apesar da orientação de que dois eixos semânticos diferentes promovem melhor compreensão do objeto, não há uma evidente orientação de como as lexias, significantes sem associação a um sema para o autor, assentam a formulação de semema, ou campos de sentido.

O modo de Pottier (1978) de apresentar uma estruturação semântica por meio de traços de oposição de sentido entre unidades lexicais suscita o questionamento de como esse semema é constituído. A resposta desse questionamento se encontra na Teoria Linguística de Coseriu (1981) em que o autor apresenta o estudo das lexemáticas. A oposição de sentido entre unidades lexicais, de igual forma, também é defendida por (Coseriu, 1981, p. 25, tradução nossa), pois “[...] do ponto de vista metodológico, é possivelmente a razão mais importante, duvida-se da possibilidade de um tratamento estrutural do léxico devido à própria existência de estruturas lexicais simples e claras, semelhantes às da gramática e da fonologia.”

Durante algum tempo dos estudos linguísticos, a estruturação de sentido era uma prática apontada como difícil, sendo mais estruturáveis os fonemas e os morfemas. Isso ocorreu, conforme (Coseriu, 1981, p. 25, tradução nossa), porque “as associações semânticas das unidades do léxico são muito numerosas e quase inextricáveis, que a regularidade material da gramática não existe no léxico e, por fim, que o léxico é o domínio menos estruturado da língua. Por conseguinte, (Coseriu, 1981, p. 28, tradução nossa) orienta que “se por “estrutura” se entende a delimitação e organização de uma substância por meio de unidades funcionais diferentes em diferentes línguas, certamente é lícito falar de uma estrutura lexical”. Dessa forma, “[...]a organização da experiência do real por meio das unidades lexicais e a organização da substância fônica por meio de fonemas são totalmente comparáveis”.

Para aprofundar a defesa de que as estruturas lexicais também são estruturáveis e sustentam um sistema de oposição de sentidos, (Coseriu, 1981, p. 29, tradução nossa) postula que

Se por “estrutura” se entende a existência de oposições distintivas, isto é, o fato de as unidades funcionais aparecerem formando grupos, em que essas unidades são em parte idênticas e em parte diferentes e funcionam, em virtude de suas características diferenciais, como membros opositoristas desses grupos, é igualmente legítimo falar de <<estruturas lexicais>> [...]”. (Coseriu, 1981, p. 29, tradução nossa)

No entendimento de distinção de sentido por meio de uma estruturação, tanto Pottier (1979) quanto Coseriu (1981) compreendem tal necessidade e a defendem. Outra relação entre o pensamento dos autores é metonímica, porque (Coseriu, 1981, p. 39, tradução nossa) afirma que

A teoria dos campos lexicais deve ser aprofundada e desenvolvida e que uma das direções possíveis para isso é, justamente, a direção estrutural. Da mesma forma, pensamos que a teoria dos campos conceituais deve ser combinada com a doutrina funcional das oposições linguísticas (que de outra forma está implícita nesta teoria) e que o teste de comutação também deve ser aplicado às relações lexicais, não para identificar as unidades que, em neste caso, são normalmente dados como tais-, mas para estabelecer os traços distintivos que os caracterizam e, assim, as oposições de conteúdo em que funcionam”. (Coseriu, 1981, p. 39, tradução nossa).

Desse reconhecimento, há de se destacar a Teoria dos Campos Lexicais e a Teoria dos Campos Conceituais, no entendimento do autor, como implicadas, ou seja, uma dependente da outra. Assim sendo, “[...] deve-se supor, então, que cada campo conceitual possui um conteúdo unitário (um valor)” e que esse conteúdo é subdividido” por meio de oposições entre os termos (“palavras”) que lhe pertencem.” (Coseriu, 1981, p. 40, tradução nossa). Desse modo,

em outras palavras: na prática, um campo se estabelece a partir de simples oposições entre palavras e fins onde uma nova oposição exigiria que o valor unitário do campo se tornasse um traço distintivo, isto é, quando não são mais as palavras como tais são aquelas que se opõem a outras palavras, mas todo o campo se torna termo de uma oposição de ordem superior, exatamente da mesma forma que, no domínio da fonologia, uma vogal não se opõe individualmente a cada consoante, mas a todas as consoantes juntas como membros de outro «sistema (ou «paradigma fônico»)). (Coseriu, 1981, p. 39, tradução nossa).

Ao se refletir a interdisciplinaridade, a multidisciplinaridade, a pluridisciplinaridade e a transdisciplinaridade, é evidente haver significações comuns entre os quatro termos. No entanto, o significado é manifestado nesses termos por meio das oposições entre as significações, isto é, cada termo possui características próprias. Nesse contexto, os campos conceituais são conjuntos de unidades lexicais unidos por um valor semântico, e “[...] podemos considerar o objeto da semântica estrutural diacrônica como identificado e estabelecido: é o desenvolvimento histórico de “campos conceituais” considerados como estruturas de conteúdo lexical” (Coseriu, 1981, p. 43, tradução nossa). Ao estudar e ao decompor os significados, duas coisas chamam a atenção: *i*) a diferença de campos conceituais ou diferença na composição dos campos resulta em diferenças de significado; e *ii*) a composição dos campos conceituais evidenciam, também, diferenças de sentido.

Em se tratando de oposição de sentido, (Coseriu, 1981, p. 92, tradução nossa) orienta que “na descrição do léxico de uma língua, portanto, podem ser estabelecidas estruturas primárias, comuns, e estruturas secundárias, não comuns”. As estruturas primárias e as estruturas secundárias se manifestam, respectivamente, por meio do traço “+” e do traço “-”, indicando as oposições.

Na teoria de Coseriu (1981), há dois grandes grupos de campos lexicais: os campos unidimensionais e os campos pluridimensionais, o primeiro é de maior interesse à pesquisa. Nesse sentido, (Coseriu, 1981, p. 221, tradução nossa) assenta que “os campos unidimensionais pertencem a três subtipos, determinados pelos tipos formais de oposição nos quais se fundem e os caracterizam: chamamos a estes subtipos de antonímico, gradual e serial.”. Nesse sentido, os campos antonímico, para (Coseriu, 1981, p. 221, tradução nossa), “baseiam-se em oposições privativas [...], ou seja, em oposições do tipo x/não x. São campos bipolares constituídos, na maioria dos casos -ao nível de suas oposições básicas-, por apenas dois termos, um dos quais é a «negação» do outro”. Dessa forma, torna-se evidente que a configuração do campo teria como arquilexema a oposição entre os sentidos de determinadas unidades lexicais.

A segunda maneira de organizar o campo lexical para Coseriu (1981) é estabelecendo uma relação serial. Para (Coseriu, 1981, p. 222, tradução nossa), os campos “seriais” (isto é, ordenados como “series”) são constituídos por oposições multilaterais equipolentes. Nesses campos, “não se tem nem polaridade (concentração bipolar da substância semântica), como nos campos antônimos, nem gradualidade ascendente ou descendente”. Esse tipo de campo é mais produtivo à nossa pesquisa, uma vez que se pode estabelecer um traço sêmico que perpassa todas as unidades lexicais sem as dividir em oposições do tipo antonímica ou gradual.

Ainda, o campo serial é dividido de duas formas, que pode ser ordinal e não ordinais. Isto posto, (Coseriu, 1981, p. 222, tradução nossa) caracteriza que “[...] nos campos ordinais, as oposições são de natureza “relacional”; nos não ordinais, de natureza “substantiva” [...]”, já os campos ordinais, segundo o mesmo autor, “são séries fechadas e os lexemas neles são ordenados em ordem fixa, que, além disso, os determina, caso contrário (se você remover o que pertence ao arquilexema) são termos semanticamente vazios”. Parece mais apropriada, para tratar o *corpus* de ocorrências de unidades lexicais, a aplicação do campo não ordinais, pois (Coseriu, 1981, p. 223, tradução nossa) afirma que os “campos não ordinais são lexemas não ordenadas e, ao mesmo tempo, novos lexemas podem ser adicionados a eles indefinidamente.”. Assim sendo, a organização por meio de um arquilexema pode estruturar um campo em que, indefinidamente, se acrescentam as unidades lexicais de acordo com a estruturação escolhida. Em razão de o campo não ser ordenado, a ordenação cabe ao pesquisador, embasado em princípios adotados para a estruturação.

O terceiro modo de organizar os campos lexicais também se manifesta por meio de uma relação bilateral, isto é, a forma gradual. De igual forma ao campo antonímico, o campo gradual pode estabelecer gradualidade, por exemplo, entre unidades lexicais antonímicas, esse é o caso de “lindo”, “chavoso”, “pinta” e “bonito”, em

que os traços semânticos que distinguem os adjetivos são tanto de formalidade, quanto de gradação de beleza. No entanto, esse tipo de campos, conforme (Coseriu, 1981, p. 225, tradução nossa), “não poderiam ser reduzidos ao tipo antonímico”. Na definição de (Coseriu, 1981, p. 225, tradução nossa), “a própria condição da gradualidade é que haja um mínimo e um máximo de uma dada propriedade. Termos correspondentes podem, portanto, sempre ser interpretados como termos ‘opostos’ ”.

Assim sendo, os pensamentos de Pottier (1978) e de Coseriu (1981) podem ser relacionados no momento de decompor o significado de unidades lexicais. Essa união é percebida por (Fausltich, 1980, p. 46) quando a autora afirma que “campo lexical é o conjunto de vocábulos empregados para designar, qualificar, caracterizar e significar uma noção, uma atividade, uma técnica, uma pessoa” e que “um vocabulário é, pois, um grande campo lexical que pode ser reagrupado em pequenos campos de acordo com as relações (hiponímia, sinonímia, antonímia etc).”.

Na Teoria da Lexicologia e Semântica Lexical, de Polguère (2018), há duas definições para campo semântico e para campo lexical que resultam das percepções tanto de Pottier (1979) quanto de Coseriu (1981). O primeiro, para (Polguère, 2018, p. 197), “[...] é um agrupamento de lexias cujas definições têm em comum o sentido ‘S’, enquanto o segundo “[...] é um agrupamento de vocábulos cujas lexias de base pertencem ao campo semântico de S” (Polguère, 2018, p. 199). Logo, observa-se haver uma relação possível entre a Teoria de Campos Semânticos e a Teoria dos Campos Lexicais e embasamento necessário para estudar significados.

Para aprofundar o estudo do significado, é preciso discutir, sob os princípios de Polguère (2018), as relações lexicais, tendo em vista que elas “[...] são consideradas fundamentais, porque formam o arcabouço da estruturação semântica do léxico de qualquer língua” (Polguère, 2018, p. 160). Uma relação lexical é o modo como cada item lexical se comporta com relação a outro. Esse comportamento reflete o sentido que cada unidade possui em comparação entre um e outro.

Dessa maneira, de acordo com (Polguère, 2018, p. 160) “[...] as relações abordadas [...] são, acima de tudo, relações semânticas entre unidades lexicais.”. Em retorno ao pensamento de Pottier (1979), (Polguère, 2018, p. 160) afirma que “passaremos a denominar doravante semantema um sentido lexicalizado, isto é, exprimível por uma lexia da língua.”. Ao abordar que o semantema é exprimível por meio de itens lexicais, o autor evidencia que o semantema é também o estruturador de um campo lexical, ou seja, um paradigma de itens lexicais. Por conseguinte, “as relações lexicais serão, assim, caracterizadas em função da relação que com elas mantém os semantemas que elas colocam em jogo.” (Polguère, 2018, p. 160).

O sentido lexical como um conjunto estruturado de sentido, para (Polguère, 2018, p. 158), é dividido em quatro relações semânticas. O primeiro é o de identidade de sentido, como “aluno” e “estudante”. O segundo é o de intersecção de sentido, ou seja, um sentido que fica entre dois sentidos, a exemplo “estudante” e “professor” em que pode se ter uma intersecção como “ensino”. O terceiro é um caso particular de uma

intersecção de sentido, como assinala Polguère (2018), dessa forma, a intersecção corresponderia a um dos dois sentidos, a exemplo “professor” e “ensino”. O quarto caso é o de disjunção de sentido, em que as unidades lexicais possuem sentidos diferentes, como “livro” e “arma”.

As duas primeiras relações lexicais a serem defendidas são as que também se implicam, isto é, mantêm uma relação metonímica ou uma inclusão de sentido. Assim sendo, conforme (Polguère, 2018, p. 160), “a hiperonímia e a hiponímia são duas relações semânticas lexicais conversas, que constituem um caso particular de inclusão de sentidos.”. Essa inclusão de sentidos se relaciona ao campo lexical não ordinal, de Coseriu (1981), em que se pode acrescentar itens lexicais em um paradigma de sentido. (Polguère, 2018, p. 160) conceitua que “a lexia L^1 é um hiperônimo da lexia L^2 , se essas duas lexias estão unidas por uma relação semântica que possua as seguintes propriedades: (i) o semantema “ L^1 ” está incluído no semantema “ L^2 ”; (ii) “ L^2 ” denota um caso particular de L^1 , A lexia L^2 , por sua vez, é chamada hipônimo de L^1 .”.

Essa relação hiperônimo e hipônimo está para a relação campo semântico e campo lexical. Assim sendo, conforme assinala (Polguère, 2018, p. 160), “[...] diremos que o sentido de um hipônimo é mais rico do que o de seu hiperônimo e, inversamente, que o sentido de um hiperônimo é menos rico do que o de seu(s) hipônimo(s)”. Essa afirmação constitui valiosa interpretação aos campos lexicais. Se o hipônimo possui valor maior valor semântico, por consequência a composição dos campos lexicais é mais rica em termos de significação e de significado.

A sinonímia é outra relação de sentido que está mais voltada à identidade de sentido apresentada por Polguère (2018). Nas palavras de (Polguère, 2018, p. 162), “a sinonímia é a relação lexical semântica por excelência [...]”, e o autor distingue dois tipos de sinonímia: *i*) identidade total de sentido, em que não haja alteração semântica; e *ii*) identidade parcial de sentido. A primeira, identidade total de sentido, é muito difícil de existir, tendo em vista que os itens lexicais, ao serem estruturados, apresentam oposições de sentido.

A antonímia, em contraposição, é uma relação de sentido que se relaciona à disjunção de sentido. O entendimento de (Polguère, 2018, p. 164) é o de que “[...] embora a antonímia se oponha naturalmente à sinonímia, esses dois tipos de relação estão, no fim das contas, muito próximos entre si, pois ligam lexias e apresentam um forte parentesco semântico”. Nesse contexto, a relação de sinonímia e de antonímia também parece possuir uma relação metonímica, em que um implique o outro.

Como consequência, essas relações de sentido podem configurar um campo lexical de modo a atender às necessidades específicas de cada objetivo. Para além da identificação somente de uma unidade lexical, a intersecção entre a Teoria dos Campos Semânticos, a Teoria dos Campos Lexicais, a Teoria da Lexicologia e da Semântica Lexical dá aos campos semânticos e aos campos lexicais muitas propriedades para subjazer às análises diversas. Duas dessas análises são a decomposição de significado de termos e a identificação de concorrência ou de coocorrência de termos de uma área de especialidade.

2.3 Breve síntese

Para a realização desta pesquisa, adotou-se que o traço semântico que organiza o campo lexical, terminologia adotada em detrimento do uso de campo conceitual, por Coseriu (1981), é o sema. O traço de sentido a ser utilizado durante a categorização dos itens mais frequentes que ocorrem com os termos é o hiperônimo, pois é uma relação lexical passível de organização, ao buscar um sentido comum aos itens lexicais e os relacionar por meio dele. Esse conjunto de campos semânticos forma a significação dos termos estudados, e a oposição primária e secundária evidenciam o significado, o conceito, dos termos.

Um exemplo dessa aplicação teórica pode ser aplicado à organização dos seguintes itens lexicais: abacate; abacaxi; acerola; caju; cereja; figo; kiwi; mamão; maracujá; maçã; melão; morango; pera; tomate; urucum e vagem. Uma vez listados os itens lexicais, é possível organizá-los com um traço de sentido que seja comum a todos, um exemplo é a divisão de frutos e pseudofrutos.

Quadro 1 – Campo lexical de fruto e de pseudofruto

Propágulos	
Fruto	Pseudofruto
Abacate;	Abacaxi;
Acerola;	Caju;
Cereja;	Figo;
Mamão;	Kiwi;
Maracujá;	Maçã;
Melão	Morango;
Tomate;	Pera.
Urucum;	
Vagem.	

Fonte: (elaborado pelo autor)

Com base nessa organização, é possível distribuir os itens lexicais mais frequentes e os organizar com base em um sentido comum entre eles, assim se formarão campos semânticos que podem, ao mesmo tempo, ser contrastados. Tanto fruto quanto pseudofrutos são propágulos, um propágulo é uma estrutura reprodutiva especializada que algumas plantas utilizam para se reproduzir assexuadamente. Essas estruturas são capazes de se separar da planta-mãe e originar uma nova planta, sem necessidade de fertilização ou troca de material genético.

No entanto, é possível observar a categorização dos propágulos entre frutos e pseudofrutos, e a diferença entre eles está relacionada à origem dos tecidos envolvidos e à sua contribuição para a estrutura. O primeiro é uma estrutura reprodutiva encontrada em plantas com flores (angiospermas). Ele se desenvolve a partir do ovário fertilizado da flor após a fertilização, onde os óvulos se transformam em sementes. Como consequência,

o fruto é composto principalmente por tecidos derivados do ovário da flor, como o pericarpo, que é dividido em três camadas: exocarpo (casca), mesocarpo (polpa) e endocarpo (membrana interna). Ademais, sua função principal é proteger e dispersar as sementes, além de auxiliar na sua germinação.

Em contrapartida, o pseudofruto é uma estrutura que se assemelha ao fruto verdadeiro, mas não é derivado exclusivamente do ovário fertilizado. Ele é formado a partir de outras partes da flor, como o receptáculo floral, brácteas, pedicelo ou outros tecidos acessórios. O pseudofruto pode se desenvolver em torno do verdadeiro fruto ou substituí-lo completamente. Sua função pode ser atrair animais para a dispersão das sementes, fornecer proteção adicional às sementes ou auxiliar na reprodução da planta por meios assexuados.

Ainda se pode observar que os itens lexicais também podem ser organizados com base em outro traço de sentido. Outro exemplo é a organização de sentido em frutos secos e em frutos carnosos.

Quadro 2 – Campo lexical de propágulos secos e carnosos

Propágulos	
Carnosos	Secos
Abacate;	Urucum;
Abacaxi;	Vagem.
Acerola;	
Caju;	
Cereja;	
Figo;	
Kiwi;	
Maçã;	
Mamão;	
Maracujá;	
Melão	
Morango;	
Pera;	
Tomate.	

Fonte: (elaborado pelo autor)

A diferença entre propágulos carnosos e secos está relacionada à composição e às características físicas dessas estruturas de dispersão. Os propágulos carnosos são estruturas de dispersão que possuem alto teor de água e são caracterizados por sua consistência carnosa, suculenta e macia. Eles geralmente contêm reservas de água e nutrientes que permitem sua sobrevivência em ambientes secos ou durante períodos de dormência. Exemplos comuns de propágulos carnosos incluem frutos, pseudofrutos, tubérculos e bulbos suculentos. Essas estruturas são frequentemente consumidas por animais, que ajudam na dispersão das sementes ou na disseminação dos propágulos através das fezes.

No entanto, os propágulos secos são estruturas de dispersão que possuem baixo teor de água e geralmente são compostos por tecidos secos, duros e resistentes. Eles são adaptados para resistir a condições adversas, como falta de água e temperaturas extremas, o que lhes permite sobreviver por longos períodos de dormência até que encontrem condições adequadas para germinação. Exemplos comuns de propágulos secos incluem sementes, grãos, esporos e bulbos secos. Essas estruturas podem ser facilmente transportadas pelo vento, água, animais ou outros mecanismos de dispersão, permitindo a colonização de novas áreas. Por fim, também é possível organizar esses itens lexicais ao se considerar a cor dos propágulos.

Quadro 3- Campo lexical de sentido de cor

Cor					
Amarela	Laranja	Mista	Roxo	Verde	Vermelha
Abacaxi;	Caju.	Melão;	Figo.	Abacate;	Acerola;
Maracujá;		Tomate.		Kiwi;	Cereja;
Mamão.				Maçã;	Morango;
				Pera;	Urucum.
				Vagem.	

Fonte: (elaborado pelo autor)

A organização dos itens lexicais com base em um traço de sentido evidencia melhor o sentido de cada item. Por conseguinte, ao agrupar os itens lexicais em campos semânticos, é possível proceder à organização deles e estabelecer um quadro qualitativo que compara os itens lexicais às características de sentido que eles podem ou não possuir, sinalizado por “+” ou por “-”, como no quadro 4.

Quadro 4- Oposição de campos semânticos entre itens lexicais de propágulos

Itens lexicais	Campos semânticos									
	Propágulos				Cor					
	Fruto	Pseudofruto	Seco	Carnoso	Amarela	Laranja	Mista	Roxo	Verde	Vermelha
Abacate;	+	-	-	+	-	-	-	-	+	-
Abacaxi;	-	+	-	+	+	-	-	-	-	-
Acerola;	+	-	-	+	-	-	-	-	-	+
Caju;	-	+	-	+	-	+	-	-	-	-
Cereja;	+	-	-	+	-	-	-	-	-	+
Figo;	-	+	-	+	-	-	-	+	-	-
Kiwi;	-	+	-	+	-	-	-	-	+	-
Mamão;	+	-	-	+	+	-	-	-	-	-
Maracujá;	+	-	-	+	+	-	-	-	-	-
Maçã;	-	+	-	+	-	-	-	-	+	-
Melão;	+	-	-	+	-	-	+	-	-	-
Morango;	-	+	-	+	-	-	-	-	-	+
Pera;	-	+	-	+	-	-	-	-	+	-
Tomate;	+	-	-	+	-	-	+	-	-	-
Urucum;	+	-	+	-	-	-	-	-	-	+
Vagem.	+	-	+	-	-	-	-	-	+	-

Fonte: (elaborado pelo autor)

Por fim, a construção do quadro 4 evidencia duas coisas: a relação entre a onomasiologia e a semasiologia. Com relação à primeira, é válido pontuar o sentido de o hiperônimo fruto como organizador dos itens lexicais que compartilham um traço comum. Com relação à segunda, é necessário compreender que cada item lexical de fruta pode ser definido, com seus conceitos particulares em determinados contextos. No entanto, o uso de um em detrimento de outro pode receber uma ênfase, mas não deve ser feito isoladamente, porque a percepção do macro evidencia semelhanças e dissemelhanças importantes de sentido que devem ser analisados.

3 DA TERMINOLOGIA GERAL À SOCIOTERMINOLOGIA

3.1 Os princípios da Terminologia Geral e da Socioterminologia

O precursor dos estudos em Terminologia é Eugen Wüster quando publicou obra “Die internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektrotechnik”, de 1931, em que sistematizou termos de uma área da engenharia. Nesse estudo, o autor “[...] defendia a tese de que a terminologia não deveria acolher ambiguidades realizadas por denominações plurivalentes (termos homônimos e polissêmicos) e por denominações múltiplas (termos sinônimos)” (Faulstich, 2001, p. 17). Essa ação foi importante à época em função da padronização dos termos, medida mais importante à Terminografia do que à Lexicologia.

Nesse pensamento, no entanto, questiona-se a ausência de um fundo lexical que subjaz tanto ao lexema quanto ao termo. Esse fundo lexical é composto das propriedades intrínsecas às unidades linguísticas, os sentidos dos termos que podem concorrer a variações. Tal restrição de ambiguidades ou de denominação plurivalentes aos termos também ocorreu no âmbito de variação, pois “[...] parece que nesse contexto, terminologia e variação são visões que não se coadunam, pois a terminologia tradicional tinha justamente o objetivo de eliminar a variação em uma linguagem de especialidade.” (Faulstich, 2001, p. 18).

Em decorrência dessa perspectiva, o entendimento sobre a forma de compreender e de estudar os termos não visava a consideração das características dos termos que eram reflexos de comportamentos sociais e podiam concorrer, em estrutura e em conceito, em detrimento da rigidez da padronização. Em oposição conceitual a esse pensamento, (Fausltich, 2001, p. 20) salienta que “[...] a terminologia está voltada para a observação do uso do termo em contextos de língua oral e de língua escrita, atitude que implica a possibilidade de identificação de variantes dentro de um mesmo contexto ou em diferentes contextos em que o mesmo termo é usado.”. Com base nisso, é entendido que os termos devem ser submetidos a princípios de análise que resultem de métodos lexicológicos e sociológicos, pois “[...] a terminologia é passível de variação porque faz parte da língua, porque é heterogênea por natureza, e porque é de uso social.” (Faulstich, 2001, p. 20).

Essa afirmação vai de encontro ao pensamento de (Coseriu, 1981, p. 96, tradução nossa), que defende que “[...] as terminologias científicas e técnicas não pertencem à linguagem e, portanto, às estruturas lexicais da mesma forma que as palavras usuais: constituem usos da linguagem para classificações diferentes (e, em princípio, autônomas) da realidade ou de certas seções da realidade.”. De fato, as terminologias não são usadas na sociedade geral de igual forma como são usados os lexemas, mas elas fazem parte da linguagem, uma vez que os termos não se relacionam somente a outros termos, mas se relacionam aos lexemas e aos itens gramaticais.

Do ponto de vista de (Coseriu, 1981, p. 96, tradução nossa), “as terminologias não são absolutamente “estruturadas” (são simples “nomenclaturas” enumerativas correspondentes a delimitações de objetos) e, na

medida em que o são, sua estruturação não corresponde às normas da língua, mas sim aos pontos de vista e às exigências das respectivas ciências e técnicas, que se referem à própria realidade das coisas.”. Nesse contexto, duas coisas precisam ser questionadas: *i*) a negação de que os termos sejam estruturáveis em termos de sentido; e *ii*) a não correspondência à norma da língua. No primeiro caso, é importante entender que os termos interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade derivam de um mesmo lexema, disciplina. O item lexical “disciplina” é estruturável, e o seu sentido possibilita que outros itens lexicais sejam formulados por meio da implementação de afixos que sigam as regras de construção de itens lexicais, e, por conseguinte, os itens lexicais derivados também podem ser estruturados.

Outro exemplo de decomposição de significado de terminologias pode ser visto na taxonomia dos seres vivos, método utilizado nas Ciências Biológicas. A taxonomia consiste no trabalho de classificação e de nomenclatura, em que a classificação é a estruturação de um ser vivo com base em critérios, e a nomenclatura dá nome aos indivíduos e aos grupos a que pertencem. Por conseguinte, os termos *Homo neanderthalensis* e *Homo sapiens* também evidenciam que há características biológicas compartilhadas, por meio do gênero, e características não compartilhadas, por meio da espécie. Essa representação é, de fato, mais objetiva do que os itens lexicais da linguagem comum, no entanto, todos são resultados de associações semânticas.

(Coseriu, 1981, p. 96, tradução nossa) afirma que não se pode realizar campos lexicais para os termos, porque “[...] esses supostos campos não organizam significados, mas fenômenos linguísticos definidos por ciências e técnicas e objetos, classes de designata, e, nesse sentido, são classificações objetivas, não estruturações semânticas.”. Desse pensamento as conclusões a serem refletidas são: *i*) a desconsideração de as terminologias possuírem conteúdo semântico e *ii*) as terminologias não poderem ser estruturadas.

Com relação ao conceito das terminologias, (Coseriu, 1981, p. 99, tradução nossa) afirma que “[...] na realidade, os “significados” das terminologias são conhecidos na medida em que se conhecem as ciências e as técnicas a que correspondem, e não na medida em que se conhece a linguagem: pertencem a universos de discurso determinados e que só podem ser definidos em relação a estes universos do discurso.”. Em contrapartida, não se pode deixar de observar que a própria língua permite que novas criações sejam interpretadas por meio de uma nomenclatura, inclusive evidenciar quais são os semas que pertencem a uma entidade lexical é representar melhor os conceitos. No caso dos termos estudados, a formação de união de prefixo à radical evidencia a necessidade de um estudo sob os princípios da Terminologia.

Em síntese, em contraposição às restrições de Coseriu (1981) sobre os termos, a evidência da formação dos termos – interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade com base em uma unidade lexical “disciplina” embasa o entendimento de que os termos são dotados de conteúdos semânticos e que são usados em contexto de linguagem específica, e, por consequência, podem ser estudados sob os princípios da Socioterminologia.

O desenvolvimento dessa disciplina, de acordo com (Faulstich, 2001, p.23), resultou na divisão das “[...] variantes em dois grandes grupos: variantes terminológicas lingüísticas e variantes terminológicas de registro”. As variantes terminológicas “[...] são aquelas em que o fenômeno propriamente lingüístico determina o processo de variação.” (Faulstich, 2001, p. 23). No entanto, as variantes terminológicas de registro são “[...] aquelas em que a variação decorre do ambiente de ocorrência, no plano horizontal, no plano vertical e no plano temporal em que se realizam os usos lingüísticos” (Faulstich, 2001, p. 23). Em princípio, as primeiras se referem aos fenômenos lingüísticos internos, enquanto que as segundas se referem aos fenômenos sociais internos.

A análise Socioterminológica baseia-se em cinco princípios, então, que orientam o modo como as ocorrências dos termos em diferentes sincronias devem ser analisadas. O primeiro diz respeito à “dissociação entre estrutura terminológica e homogeneidade ou univocidade ou monorreferencialidade, associando-se à estrutura terminológica a noção de heterogeneidade ordenada” (Faulstich, 2001, p. 25). Atitude que implica uma visão de equiparação, de certo modo, de termos e de lexemas, dando aos termos caráter mais social.

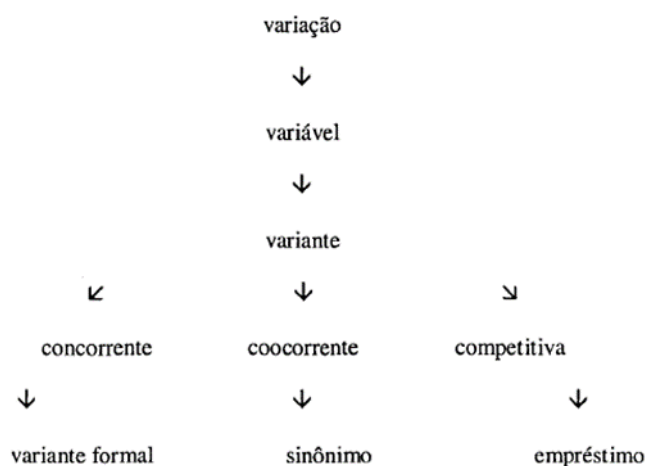
O segundo se refere ao “[...]abandono do isomorfismo categórico entre termo-conceito-significado” (Faulstich, 2001, p. 25), ou seja, abandono do entendimento Wusteriano da rigidez da relação entre um significado e um significante. O terceiro princípio é “[...] a aceitação de que, sendo a terminologia um fato de língua, ela acomoda elementos variáveis e organiza uma gramática” (Faulstich, 2001, p. 25). Essa gramática tanto se manifesta na construção dos termos quanto no padrão de relação lexical que ocorre em cada língua.

O quarto princípio é importante à pesquisa, porque ele é “aceitação de que a terminologia varia e de que essa variação pode indicar uma mudança em curso:” (Faulstich, 2001, p. 25). A mudança que se estuda se mostra na existência dos termos multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade, porque é questionado se a mudança de prefixos nos termos altera o conceito deles ou se as duas estruturas lingüísticas se referem ao mesmo conceito. Para conseguir proceder à investigação, a análise deve ocorrer “em co-textos lingüísticos e em contextos discursivos da língua escrita e da língua oral.” (Faulstich, 2001, p. 25), que é o quinto princípio.

3.2 Esquema da variação em Socioterminologia

Esses postulados são categorizados e formam o esquema básico de variação, em “um plano superior, aparecem as categorias (variantes concorrentes, coocorrentes e competitivas) e, no plano seguinte, as subcategorias (variante formal, sinônimo e empréstimo)” (Faulstich, 2001, p. 25).

Figura 7- Constructo teórico da variação em Terminologia



Fonte: (Faulstich, 2001)

As variantes concorrentes “[...] são aquelas que podem concorrer entre si, e permanecer, como tais, no estrato, ou que podem concorrer para a mudança.”, assim “[...] uma variante que concorre com outra ao mesmo tempo não ocupa o mesmo espaço, por causa da própria natureza da concorrência.” (Faulstich, 2001, p. 25). No caso de multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade, ambos os termos podem tanto permanecer no estrato da sociedade como concorrer para a mudança. As concorrentes podem ser categorizadas ainda em variante formal, que “[...] é uma forma linguística ou forma exclusiva de registro que corresponde a uma das alternativas de denominação para um mesmo referente, podendo concorrer num contexto determinado.” (Faulstich, 2001, p. 26).

As variantes formais ainda são divididas em dois grupos, o primeiro mais alinhado ao sistema linguístico interno, o segundo mais alinhado ao sistema social. Nesse contexto, (Faulstich, 2001, p. 27) evidencia que “as variantes terminológicas linguísticas são aquelas cujo fenômeno propriamente linguístico determina o processo de variação”. A classificação delas depende de 4 princípios: “a) interpretação semântica é a base para análise do termo; b) as unidades terminológicas complexas (UTCs) são analisadas sob o ponto de vista funcional; c) os subsistemas da língua portuguesa constituem o fundo linguístico de análise; d) os usos escrito e oral dos termos são levados em conta.” (Faulstich, 2001, p. 27). O primeiro princípio se contrapõe totalmente à definição de Coseriu (1981) de que os termos não são dotados de conteúdos semânticos.

Ao associar a interpretação semântica à análise componencial de Pottier (1978), de Coseriu (1981) e de Polguère (2018), por meio de campos lexicais e de campos semânticos, pode-se analisar o sentido, com bastante precisão, dos termos. No segundo método, nas unidades terminológicas complexas, a construção não se faz necessária, tendo em vista que os termos estudados não formam base terminológica complexa. O terceiro método iguala os termos e os lexemas em nível linguístico, ao menos no que se refere às propriedades de

formação e de variação. O último método é importante à construção do *corpus*, em razão da preferência pelo uso escrito dos termos, em diferentes sincronias com vistas a entender o processo de formação dos termos, a origem geográfica de formação, a frequência de utilização e o sentido deles.

Das variantes terminológicas complexas, o fenômeno estudado associa-se à “[...] variante terminológica lexical, em que algum item da estrutura lexical de uma unidade terminológica complexa (UTC) sofre apagamento, mas o conceito do termo não se altera, como em melhoramento genético de plantas e melhoramento // de plantas.” (Faulstich, 2001, p. 28). No entanto, há duas observações a se fazer: *i*) os termos estudados não formam bases para construção de unidades terminológicas complexas, portanto os estudos devem se centrar na morfologia dos termos: e *ii*) esse fenômeno não é o único em que se encontra respaldo teórico para interpretar os termos multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade, pois há também respaldo nas variantes terminológicas de registro. Uma vez que as variantes concorrentes formais são subdivididas entre as linguísticas e as de registro, a relação entre elas é do sistema linguístico e do uso social, sendo, portanto, indissociável neste momento.

As variantes terminológicas de registro “[...] são aquelas cuja variação decorre do ambiente de concorrência, no plano horizontal, no plano vertical e no plano temporal em que se realizam os usos linguísticos dos termos” (Faulstich, 2001, p. 28). Para as classificar, é preciso obedecer aos seguintes princípios

- a) os termos são recolhidos no discurso real da linguagem de especialidade; b) os termos pertencem à variedade sócio-profissional; c) os termos são recolhidos de textos, de procedência diversificada, que tratam do mesmo assunto; d) os termos são recolhidos de discursos com maior ou com menor grau de formalismo, que tratam do mesmo assunto; e) os termos são recolhidos de textos redigidos em épocas diferentes, que tratam do mesmo assunto; f) os usos escrito e oral são levados em conta. (Faulstich, 2001, p. 28).

O primeiro princípio orientou a recolher 10 ocorrências de cada termo em artigos disponibilizados no google acadêmico, por se tratar de uma linguagem de especialidade. Pela escolha dos artigos de diferentes áreas científicas, o segundo, o terceiro e o quarto princípios também foram cumpridos, mas cabe ressaltar que a atividade profissional dos autores e das autoras é bastante diversificada, o que indica um relacionamento de métodos de pesquisa entre pesquisadores de áreas distintas.

O quinto princípio orientou a buscar as ocorrências desde quando os termos possuem frequência. Assim sendo, de 1970 a 2020, foram coletadas 10 ocorrências de cada um dos termos que compuseram o *corpus* de itens lexicais. A partir do recolhimento de ocorrências desde quando os termos se manifestam, o período de estudo do termo garante um *corpus* para a decomposição de sentido bem como evidencia indícios sobre a sua variação. Do último princípio, o embasamento foi o recolhimento para textos escritos. Com base na união dos critérios de composição de campos semânticos e de campos lexicais e aos princípios da Socioterminologia, a seguir, a Metodologia de Investigação de Pesquisa.

4 METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO DE PESQUISA

Nesta seção, são evidenciados os processos estabelecidos para *i)* analisar a significação e o sentido de termos da área da Educação; *ii)* classificar se os termos multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade concorrem ou coocorrem; *iii)* identificar a funcionalidade de campo semântico e campo lexical na decomposição de sentidos e *iv)* analisar a estrutura de glossários terminológicos e *v)* registrar o conceito dos termos.

Para essa realização, foi necessária a utilização dos métodos hipotético-dedutivo na formulação do problema de pesquisa e das hipóteses a que se pode chegar ao realizar tal estudo. De modo complementar, houve o emprego do método comparativo-descritivo na análise dos campos semânticos e na análise componencial dos termos formulados a fim de poder compreender o conceito dos termos de modo mais adequado. Também, houve a utilização da pesquisa documental para a elaboração desta pesquisa em razão de que “[...] a pesquisa documental se vale de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa.” (Gil, A. 2008, p. 147).

Tendo em vista que “a pesquisa documental se assemelha muito à pesquisa bibliográfica.” (Gil, A. 2008, p. 1.47) e que “a única diferença entre ambas está na natureza das fontes” (Gil, A. 2008, p. 1.47), há a relação entre a pesquisa documental de Gil (2008) e a pesquisa bibliográfica de Markoni e Lakatos (2003) que divide em oito partes a pesquisa, posteriormente foram subcategorizadas em três grupos: pré-análise, organização e análise.

4.1 Pré-análise

A primeira etapa compreendeu duas etapas da pesquisa bibliográfica de Markoni e Lakatos (2003): *i)* a escolha do tema e *ii)* a elaboração do plano de trabalho. Para compreender o fenômeno estudado e promover análises adequadas, foi necessária a revisão da literatura da área de estudo do Léxico, da Terminologia e da Socioterminologia. Assim sendo, entendimento defendido embasa-se no contraste teórico entre os pensamentos de Saussure (1915), de Pottier (1978) de Coseriu (1981), de Faulstich (1980, 1998 e 2003), de Cabrè (1998), de Sardinha (2004), de Machado Oliveira (2010), de Castilho (2016), de Polguère (2018), de Neves (2018). Também, foram selecionados os oito glossários terminológicos a serem estudados, com o intuito de melhor construir os verbetes dos termos em estudo.

Após esse contraste teórico, as hipóteses que surgem são três a que se pode chegar ao fim desta pesquisa para julgar a concorrência ou a coocorrência entre pluridisciplinaridade ou entre multidisciplinaridade.

- ❖ 1ª: se houver campos semânticos, ou indícios na composição dos campos lexicais, que evidenciem metodologias que possam diferenciar a prática de trabalho de multidisciplinaridade e de pluridisciplinaridade, eles são termos independentes.
- ❖ 2ª: se não houver campos semânticos, ou indícios na composição dos campos lexicais, que evidenciem metodologias que possam diferenciar a prática de trabalho de multidisciplinaridade e de pluridisciplinaridade, são sinônimos que podem concorrer pelo sentido dos itens.

4.2 Organização

A organização compreendeu a identificação; a localização; o fichamento; e a compilação. No processo da identificação, em primeiro plano, foi definida a plataforma em que os artigos foram selecionados para a coleta das ocorrências, neste caso, foi utilizado o google acadêmico. O ambiente decorre da seriedade dos documentos lá postados, bem como das ferramentas disponíveis, uma delas dá a capacidade de limitar temporalmente o recorte de pesquisa, o que ajuda a limitar as faixas sincrônicas por décadas.

Para o termo interdisciplinaridade, foram coletadas 10 ocorrências entre 1970 e 2019, totalizando 50 ocorrências. Isso ocorreu porque é em 1970 que o termo tem frequência de ocorrência. Para o termo multidisciplinaridade, foram coletadas 1 ocorrência entre 1970 a 1979, em razão de os documentos serem protegidos por direitos autorais, 10 ocorrências entre 1980 e 2019, o que totaliza 41 ocorrências. Para o termo pluridisciplinaridade, não houve nenhuma ocorrência entre 1970 a 1979, pois as ocorrências estavam em textos portugueses, pertencentes a diversas bibliotecas de faculdades de Portugal. Foram coletadas 10 ocorrências entre 1980 e 2019, com total de 40 ocorrências. Para o termo transdisciplinaridade, foi recolhida 1 ocorrência entre 1980 e 1989, em razão de a ocorrência desse termo se realizar a partir dessa faixa sincrônica, e 10 ocorrências entre 1990 a 2019, o que totaliza 31 ocorrências. Dessa maneira, as ocorrências a serem tratadas e compiladas são 162.

A compilação das ocorrências se deu pela união das ocorrências de um termo junto a todas as faixas sincrônicas em um único documento.

Os princípios de análise da Socioterminologia de Faulstich (2003) orientou a elaboração de um *corpus* para a análise do sentido. Para esse fim, foram utilizadas ferramentas de processamento de dados orientadas por Sardinha (2004). A ferramenta wordlist tem a capacidade de fazer a lematização que é o “agrupamento de duas ou mais formas diferentes em um mesmo item. Por exemplo, as formas correm e correram podem ser agrupadas sob o lema correr.” (Sardinha, 2004, p. 95). Ainda, a função de wordlist, de acordo com (Sardinha, 2004, p. 57), “propicia a criação de listas de palavras.”. Essas listas de palavras compõem os campos lexicais, e os sentidos

que estruturam os campos lexicais comporão posteriormente os campos semânticos a que os termos serão submetidos para contrastar os campos a eles associados.

A empresa dona do sistema Sketch Engine salienta as diversas funcionalidades oferecidas pela ferramenta, para análise linguística e pesquisa de palavras e frases. Uma das características é a capacidade de buscar combinações típicas de uma palavra, revelando colocações frequentes. Além disso, a ferramenta permite explorar sinônimos e palavras similares, fornecendo um thesaurus que enriquece a compreensão do vocabulário.

Outra funcionalidade interessante é a comparação entre duas palavras semelhantes, em que é possível observar as diferenças em seu uso por meio da análise de colocações específicas. A busca por exemplos de uso em contexto, provenientes de usuários reais da linguagem, também é destacada, incluindo a capacidade de filtrar exemplos mais fáceis de entender. Ademais, a ferramenta oferece a possibilidade de consultar traduções em um contexto paralelo, proporcionando uma visão ampla de como uma palavra é traduzida por outros.

Além das análises de palavras, a Sketch Engine oferece recursos para a pesquisa de frases, permitindo a busca por padrões e combinações específicas em contextos mais amplos. A geração de listas de palavras com base em critérios específicos e a extração de palavras-chave e terminologia também são aspectos destacados. A ferramenta não se limita apenas à língua única, no caso do Inglês, oferecendo a capacidade de extrair terminologia bilíngue de textos paralelos, contribuindo para a construção de glossários. A Sketch Engine, por meio da análise diacrônica, também auxilia na identificação de neologismos e na observação de palavras que estão saindo de uso. Também, destaca-se a funcionalidade de etiquetar automaticamente as partes do discurso em um texto, fornecendo uma análise eficiente da estrutura linguística. Essas características tornam a Sketch Engine uma ferramenta abrangente e poderosa para profissionais e pesquisadores da linguagem.

A elaboração dos campos semânticos e dos campos lexicais seguiram os procedimentos orientados principalmente por Polguère (2018). Entre algumas possibilidades de organização de campos semânticos e de campos lexicais, o procedimento adotado foi o de observar o item lexical no Dicionário Houaiss Eletrônico e buscar, nas acepções, um sentido que poderia ser utilizado para estruturar o campo lexical.

Os dois últimos procedimentos para a pesquisa, de acordo com Markoni e Lakatos (2003), são a análise e interpretação e a redação. A análise e interpretação serão feitas no capítulo 5, em que há a discussão dos conceitos teóricos de cada termo associando a discussão à elaboração dos campos lexicais e dos campos semânticos, bem como à análise deles.

5 OS CONCEITOS DAS RELAÇÕES ENTRE DISCIPLINAS

5.1 Conceito de disciplina em uma abordagem pancrônica

Ao analisar termos, no entendimento de (Faulstich, 2003, p. 11), é fundamental entender que “por tradição, os estudos de terminologia focalizam mais o conteúdo semântico do que a forma de um termo e a função que este desempenha no discurso especializado.”. Nesse contexto, por mais que o conteúdo de um termo seja mais importante à análise terminológica, “tanto o conteúdo quanto a forma são entidades que ordenam o termo, por conseguinte as pesquisas em terminologia que descrevem o lexical procuram explicar os fenômenos no espaço de uma gramática-léxico para responder à natureza dos dados linguísticos.” (Faulstich, 2003, p. 11).

Os termos, por serem unidades lexicais, possuem formação morfológica que deve ser compreendida, para o estudo deles, é importante o uso dos procedimentos propostos por (Castilho, 2016, p. 69) pois “a explicação linguística deve ser buscada numa recepção pancrônica da língua”. A pancronia se mostra necessária porque ela “[...] está ligada diretamente aos usos de que fazemos das línguas - e os usos são o "santo dos santos" do funcionalismo. E como os usos se entroncam em práticas sociais, antropológicas, eles arrastam o passado para o presente.” (Castilho, 2016, p. 77).

Essa interpretação associa-se ao pensamento de (Faulstich, 2015, p. 1) de que “sob o ponto de vista ontológico, consideramos que a construção de signos lexicais e textuais se dá numa relação pancrônica, em que, sob a inspiração de Saussure, a pancronia vê as línguas na totalidade de tempo e de lugares.”. Ao tratar de uma Socioterminologia, é mais adequado observar a formação dos termos com base no percurso temporal pelo qual eles passaram para se formar, pois “uma leitura pancrônica considera os fenômenos sociais e culturais além do tempo cronológico delimitado pelos estudiosos. [...] o objeto da pancronia é o conjunto de fenômenos gerais de língua e de linguagem de qualquer tempo, de qualquer lugar.” (Faulstich, 2015, p. 3).

Nesse contexto, essa abordagem pancrônica se sustenta, porque “uma língua se produz e se produzirá sempre a partir de mudanças de todas as ordens que atingem as linguagens” em razão de que “quando consideramos fatos particulares, não percebemos o ponto de vista pancrônico, porque os valores localizados ou são diacrônicos ou são sincrônicos” (Faulstich, 2015, p. 3). Por conseguinte, há uma evidente relação entre a pancronia e os princípios da relexicalização, pois a “a reativação lexical (relexicalização) é o movimento mental por meio de que rearranjamos as categorias cognitivas e seus traços semânticos, realocando-as nas palavras, renovando assim o vocabulário.” (Castilho, 2016, p. 117). Assim sendo, estudar o rearranjo das categorias cognitivas de uma unidade lexical e os seus traços semânticos também envolve o estudo de formação em nível morfológico e semântico.

Para assim proceder, e preciso buscar na história a formação do termo disciplina, com vistas a identificar os elementos morfêmicos que o constituem e o sentido que eles possuem. Em (Castilho, 2016, p. 51), é proposto que

O morfema é a unidade mínima da estrutura gramatical. Ele associa os dois polos do signo linguístico, o significante e o significado, de acordo com a conhecida formulação saussuriana. Um morfema também é definido como o segmento maior que o fonema e menor que a palavra. Ele é realizado por meio de morfes, ou alomorfes. (Castilho, 2016, p. 51).

Dessa maneira, é necessário ressaltar que o morfema é dividido entre os que carregam significado gramatical e os que carregam significado lexical. O primeiro é composto pelas desinências e pelos sufixos modificadores de classe, como o caso de {-idade}. (Neves, 2018, p. 60) nesse sentido salienta que

Como se vê, no caso do fonema, não há significado envolvido nas oposições, mas, no caso do morfema, há: em dependência das CLASSES em que atuam, os morfemas indicam número, indicam gênero, indicam tempo etc. Os morfemas de flexão (número, gênero, tempo etc.), que em português são sempre colocados no final da palavra, recebem o nome de desinências: - é desinência de plural (de algumas classes), -a é desinência de feminino (de algumas palavras), -rá é desinência de tempo e modo (futuro do indicativo), etc. (Neves, 2018, p. 60).

Para o morfema lexical, a definição de (Neves, 2018, p. 62) é a de que “cada morfema é portador de um significado particular que faz aquela palavra em cuja formação ele entra deixar de significar o que significa, ou passe a constituir uma outra palavra, se ele for retirado ou trocado por outro morfema.”, técnica da comutação, também utilizada para comparar os campos semânticos de cada termo. A própria constituição dos termos interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade se utiliza de novos elementos morfêmicos para a sua relexicalização. Esse procedimento, ou seja, a reorganização semântica de um item lexical, está diretamente ligada aos prefixos, os morfemas com conteúdo mais lexical, que devem ser comparados e estudados a fim de entender como os sentidos se organizam.

A reorganização semântica desses termos ocorre por causa de que

A articulação dos processos e dos produtos linguísticos captados pelos sistemas do léxico, do discurso, da semântica e da gramática dá abrigo do que venho chamando de "dispositivo sociocognitivo", explicitável por meio dos princípios de ativação, desativação e reativação de propriedades. Esses princípios têm uma dimensão cognitiva e uma dimensão social. (Castilho, 2016, p. 78).

A compreensão de Castilho (2016) se torna, então, relacionável ao entendimento de Faulstich (2003) de que existe tanto uma dimensão social quanto cognitiva para a formação de novos termos. Em Faulstich (2003), existe uma regra de formação de termos, que deve passar tanto pela união de morfemas quanto pela união de termos em uma relação predicativa. A pancronia é, portanto, o estudo da reconstrução de uma unidade lexical, e seus princípios orientaram a coleta de informações em dicionários de etimológica de disciplina distintos, a

saber no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, no Dicionário de Latim-Português e no Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa com vistas à compreensão das modificações nos morfemas e os sentidos ressignificado.

Quadro 5 - Etimologia do item lexical disciplina para Houaiss

lat. disciplína,ae 'ação de se instruir, educação, ciência, disciplina, ordem, sistema, princípios de moral', cog. de discipulus; ver disc-; f.hist. sXIV disciplina, sXIV disciplina, sXV deceplina, sXV deceprina, sXV disciplina

Fonte: (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, 2009)

Quadro 6 - Etimologia do item lexical disciplina para Antônio Gomes Ferreira

disciplina, s. f. 1. ordem, regra: disciplina, f. Cic. disciplina militar, militaris disciplina, Liv. manter a disciplina, disciplinam sancire, Cic. sem disciplina, turbate, Cees, incomposite, Liv. incondite, Tac. 2. instrução e educação: instituto, f., disciplina, f. Cic. 3. (pl.) vd. azorrague.

Fonte: (Dicionário de Latim-Português, 1988)

Quadro 7 - Etimologia do item lexical disciplina para Antenor Francisco Alves

DISCIPLINA Do lat. disciplina.

Fonte: (Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, 1932)

Tanto no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009) quanto no Dicionário de Latim-Português (1998), a acepção para disciplina é a de ordem, ação de instruir, sistema e princípios. Essas acepções dão base para o entendimento de que os termos estudados têm conteúdo semântico que envolve sistema e princípios. O ponto defendido por (Japiassu, 1977, p. 61) é o de que “o que podemos entender por disciplina e por disciplinaridade é essa progressiva exploração científica especializada numa certa área ou domínio homogêneo de estudo.”. Além disso, a disciplina, de acordo com o autor, deve “estabelecer e definir suas fronteiras constituintes. Fronteiras estas que irão determinar seus objetos materiais e formais, seus métodos e sistemas, seus conceitos e teorias.”. Nesse conceito, observam-se dois fatores inertes às relações disciplinares: a) o objeto de estudo e b) os métodos de análise.

Não obstante o conceito de disciplina para (Japiassu, 1977, p. 61) assinalar uma preferência semântica pelo sistema, o autor adverte também que “disciplina, tal como a entendemos, é usada como sinônimo de ciência, muito embora o termo "disciplina" seja mais empregado para designar o "ensino de uma ciência", ao passo que o termo "ciência" designa mais uma atividade de pesquisa”. A disciplina, então, como evidenciado, possui o sentido de ensinar, de treinar, ou seja, os processos pelos quais se deve passar para aprender o objeto de pesquisa de uma ciência bem como os métodos de análise desse objeto.

A disciplinaridade, em especial, estabelece fronteiras entre os domínios que os pesquisadores atuam em razão de que são objetos e metodologias diferentes. O questionamento de (Japiassu, 1977, p. 61) orienta ao entendimento de que a ciência não pode compreender totalmente o homem enquanto a análise de si e de sua sociedade for feita por visões particulares, porque a “uma disciplina qualquer, cujo estatuto permanece fixo uma vez por todas, mesmo que pretenda interessar-se pelo homem, jamais poderá encontrá-lo, sempre fornecendo dele um conhecimento parcial e truncado, já que aborda os fatos humanos sob o ângulo de um determinismo particular, extremamente restritivo”.

Com vistas a aprofundar os conceitos de disciplina introduzidos por Japiassu (1977), é necessário compreender disciplina no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009). Nele, disciplina e discípulo são classificados como cognatos, por isso, foi necessário buscar pela origem etimológica dessas unidades lexicais. Assim sendo, há indício dessa formação no Dicionário de Latim e de Outras Línguas Itálicas de Michiel De Vaan (2018) para subsidiar a importante análise reconstrutiva a ser feita.

Quadro 8- Etimologia de discípulo para De Vaan

discipulus 'pupil' Derivatives: disciplīna 'teaching, discipline', disciplināsus 'well-trained. PIt kapelo who takes'. WH derive discipulus from *dis-capio 'to assume mentally, interpret' (cf. disceptāre 'to negotiate, decide' Cic.+), which is semantically not compelling. EM are very hesitant about it. On the other hand, -pulus is difficult to explain on the basis of discō. Bibl.: WH I: 355, EM 176. → capio

Fonte: (De Vaan, 2018)

No quadro 8, a sigla “PIt.” significa que a o conceito pertenciam a uma unidade lexical do tempo da língua Proto-Europeia. Essa informação, de caráter mais diacrônico, e os quadros 5, 6 e 7, de caráter mais sincrônicos, subsidiam, conseqüentemente, uma reconstrução do objeto estudado sob os princípios da pancronia. Outrossim, essa reconstrução também sustenta o procedimento metodológico, a comutação, definido por Castilho (2016) para a compreensão do processo de reorganização semântica.

Nesse sentido, o conteúdo semântico de disciplina é o de ensinar, disciplina, bem treinado, assumir mentalmente, interpretar. Essas acepções fundamentam o cerne dos termos, tendo em vista que, para a elaboração de novos métodos de pesquisa, é necessário ensinar, ter disciplina, ser bem treinado, assumir mentalmente as proposições e interpretar os objetos de análise. Essas acepções serão ressignificadas, posteriormente, por prefixos que orientem a forma como as relações entre pesquisadores de diferentes áreas e de diferentes disciplinas ocorrem.

É observado, no quadro 8, que discípulo deriva de disciplina e que tanto discípulo quanto disciplina se formam a partir de um prefixo {dis-} e de uma radical [capio]. Nesse contexto, o sentido de {dis-} também é exposto no Dicionário de Latim e de Outras Línguas Itálicas

Quadro 9 - Etimologia do prefixo {dis-} para De Vaan

dis- 'away, apart' [pref.] (Andr.+) Derivatives: di- (in front of b,d,g,l,m,n,v,r, dismota SCBac.), dir- (in front of vowels), dif- (in front off. Plt. dis 'in two, apart'; dus- 'bad' (in difficilis). It. cognates: possibly U. disleralinsust [3s.fut.pf.] '?will have gone wrong' <*dis-leis-? PIE *dus 'into two > bad', *dui- 'two, into two'. IE cognates: Gr. Stá 'in two, apart, IV, pt. tvatives:-), opercutum overing, cover er completely over ann 2000:201 through' [adv.], 'through' [prep.] <*dio-a; also &a- in Saporvós, esp. from animals, "very red', báokioç 'very shady', developed from Sia-, or Acol. Ça-. Borrowed into Gothic as the prefix dis- 'apart'. Lat. dis- seems to be cognate with Gr. diá < dio-a. Whereas Stá can function both as a preverb and as a preposition, in Latin, dis- is only a preverb. In the older texts, it is nearly always prefixed to verbs, with the exception of the adj. difficilis. Exactly in this compound, dis- does not mean 'away, apart', but rather 'non-, opposite'. Therefore, it may well be that difficilis contains PIE dus- 'apart; bad' (thus Wackernagel and Leumann 1977: 400), which is otherwise unattested in Latin. Yet Forssman 1992: 309 maintains that difficilis was built from dis + facilis on the example of similis: dissimilis. Even if difficilis does not directly continue dus-, the restriction of dis- to (verbal) compounds would suggest that all of Latin dis- is a remake of dus- by analogy with dui- 'into two, apart'. Another possibility is a dissimilation dwis->dis- in front of verbs starting in w especially in the compounds dividere 'to divide' and divertere 'to divert'. Yet a separation of dis- from Sua- is unattractive; and in Greek, &vo- has remained alive as a prefix - but meaning "bad'. Hence, Proto-Greek may have had all three forms: dus 'bad', dui- 'two' and dis-(a-) 'into two, apart'. Whereas "dus- developed from 'into two' to metaphorical 'bad', the novel form dis- retained the literal meaning 'into two, apart'. Bibl.: WH 1: 354f., EM 176, IEW 232, Untermann 2000: 189f. → bis

Fonte: (De Vaan, 2018)

O prefixo {dis-} tem semântica de parte, de dois, à parte, ou seja, necessita de duas partes, de um professor e de um aluno ou de mais de um pesquisador. A composição desse sentido nos termos interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade é importante, tendo em vista que as relações entre pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento pressupõem a união. Ela deve ser feita com vistas à saída da disciplinaridade e em busca de mecanismos de desenvolvimento de métodos que envolvam pesquisadores de setores de uma mesma ciência, pesquisadores de ciências diferentes dentro de uma mesma área ou pesquisadores de ciências diferentes e de áreas diferentes.

Em seguida, há o radical [capiro], com o seguinte significado

Quadro 10- Etimologia de [capiro] para De Vaan

capio, -ere 'to take' [v. III; pf capī, ppp. captus; fut. capsō, -is Pl., Enn.]] (VOLat.+; Foruminscr. kapia(d) [3s.pr.sb.]) Derivatives: capulus (sword-)handle; bier' (PL+), capularis 'ready for the bier' (PL+), mūscipulum 'mousetrap' (Lucil.+), capulare 'to attach' (Col.), concipilare 'to lay violent hands on, seize' (PL+); capax 'capable of holding' (Lucr.+); captare 'to try to touch, grasp at' (PL+), captus, -us [m.] 'capacity' (Ter.+), captio 'trick, loss' (PL+), captivus taken prisoner' (Naev.+); anticipāre 'to occupy beforehand' (Varro+), nuncupare 'to declare, appoint' (Lex XII, Pac.+), occupare 'to seize to oneself, take possession' (Andr.+); reculiperare 'to recover, get back' (Cato+), recipērātor 'assessor' (PL+); capessō, -ere 'to grasp, seize' (pf. -ivi, ptc.fut.act. -iturus) (Naev.+; Pac. IX capissam); praecipuus special, exceptional' (PL+); hosticapās 'who captures enemies' (Paul. ex F.), urbicapus 'who captures cities' (PL.); capistrum 'halter, band' (Cato+); accipere 'to take, receive' (Naev.+), concipere 'to receive, perceive' (PL+), decipere 'to deceive' (PL+), incipere 'to start' (PL+), intercipere 'to intercept, steal' (PL+), occipere 'to take up, begin' (PL+), percipere 'to perceive, acquire, earn' (PL+), praecipere 'to seize beforehand, to give notice, advise' (PL+), recipere 'to receive, admit, accept' (PL+). Possibly capula 'sacrificial cup' (Varro), capulare 'to draw off (oil) from the oil-press' (Plin.), capulātor 'who draws off oil from the oil-press' (Catot) belong here too, if built on kap-elo "instrument for seizing'.

Fonte: (De Vaan, 2018)

O significado de [capiro] é o de pegar, anexar, possui também o sentido de violento, como armadilha, pousar a mão violentamente, tentar tocar, agarrar, aquele que captura cidades, aquele que captura inimigos. Outro sentido possível é o da constância de uma ação com vistas à obtenção de um determinado resultado, como em agarrar-se a si mesmo, tomar posse. Ainda, o sentido de cognição se mostra por meio de apreender de antemão, avisar, aconselhar, pois aprender de antemão é transmitir um conhecimento por meio das estruturas linguísticas, ou seja, experienciar determinada coisa por meio da linguagem.

Nesse sentido, ao se juntar o prefixo {dis-} ao radical [capiro], há que um ou mais pesquisador ou um professor e um aluno podem transmitir conhecimentos de forma sistemática ou sistemas de análises de um objeto. Por conseguinte, por meio do diálogo, sentido oriundo do {dis-}, que tem semântica de dois, entre pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento, as inovações chegam a fim de resolver os problemas da sociedade de modo mais completo.

Essa interpretação fundamentada no Dicionário de Latim e de Outras Línguas Itálicas (2018) sustenta a assertiva encontrada no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa de que disciplina tem por radical [disc-].

Quadro 11- Etimologia [disc]

elemento de composição antepositivo, do v.lat. disco, is, didici, discere (sem supn., nem part. pas.) 'aprender' [p. opos. a docere 'fazer aprender, ensinar', ver doc(t)-]; antigo, usual; principais der.: discipulus, i 'aluno, discípulo' (p. opos. a magister); discipula, ae (mais raro), condiscipulus (antigo e usual); disciplina, ae 'ensino, educação, disciplina' e esp. 'disciplina militar', sentido concreto 'ensinamento, matéria ensinada'; der. tardios e especiais da linguagem da Igreja: disciplino, as, ávi, átum, áre, disciplinabilis, e etc.; qualquer que seja o étimo de discipulus, os antigos romanos não o separavam de disco, ao qual o sentido se liga estreitamente; der. prefixais de disco: addisco; condisco; dedisco 'desaprender'; edisco 'aprender a fundo ou de cor'; perdisco 'aprender de cabo a rabo'; praedisco 'aprender por antecipação'; disco é mal representado nas línguas român., que recorrem a apprehendere; o lat. discipulus, i continua sendo de form. enigmática; a cognação port. registra adiscência; disciplina (sXIV), disciplinabilidade, disciplinação, disciplinado, disciplinador, disciplinamento, disciplinante, disciplinar, disciplinaridade, disciplinário, disciplinas, disciplinativo, disciplinatório, disciplinável; discipulado, discipular, discipulato/discipulado, discípulo (sXIII); condiscipulato, condiscípulo; indisciplina, indisciplinabilidade, indisciplinação, indisciplinado, indisciplinar, indisciplinável, indisciplinoso

Fonte: (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, 2009)

O resultado de analisar a formação da unidade lexical “disciplina” sob o ponto de vista pancrônico é compreender que o sufixo {dis-} e o radical [capiro] se fundem em determinado momento, a ponto de, no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, possuir a definição de que [disc] é um elemento de composição de disciplina, que também dá base para a formação de novos termos. Uma interpretação semelhante é apresentada no quadro 12.

Quadro 12 - Etimologia de disciplina em Etimologías de Chile

La palabra "disciplina" (enseñanza, educación) viene del latín disciplina, derivado de discipulus (discipulo). Sus componentes léxicos parecen ser:

La raíz disc del verbo discere (aprender). Se asocia con una raíz indoeuropea "dek-(tomar, aceptar), presente en palabras como dogma, paradoja, diadoco, coledoco. decente, decencia, diestra, destreza, diano, docente, doctrina, documento, doc, etc.

La raíz -cip del verbo capere (capturar, agarrar), que encontramos en las palabras emancipar, incipiente, participar v príncipe. Se relaciona con la raíz "kat-. que encontramos en las palabras capacidad, cable, conchito, forceps y muchas otras más.

El elemento-, del sufijo-ulus, de discipulus. Este es un diminutivo, como vemos en las palabras axila (pequeño hueso), célula (celdilla), paulo (pequeñito) y calculo (en angén "predrecilla").

El sufij de relación-Ina como en catalina. lubina, propina y salina.

Fonte: (Etimologías de Chile)

Para formar interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade, há dois caminhos possíveis: o 1º) é o de os termos decorrerem de disciplinaridade e o 2º) é o de os termos decorrem das formas adjetivas, interdisciplinar, multidisciplinar, pluridisciplinar e transdisciplinar. Algumas evidências, nesse contexto, sustentam a última hipótese. A princípio, disciplinaridade não aparece no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009), no Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (2004), e no Dicionário Aulete Digital não consta o termo disciplinaridade, entretanto no Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, a forma disciplinaridade está registrada.

Em contrapartida, no Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa (2009), as formas interdisciplinar, multidisciplinar e pluridisciplinar estão registradas, mas não há registro para a forma transdisciplinar. No Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa (200), há as formas interdisciplinaridade e multidisciplinaridade, mas não há registro para as formas pluridisciplinar e transdisciplinar. No Dicionário Aulete da Língua Portuguesa, há todas as formas registradas. No Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, há o registro de todas as formas dos termos, tanto adjetivas quanto substantivas.

Ao se compreender essa etimologia, é importante conceituar a forma como as unidades podem ser formadas com base na estrutura da Língua Portuguesa. No caso da formação dos termos, ocorre, segundo (Castilho, 2016, p. 117), uma relexicalização por derivação, em que “[...] juntamos prefixos e sufixos derivacionais a um radical pré-existente, criando palavras derivadas tais como falar - desfalar, amor – amoroso - amorosamente, palavra esta em que a reativação ocorreu mais de uma vez”. Essa perspectiva também é corroborada por (Neves, 2018, p. 69), quando a autora sustenta que “a derivação propriamente dita se faz com radical / tema + afixo(s). Os afixos são os morfemas de derivação. Em português eles são dos seguintes tipos: Morfemas de derivação (afixos) a) prefixos: colocados antes do radical; b) sufixos: colocados depois do radical”.

Por conseguinte, em razão de os termos possuírem uma forma adjetiva antes de assumirem uma forma substantiva, em que o sufixo {-idade} faz a modificação de classe, é mais provável que daí tenha surgido as novas formas em termos. Ainda de acordo com (Neves, 2018, p. 71), “os sufixos definem a CLASSE da palavra, ou seja, há sufixos que formam substantivos, outros que formam adjetivos, e assim por diante.”. Essa necessidade se manifesta, porque é preciso que o conceito de um procedimento de relação de métodos de pesquisa seja categorizado em um nome.

Quadro - Conceito de {-idade}

Sufixo formador de subst. abstratos der. de adj., segundo o modelo lat. *fidélis* > *fidelitas*, *fidelitátis*, lat.vulg. *fidelitate*- > port. *fieidade*; o padrão port. se fixou, por evolução fonética e/ou por difusão analógica, num tipo em *-idade*; a form. vem das orig. da língua, discrepando do tipo *-idade* referido

Fonte: (Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, 2009)

Em suma, a análise terminológica de termos envolve a compreensão tanto do conteúdo semântico quanto da forma e função dos termos no discurso especializado. A abordagem pancrônica, que considera os usos linguísticos ao longo do tempo e em diferentes lugares, é essencial para o estudo dos termos. Também, a formação dos termos ocorre por meio de morfemas, que podem ter significado gramatical ou lexical. Os morfemas gramaticais incluem desinências e sufixos modificadores de classe, enquanto os morfemas lexicais carregam um significado particular e contribuem para a formação de novas palavras. A reorganização semântica dos termos está relacionada aos princípios de relexicalização, que envolvem a rearranjo das categorias cognitivas e traços semânticos nas palavras. A compreensão da formação do termo "disciplina" envolve a análise etimológica em diferentes dicionários, como o Houaiss e o de Latim-Português, e revela a relação entre disciplina, ensino, treinamento e pesquisa. Como conceito, a disciplinaridade estabelece fronteiras entre os domínios de pesquisa, mas é importante considerar visões múltiplas para uma compreensão mais completa do objeto de estudo, sendo a análise pancrônica e a comutação ferramentas metodológicas relevantes nesse processo de reconstrução semântica dos termos. Para finalizar o estudo da formação dos termos, os prefixos serão categorizados na seção 5.5 e 5.6.

5.2 A normatização de disciplina como componente curricular e o estabelecimento das relações disciplinares

Os conceitos estudados estão diretamente vinculados às áreas de pesquisas e ao ensino de algumas ciências. Nesse sentido, é importante observar, de modo breve, a estruturação da Educação brasileira com vistas a compreender a forma como houve avanço no relacionamento entre diferentes saberes. A história da educação no Brasil apresenta uma série de reformas e mudanças ao longo do tempo. Inicialmente, a reforma conhecida como Reforma Francisco Campos, implementada pelo Ministro Francisco Campos em 1931, regulamentou e organizou o ensino secundário, profissional e comercial, porém manteve a tradição de uma educação voltada para as elites.

Em 1942, a Reforma Capanema estabeleceu as leis orgânicas da educação nacional, buscando formar as elites e atender às necessidades da economia industrial e sociedade urbana. Durante a década de 1950, houve a equivalência entre os estudos acadêmicos e profissionais, permitindo a entrada em cursos superiores. Em 1971, a Lei nº 5.692 reformou o ensino de 1º e 2º graus, tornando a profissionalização obrigatória no 2º grau. A Lei nº 9.394/96, conhecida como LDB, décadas depois, definiu o Ensino Médio como etapa final da Educação Básica, com preparação para estudos, trabalho e cidadania. Logo depois, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio foram formuladas em 1998, destacando princípios pedagógicos como identidade, diversidade, autonomia, interdisciplinaridade e contextualização. Isso ocorreu porque foi necessário um currículo flexível que atendesse às necessidades e aos interesses dos estudantes, visando à permanência e ao sucesso escolar.

Em 1997, houve uma normatização apontando práticas a serem estabelecidas para o Ensino Fundamental, do 1º ao 5º ano. Em 1998, um ano depois, houve o aprofundamento da sistematização das práticas a serem adotadas no Ensino Fundamental, por isso, houve, também, a normatização de práticas comuns ao Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano. Nesse período, foram estabelecidas competências e habilidades necessárias a serem trabalhadas durante o desenvolvimento da educação no contexto infantil. No entanto, somente nos anos 2000 que as práticas adotadas no Ensino Médio foram sistematizadas, também com o intuito de estimular professores a buscarem novas metodologias de ensino.

O parecer CNE/CEB Nº: 5/2011 foi um marco na quebra da disciplinaridade ao indicar que a formação dos professores, especialmente no âmbito do Ensino Médio, deveria ser interdisciplinar. No documento, há a consideração de que a educação é considerada um direito e um processo formativo contínuo, o que implica novas demandas para os profissionais da área. Assim, os professores precisam articular conhecimentos escolares com a prática social e o desenvolvimento de competências para o mundo do trabalho. Isso torna a vida escolar e o trabalho dos professores cada vez mais complexos, exigindo uma revisão na formação inicial e continuada desses profissionais, como a articulação de saberes a todo momento.

Ainda de acordo com o parecer, a necessidade de integração entre diferentes domínios de saberes fica evidente ao se abordar o conceito de currículo. Ele, nesse sentido, é a seleção de conhecimentos considerados relevantes em um determinado contexto histórico, baseado no projeto de sociedade e na formação humana. O currículo se manifesta através de uma proposta que explicita as intenções da formação e se concretiza nas práticas escolares. Existem duas dimensões do currículo: a prescritiva, que define as intenções e os conteúdos de formação, e a não explícita, que envolve as relações entre os sujeitos na prática escolar. O conhecimento, como consequência, é a matéria-prima do trabalho pedagógico e está relacionado aos interesses e às visões de mundo. Esse mundo não se desenvolve de modo individual, em que cada objeto de pesquisa, representando um aspecto do mundo, fica isolado, pelo contrário, o mundo se desenvolve, cada vez mais, de forma multipolar, e o domínio da articulação dos objetos também se mostra um desafio à educação. Desse modo, o trabalho pedagógico ocorre no planejamento, no processo de ensinar e aprender e na avaliação. Por conseguinte, é o currículo que busca organizar e tornar eficiente o processo educativo, integrando saberes significativos e evitando a fragmentação disciplinar.

Ainda no parecer, são notórios que o diálogo entre saberes e que a promoção de um ambiente democrático são essenciais. Com vistas a alcançar esses objetivos, os métodos de ensino inovadores devem ser empregados, e os professores desempenham um papel importante na estimulação do aprendizado colaborativo. Os conhecimentos escolares são distintos dos conhecimentos de referência e são selecionados e preparados para compor o currículo. Logo, a atividade escolar implica uma descontextualização e recontextualização dos saberes de referência.

Ademais, fica explícito no documento que a organização curricular no Ensino Médio busca romper com a fragmentação disciplinar, integrando conhecimentos por meio de metodologias mistas e atividades integradoras. A interdisciplinaridade e a transversalidade são abordagens, apontadas no documento, que facilitam a integração do processo formativo dos estudantes, permitindo a participação na escolha dos temas prioritários. É fundamental, nesse contexto, evitar superposições e lacunas no currículo, proporcionar formação continuada aos professores e garantir o planejamento conjunto das atividades curriculares. As atividades integradoras, também, devem ser concebidas a partir do trabalho como mediação entre o homem e a natureza, conectando-o às demais dimensões curriculares. Esse modo de organizar o currículo fortalece as diferentes dimensões do Ensino Médio, sem perder o aprofundamento disciplinar necessário.

O parecer apresenta duas metodologias que devem permear o Ensino Médio. Nesse documento, interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são abordagens diferentes para a organização curricular e a integração de conhecimentos. Segundo o texto, a interdisciplinaridade é uma abordagem teórico-metodológica que enfatiza a integração das diferentes áreas do conhecimento. Ela pressupõe a transferência de métodos de uma disciplina para outra, ultrapassando as fronteiras disciplinares, mas ainda se mantém dentro do estudo

disciplinar. A interdisciplinaridade permite a transversalidade do conhecimento entre as disciplinas por meio de ações pedagógicas mediadas por projetos temáticos.

Já a transdisciplinaridade é entendida como uma forma de organizar o trabalho didático-pedagógico em que temas e eixos temáticos são integrados às disciplinas, permeando todas elas. A transversalidade dos temas e eixos temáticos ocorre em todas as disciplinas de forma a estarem presentes em cada uma delas. A transdisciplinaridade complementa a interdisciplinaridade, rejeitando a concepção de conhecimento como algo estável e pronto, buscando compreender a realidade em sua complexidade e totalidade.

Portanto, a diferença fundamental entre interdisciplinaridade e transdisciplinaridade está na abrangência e no grau de integração dos conhecimentos. Enquanto a interdisciplinaridade busca integrar as diferentes áreas do conhecimento, a transdisciplinaridade vai além, buscando integrar temas e eixos temáticos em todas as disciplinas, ultrapassando as fronteiras disciplinares de forma mais abrangente. De forma sucinta, pode-se estabelecer, então, que a interdisciplinaridade está ligada às competências e às habilidades organizadas em conjunto, como em áreas de conhecimento, e a transdisciplinaridade está ligada aos temas em comum que permeiam todas as áreas de conhecimento e todos os componentes curriculares, organizados em competências e em habilidades.

Após quase 10 anos de sistematizações de práticas para cada etapa da vida escolar, em 2015, houve a primeira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é um documento normativo que estabelece os conhecimentos, as competências e as habilidades que todos os estudantes brasileiros devem desenvolver ao longo da Educação Básica, que engloba a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e o Ensino Médio. A primeira BNCC foi formulada com base no parecer, que indicava a mudança da disciplinaridade para a integração entre as disciplinas.

Em 2016, houve a segunda versão, e, em 2017, a última versão foi aprovada, contendo mudanças significativas do ponto de vista da quebra das relações disciplinares e do investimento em relações entre os campos dos saberes. Por fim, a BNCC busca promover a equidade e a qualidade da educação, estabelecendo uma base comum de conhecimentos essenciais que todos os estudantes brasileiros devem adquirir, independentemente de sua região ou contexto socioeconômico. Ela também valoriza o desenvolvimento de competências e habilidades relacionadas ao pensamento crítico, à criatividade, à resolução de problemas, à colaboração e à cidadania, visando a preparar os estudantes para os desafios do século XXI.

A modificação de uma educação interdisciplinar, que visa à desfragmentação do conhecimento, se mostra evidente quando os componentes curriculares, outrora denominadas disciplinas, são agrupados em áreas de estudo. De acordo com (Brasil, 2018, p. 470),

O currículo do ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos, que deverão ser organizados por meio da oferta de diferentes arranjos curriculares, conforme

a relevância para o contexto local e a possibilidade dos sistemas de ensino, a saber: I – linguagens e suas tecnologias; II – matemática e suas tecnologias; III – ciências da natureza e suas tecnologias; IV – ciências humanas e sociais aplicadas; V – formação técnica e profissional (LDB, Art. 36; ênfases adicionadas). (Brasil, 2018, p. 470).

As áreas de estudo são assim categorizadas, pois reúnem disciplinas que possuem mais chance de interação, devido às semelhanças no objeto de pesquisa. Desse modo, é necessário compreender a forma como a BNCC (2017) conceitua as áreas e as disciplinas.

5.2.1 Área da Linguagem e suas Tecnologias

Na área da Linguagem, o objetivo é de consolidar e de ampliar as aprendizagens previstas no Ensino Fundamental nas disciplinas de Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa. A área busca desenvolver competências e habilidades nos estudantes, permitindo a mobilização e articulação de conhecimentos em situações de aprendizagem relevantes. A disciplina de Arte contribui para o desenvolvimento da autonomia reflexiva, criativa e expressiva dos estudantes, conectando o pensamento, sensibilidade, intuição e ludicidade. A Educação Física possibilita a exploração do movimento e da gestualidade em práticas corporais, estimulando a curiosidade intelectual e a capacidade de argumentação. A disciplina de Língua Inglesa é compreendida como uma língua global, com múltiplos usos e funções na contemporaneidade, e visa a expandir os repertórios linguísticos e culturais dos estudantes, permitindo uma reflexão crítica sobre os usos do inglês na sociedade atual. A Língua Portuguesa promove o entendimento da realidade por meio da decodificação e de produção de signos linguísticos que permeiam todas as áreas do conhecimento e todos os componentes curriculares. Ainda, é importante ressaltar que a BNCC, no Ensino Médio, normatiza competências e habilidades necessárias somente ao componente curricular de Língua Portuguesa, evidenciando um atraso no desenvolvimento dos demais componentes curriculares da área.

5.2.2 Área da Matemática e suas Tecnologias

A BNCC da área de Matemática e suas Tecnologias busca consolidar, ampliar e aprofundar as aprendizagens essenciais desenvolvidas no Ensino Fundamental. O documento propõe que os estudantes construam uma visão integrada da Matemática, aplicada à realidade, por meio de habilidades organizadas em unidades de conhecimento, como Números, Álgebra, Geometria, Grandezas e Medidas, Probabilidade e Estatística.

No Ensino Fundamental, os estudantes desenvolvem habilidades relacionadas ao pensamento numérico, pensamento algébrico, pensamento geométrico e grandezas e medidas. Eles resolvem problemas envolvendo diferentes tipos de números, identificam relações de dependência entre grandezas, interpretam e representam figuras no plano cartesiano, formulam e resolvem problemas com conceitos de congruência e semelhança, além de trabalharem com medidas e proporções. A normatização também destaca a importância do uso de tecnologias, como calculadoras e planilhas eletrônicas, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, estimulando o desenvolvimento do pensamento computacional. No Ensino Médio, o foco é a construção de uma visão integrada da Matemática, aplicada à realidade, considerando as vivências cotidianas dos estudantes.

O documento enfatiza o desenvolvimento de competências e habilidades para este componente curricular, no Ensino Médio, igual ao que ocorre com o componente curricular de Língua Portuguesa. Esse desenvolvimento ocorre como investigação, construção de modelos, resolução de problemas, raciocínio, representação, comunicação e argumentação matemática. Os estudantes devem mobilizar os modos próprios de raciocinar, representar, comunicar e argumentar, buscando autonomia e recursos matemáticos para formular e resolver problemas. As habilidades não têm uma ordem preestabelecida, e a progressão não é anualmente definida, permitindo flexibilidade nos currículos escolares. A BNCC, por fim, destaca a importância de atitudes como autoestima, perseverança, respeito ao trabalho e opiniões dos colegas, e a predisposição para ações em grupo.

5.2.3 Área da Ciências da Natureza e suas Tecnologias

A BNCC da área de Ciências da Natureza e suas Tecnologias enfatiza a importância do desenvolvimento do pensamento científico e define competências e habilidades relacionadas aos conhecimentos conceituais, contextualização social, histórica e ambiental, processos e práticas de investigação, e linguagens das Ciências da Natureza, especialmente no Ensino Fundamental, tendo em vista que, no Ensino Médio, não há competências e habilidades necessárias. Essa área é composta pelos componentes curriculares de Biologia, de Física e de Química

No Ensino Médio, os estudantes são desafiados a analisar fenômenos naturais e sistemas tecnológicos, aplicar modelos explicativos, compreender a complexidade dos processos relacionados à vida, terra e universo, e explorar a relação entre ciência, tecnologia, sociedade e ambiente. Além disso, é destacada a importância da contextualização histórica e social da ciência e da tecnologia, bem como o desenvolvimento de habilidades de investigação e a apropriação de linguagens específicas da área.

O texto ressalta que o ensino das Ciências da Natureza vai além da transmissão de conceitos e busca promover a aplicação dos conhecimentos na vida cotidiana, nos projetos de vida, no mundo do trabalho, enfatizando o protagonismo dos estudantes na resolução de problemas sociais, ambientais e individuais.

Também é enfatizada a importância do letramento científico, ou seja, o domínio da linguagem própria das Ciências da Natureza, para compreender, avaliar, comunicar e divulgar o conhecimento científico.

5.2.4 Área das Ciências Humanas e suas Tecnologias

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, composta por Filosofia, Geografia, História e Sociologia, busca ampliar e aprofundar as aprendizagens essenciais no Ensino Fundamental, com ênfase na formação ética dos estudantes. Os princípios fundamentais dessa área incluem justiça, solidariedade, autonomia, liberdade de pensamento e de escolha, respeito aos direitos humanos e à interculturalidade, além do combate a preconceitos.

No Ensino Fundamental, a BNCC enfatiza a consciência do eu, do outro e do nós, a compreensão das diferenças, a organização da família e da sociedade ao longo do tempo e do espaço, além das transformações individuais e sociais. Já no Ensino Médio, a BNCC propõe o desenvolvimento da capacidade de diálogo e de estabelecer conexões entre indivíduos, grupos sociais e culturas distintas. Isso requer o domínio de conceitos e metodologias das Ciências Humanas, como identificação, seleção, organização, comparação, análise, interpretação e compreensão.

As disciplinas da área abordam conceitos fundamentais, como Tempo e Espaço, que permitem a compreensão de contextos históricos e culturais, e Território e Fronteira, que envolvem noções de poder, soberania e identidade. Além disso, o documento destaca a relação entre Indivíduo, Natureza, Sociedade, Cultura e Ética, explorando as finalidades da existência humana, a convivência coletiva e as necessidades sociais e de subsistência.

No Ensino Médio, é esperado que os estudantes desenvolvam habilidades de observação, memória, abstração e articulação de informações, além de analisar criticamente o uso das novas tecnologias e valorizar o protagonismo juvenil. As categorias discutidas na BNCC buscam promover uma compreensão mais ampla e crítica das questões sociais, culturais, políticas e éticas, proporcionando aos estudantes uma visão mais complexa da realidade e o desenvolvimento de habilidades de análise, argumentação e diálogo.

A construção da área dos saberes é fundamental, portanto, para a integração de disciplinas, pois promove uma visão ampla e interdisciplinar do conhecimento, permitindo aos estudantes relacionarem conceitos de diferentes áreas e compreenderem as conexões entre elas. Isso estimula o pensamento crítico e criativo, desenvolvendo habilidades necessárias para resolver problemas complexos que exigem uma abordagem multidisciplinar. Além disso, a integração de disciplinas facilita a aplicação prática do conhecimento, permitindo uma visão mais completa e contextualizada dos temas estudados. Assim, a construção da área dos saberes contribui para uma educação mais abrangente, preparando os alunos para os desafios do mundo atual.

5.3 A teoria das relações entre disciplinas

Esse debate sobre a articulação de diferentes ciências é iniciado por Georges Gusdorf, quando, em 1961, apresentou à Organização das Nações Unidas (ONU) um trabalho com vistas à articulação de métodos entre disciplinas da Ciências Humanas. No Brasil, o desenvolvimento dessas práticas ocorreu a partir da década de 1970, sendo Japiassu (1977) um dos percussores delas, seguido por Fazenda (2003) e por Pombo (2010). O primeiro autor apresenta o pensamento de que um só domínio conceitual para analisar o homem e os seus problemas é resultado de um problema da disciplinaridade, por isso, há a necessidade de envolvimento disciplinar.

Como consequência, (Japiassu, 1977, p. 65) observa que é necessária uma “[...] forma de colaboração entre disciplinas diversas ou entre setores heterogêneos de uma mesma ciência, para culminar em interações recíprocas, onde podemos descobrir uma verdadeira reciprocidade nas trocas de dados, de informações, de resultados, de metodologia, etc.”. Nesse contexto, há duas importantes observações: *i*) profissionais de diferentes disciplinas interagindo suas epistemes, seus objetos e seus métodos de pesquisa e *ii*) setores heterogêneos de uma mesma ciência, como ocorre com a união da Teoria de Campo Semântico, da Teoria do Campo Lexical e da Socioterminologia.

Assim sendo, é manifestada, no discurso de Japiassu (1977), a evidente a necessidade de interações entre pesquisadores de diferentes disciplinas. De forma a reiterar a necessidade de ultrapassar a disciplinaridade, (Japiassu, 1977, p. 67 – 68) reforça que

De fato, as explicações causais e estruturais apresentam a grande vantagem de mostrar que a objetividade científica não pode mais residir única e exclusivamente nos fatos, nos fenômenos observáveis, mas nas relações que podemos observar na realidade, e que o real objetivo está longe de coincidir com aquilo que é observável através dos instrumentos e dos métodos de uma disciplina particular.” (Japiassu, 1977, p. 67 – 68).

O resultado de ultrapassar as barreiras da disciplinaridade se manifesta na identificação do objeto, dos métodos adotados e dos resultados obtidos. Nesse sentido, “esses contatos integrativos apresentam a grande vantagem de fornecer um conhecimento não somente mais completo e mais rico do objeto da pesquisa, no nível teórico, mas também de situar este objeto no contexto de uma "pesquisa orientada", visando a dar resposta a problemas de ordem prática.” (Japiassu, 1977, p. 71). Por conseguinte, o processo de integração de disciplinas pode ocorrer de formas diferentes, representado pelos prefixos. Ele se

[...] faz pela comparação dos resultados atingidos por uma disciplina com os resultados fornecidos por outras disciplinas, pelo confronto dos pontos de vista ou enfoques diferentes; numa palavra, essa interação pode ir da simples comunicação das idéias à integração mútua dos conceitos-chaves, da epistemologia,

da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados, da organização da pesquisa e do ensino que daí resulta. (Japiassu, 1977, p. 71).

Nesse sentido, a prática de quebrar as barreiras da disciplinaridade provoca não somente “ [...] um enriquecimento recíproco das pesquisas, mas um conhecimento mais "inteiro" e "concertado" do fenômeno humano. (Japiassu, 1977, p. 71). É necessário que as “barreiras” epistêmicas e metodológicas sejam revistas, pois a relação teórica-metodológica entre diferentes disciplinas de uma mesma área e entre diferentes disciplinas de diferentes áreas promove mais mecanismos de análise de um mesmo objeto de pesquisa, mesmo que a interpretação seja realizada para uma “face” diferente desse objeto. Logo, ocorre a multiplicidade de informações de um fato, avanços inovadores na ciência.

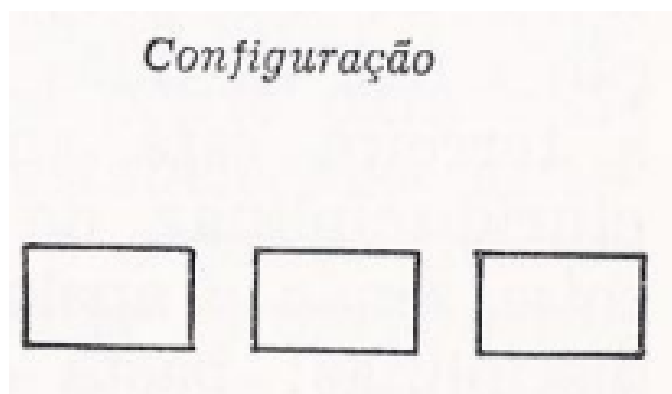
Em detrimento de uma nova prática de relacionamento de métodos, Japiassu (1977) apresenta a forma como as interações ocorrem. A primeira advertência do autor se manifesta no uso dos termos multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade. Nesse sentido, (Japiassu, 1977, p. 72) salienta que “devemos afastar como inadequado o termo "multidisciplinar", pois só evoca uma simples justaposição, num trabalho determinado, dos recursos de várias disciplinas, sem implicar necessariamente um trabalho de equipe e coordenado”. O autor ainda defende que “quando nos situamos no nível do simples multidisciplinar, a solução de um problema só exige informações tomadas de empréstimo a duas ou mais especialidades setores de conhecimento, sem que as disciplinas levadas a contribuir por aquela que as utiliza sejam modificadas ou enriquecidas”.

No que concerne aos termos multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade

Tanto o multi- quanto o pluridisciplinar realizam apenas um agrupamento, intencional ou não, certos "módulos disciplinares", sem relação entre as disciplinas (o primeiro) ou com algumas relações (o segundo): um visa à construção de um sistema disciplinar de apenas um nível e com diversos objetivos; o outro visa à construção de um sistema de um só nível e com objetivos distintos, mas dando margem a certa cooperação, embora excluindo toda coordenação. (Japiassu, 1977, p. 13).

Assim sendo, as duas primeiras formas para o autor de relacionamento disciplinares evidenciam uma pseudo-relação, pois não há uma evidente relação entre as disciplinas, no caso de multidisciplinar, ou, quando há, a cooperação é parcial. Na conceituação de Japiassu (1977), a multidisciplinaridade é uma "gama de disciplinas que propomos simultaneamente, mas sem fazer aparecer as relações que podem existir entre elas. Tipo de sistema: sistema de um só nível e de objetivos múltiplos; nenhuma cooperação.”. Essa conceituação é evidenciada, pelo autor, na figura 6.

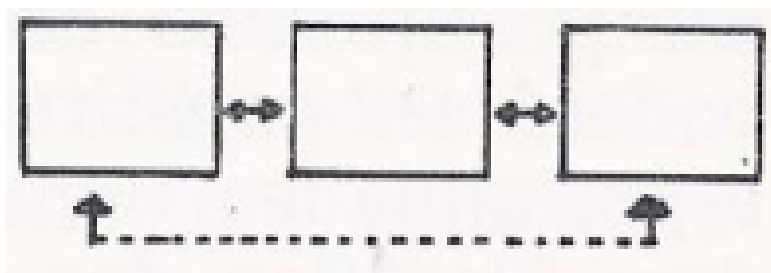
Figura 6 - Multidisciplinaridade para Japiassu



Fonte: (Japiassu, 1977)

Pluridisciplinaridade, para o autor, mantém uma relação com multidisciplinaridade, mas evidencia diferenças. (Japiassu, 1977, p. 73) afirma que a pluridisciplinaridade é a “justaposição de diversas disciplinas situadas geralmente no mesmo nível hierárquico e agrupadas de modo a fazer aparecer as relações existentes entre elas. Tipo de Sistema: sistema de um só nível e de objetivos múltiplos; cooperação, mas sem coordenação.”. Na figura 7, o autor revela a forma como essa relação corre

Figura 7- Pluridisciplinaridade para Japiassu

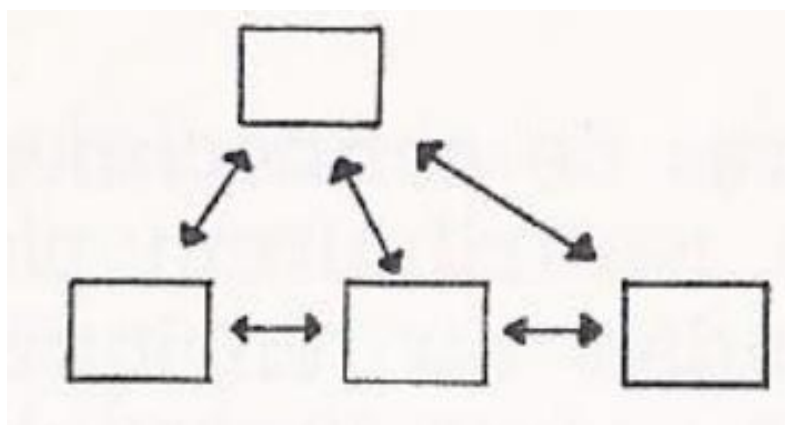


Fonte: (Japiassu, 1977)

Nesse sentido, multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade se manifestam como uma relação entre disciplinas sem uma ligação evidente entre elas, no entanto não há uma relação mais forte, no sentido de promover coordenação entre as faces de saberes. Ainda, nesse contexto, é importante salientar que o sentido dos prefixos, discutido na seção 5.5.1, evidencia uma gradatividade na intensidade, no caso dos termos, isso se sinaliza por meio da ausência e da presença de cooperação. Assim, é fundamental discutir que a ausência de coordenação destaca não haver a possibilidade de organizar as disciplinas por meio de um axioma comum, como é feito pela BNCC ao classificar as disciplinas por meio de áreas de estudo.

A interdisciplinaridade, pelo contrário, possui, segundo (Japiassu, 1977, p. 74), “axiomática comum a um grupo de disciplinas conexas e definida no nível hierárquico imediatamente superior, o que introduz a noção de finalidade. Tipo de Sistema: sistema de dois níveis e de objetivos múltiplos; coordenação procedendo do nível superior.”. Esse pensamento é representado pela figura 8.

Figura 8 - Interdisciplinaridade para Japiassu

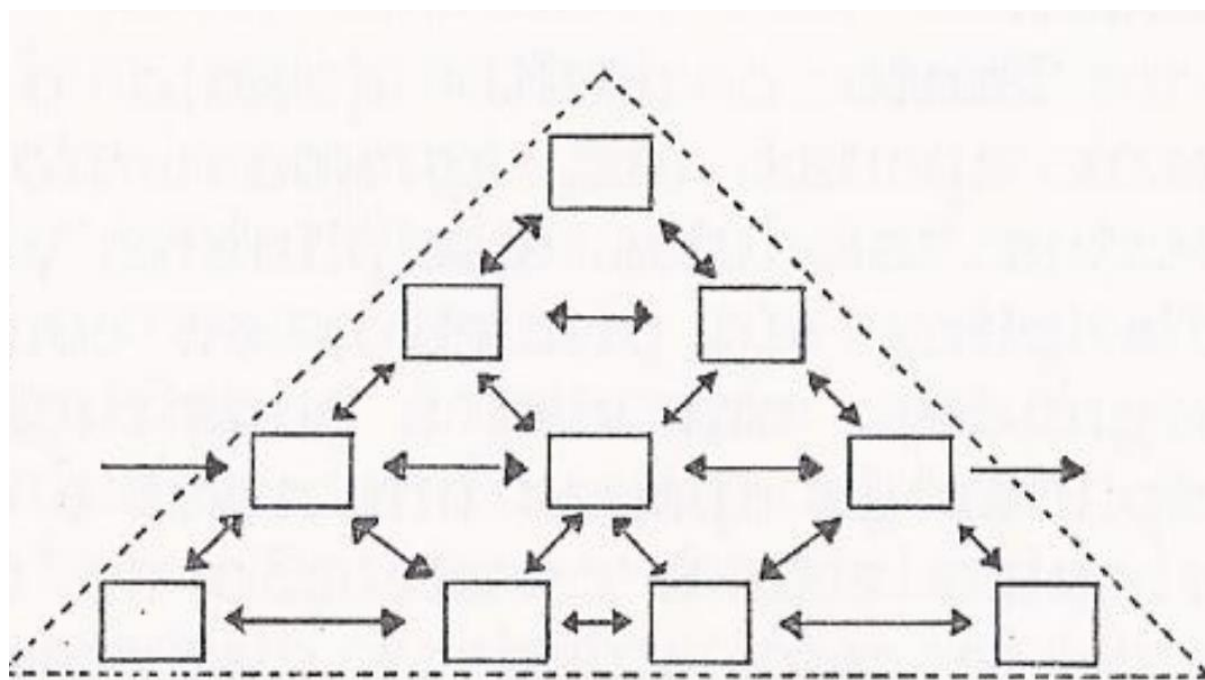


Fonte: (Japiassu, 1977)

O estabelecimento de uma axiomática comum é percebido por meio da BNCC, em que as disciplinas são categorizadas por meio de um axioma que mais as une do que as separa. Um exemplo que pode ser dado é a comparação do estabelecimento do axioma como um hiperônimo, em que as disciplinas unidas por esse axioma são hipônimos. A divisão dos componentes curriculares evidencia que há um avanço, desde o parecer de 2011, no sentido de integrar métodos de ensino e de pesquisa.

Pode-se observar, no conceito de transdisciplinaridade, um envolvimento maior entre as disciplinas. Para (Japiassu, 1977, p. 74) há “coordenação de todas as disciplinas e interdisciplinas do sistema de ensino inovado, sobre a base de uma axiomática geral. Tipo de Sistema: sistema de níveis e objetivos múltiplos; coordenação com vistas a uma finalidade comum dos sistemas”. Nesse contexto, a transdisciplinaridade parece ser o nível maior em que todas as disciplinas de todas as áreas do conhecimento se relacionam, compartilham suas fundamentações e desenvolvem-se com base em uma axiomática comum entre elas. Esse pensamento assim se mostra na figura 9.

Figura 9 - Transdisciplinaridade para Japiassu



Fonte: (Japiassu, 1977)

Para além dessas conceituações, (Japiassu, 1977, p. 75) salienta que “passamos por graus sucessivos de cooperação e de coordenação crescentes antes de chegarmos ao grau próprio ao interdisciplinar” e que “[...] o papel específico da atividade interdisciplinar consiste, primordialmente, em lançar uma ponte para religar as fronteiras que haviam sido estabelecidas anteriormente entre as disciplinas com o objetivo preciso de assegurar a cada uma seu caráter propriamente positivo, segundo modos particulares e com resultados específicos”. No entanto, (Japiassu, 1977, p. 76), à época, também afirmou que “estamos ainda muito longe de chegar a um sistema total, de níveis e objetivos múltiplos, coordenando todas as disciplinas e interdisciplinar, tomando por base uma axiomática geral (objetivos de sistemas globais) capaz de instaurar uma coordenação a ser feita tendo em vista uma finalidade comum dos sistemas”.

Com o intuito de melhor qualificar o conceito de cada termo, Japiassu (1977) também sintetizou a conceituação teórica dos termos por diferentes autores, conforme a figura 10.

Figura 10 - Sintetização da conceituação das relações disciplinares por Japiassu

G. MICHAUD p. 293ss	H. HECKHAUSEN p. 83ss	J. PIAGET p. 125ss	E. JANTSCH p. 98ss
Disciplinaridade	Disciplinaridade	Disciplinaridade	----- Multidisciplinaridade
Multidiscipl.	Interdiscipl. Heterogênea Pseudo-Interdisciplinaridade	Multidiscipl.	Pluridiscipl.
Interdiscipl. Interd. Linear. Cruzada, Auxiliar Int. Estrutural	----- Int. Auxiliar Int. Compósita Int. Unificadora	Interdiscipl.	----- Int. Cruzada Interdiscipl.
Transdisciplinaridade	-----	Transdisciplinaridade	Transdisciplinaridade

Fonte: (Japiassu, 1977)

É evidente, na figura 10, que há divergência teórica no que diz respeito à aplicação dos termos, especialmente dos termos multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade. Com relação à interdisciplinaridade, o autor a sintetiza em duas: linear - ou cruzada – e estrutural. A primeira, para Japiassu, (1977, p . 81) “trata-se apenas de uma forma mais elaborada de pluridisciplinaridade. As disciplinas permutam informações. Contudo, nessas trocas, não há reciprocidade. E a cooperação propriamente metodológica é praticamente nula” e ainda reforça que “as disciplinas que fornecem informações a uma outra, fazem-no a título de disciplinas "auxiliares", permanecendo, relativamente a ela, numa situação de dependência ou de subordinação.”.

Com base nas relações disciplinares, percebe-se que há uma gradação no envolvimento de epistemês. Japiassu (1977) acentua isso quando afirma que

Todas essas modalidades de colaboração de que falamos estão ligadas à própria natureza das disciplinas: ciências naturais e humanas. Outras se vinculam ao grau de integração, podendo ir da simples justaposição à integração propriamente dita. O que pretendemos dizer é que há uma passagem gradual do multi e do pluridisciplinar ao interdisciplinar propriamente dita. (Japiassu, 1977, p. 85).

Com base nessas classificações, o entendimento de que há uma gradação na forma como as disciplinas podem interagir se torna evidente. (Japiassu, 1977, p. 85) assegura que “o que pretendemos dizer é que há uma passagem gradual do multi e do pluridisciplinar ao interdisciplinar propriamente dito”. O autor também assegura que há grau da não-integração à integração, assim sendo, lista algumas características

pesquisas independentes empreendidas numa situação de proximidade física; permutas ocasionais de informações sobre um problema de ordem geral; colaborações não estruturadas, no interior de um problema de ordem geral; divisão do problema-comum em subpesquisas, entre as quais se repartem os especialistas de diferentes disciplinas; integração meramente formal das disciplinas, permanecendo estas, na realidade, separadas umas das outras; objetivo comum a uma equipe de trabalho, atacado por enfoques distintos, segundo pontos de vista diferentes; fusão da pesquisa, em que os especialistas não se identificam mais por suas disciplinas de origem. (Japiassu, 1977, p. 85).

Essas características por Japiassu (1977) evidenciam a falta de integração entre as pesquisas. Essa falta de relação evidente e estruturada é entendida no domínio da multidisciplinaridade e da pluridisciplinaridade. Segundo o autor, uma maior integração pode ser assim caracterizada

pesquisadores pertencendo a diferentes disciplinas estudam paralelamente diversos aspectos de um mesmo problema e apresentam relatórios distintos, a fim de melhor esclarecer, por esta justaposição, o problema considerado; atacam simultaneamente o mesmo problema e sincronizam seus esforços, comunicam-se os resultados obtidos e chegam a diferentes relatórios que serão precedidos de um relatório comum tentando integrar todos esses resultados; atacam conjuntamente o mesmo problema, comparam suas hipóteses de trabalho, avaliam reciprocamente os resultados e os métodos, para chegar a um relatório comum. (Japiassu, 1977, p. 86)

No primeiro caso, a definição de justaposição é dada por disciplinas que estudam o mesmo objeto de pesquisa, mas apresentam relatórios distintos. A nomenclatura justaposição, nesse caso, ocorre porque se justapõem relatórios sem que haja entre eles relação alguma, a não ser a observação de um objeto, mas a observação parte de unidades disciplinares diferentes. No segundo caso, há a observação de um mesmo objeto de pesquisa, há um compartilhamento de métodos de análise, há um produto da análise, no entanto, cada análise será apresentada integrada uma à outra, uma forma de cooperação. No terceiro caso, por fim, há a observação do mesmo objeto de análise, há uma coordenação na união de hipóteses de trabalho, a avaliação recíproca da integração dos métodos de análise, das conclusões e, por fim, um relatório comum. Essas definições evidenciam melhor o conceito dos termos dados pelo autor a cada termo.

Após as definições de Japiassu na década de 1970, Fazenda (2003) evidencia algumas mudanças no que diz respeito à implementação das práticas interdisciplinares. Fazenda (2003) subdivide o avanço da interdisciplinaridade por meio das ações propostas entre as décadas de 1970 a 1990, especialmente em razão da busca por práticas interdisciplinares. Nesse sentido, (Fazenda, 2003, p. 14) destaca a seguinte divisão de décadas, “1970 – em busca de uma explicitação filosófica; 1980 – em busca de uma diretriz sociológica; e 1990 – em busca de um projeto antropológico.”. Nessas três décadas, a autora afirma que em “1970 – procurávamos uma definição de interdisciplinaridade; 1980 – tentávamos explicitar um método para a interdisciplinaridade; 1990 – estamos partindo para a construção de uma teoria da interdisciplinaridade.”.

A autora afirma que um entrave apresentado, nesse ínterim, era a necessidade de haver um método estipulado para que houvesse a relação entre epistemes. No entanto, (Fazenda, 2003, p. 32) reforça que “[...] não é possível partir-se de um quadro teórico já organizado para procedermos a uma análise que avance e redimensione as práticas escolares, no sentido da interdisciplinaridade. É necessário que esse quadro teórico seja construído na medida em que o objeto a ser analisado - o educacional - assim o exigir”. Assim sendo, o pensamento da autora vai ao encontro do pensamento de Japiassu (1977), porque ambos defendem a elaboração de um roteiro com base no que será feito em conjunto e a forma como compartilharão hipóteses, métodos e análises.

Após Japiassu (1977) e Fazenda (2003), Pombo (2010) também discute o conceito dos termos e a aplicação deles durante o ensino e a pesquisa. (Pombo, 2010, p. 12) apresenta o pensamento inicial de que “gostaria de vos apresentar uma proposta de definição da palavra interdisciplinaridade que - penso - é, apesar de tudo, aquela que, porventura, mais se aproxima daquilo que por ela queremos significar. Vejamos as tais quatro palavras que, digamos assim, disputam”. Surgem duas observações no início da conceituação da autora: *i*) a estrutura de cada termo pode concorrer pelo mesmo conceito; e *ii*) um rebaixamento de multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade em detrimento de interdisciplinaridade.

No entanto, (Pombo, 2010, p. 13) afirma que “é a etimologia dos prefixos que, em cada caso, antecede a palavra disciplina que, a meu ver, há que recorrer” com o intuito de compreender o conceito de cada estrutura. Essa afirmação é importante, pois o método de comutação, utilizado em outras abordagens de estudo, é útil à compreensão do significado. Em contrapartida, (Pombo, 2010, p. 13) propõe o entendimento de que

são justamente com base nessas indicações que, penso eu, há possibilidade de avançar uma proposta terminológica assente em dois princípios fundamentais: a) aceitar estes três prefixos: multi ou pluri, inter e trans (digo três não quatro porque, do ponto de vista etimológico, não faz sentido distinguir entre pluri e multi) e b) aceitá-los como uma espécie de continuum que é atravessado por alguma coisa que, no seu seio, se vai desenvolvendo. (Pombo, 2010, p. 13).

Na primeira assertiva, por outro lado, há uma indicação de que tanto o prefixo {multi-} quanto o prefixo {pluri-} podem, em comutação, serem morfemas, e um exemplo dessa assertiva se manifesta nos termos multicelular e pluricelular. O primeiro é aquele composto por várias células, que trabalham em conjunto para realizar funções específicas e formar tecidos, órgãos e sistemas. Essas células se especializam em diferentes funções e se organizam em uma estrutura complexa. Exemplos de organismos multicelulares incluem animais, plantas e fungos. Cada célula individual tem uma função específica, mas depende da cooperação e comunicação entre as células para o funcionamento do organismo como um todo.

A segunda é usada para descrever um organismo que é composto por várias células, mas não apresenta uma organização especializada das células em tecidos, órgãos ou sistemas distintos. Nesse caso, as células

podem ter funções semelhantes ou diferentes, no entanto não se organizam em estruturas específicas. Alguns organismos pluricelulares são agrupamentos de células relativamente simples e independentes. Um exemplo de organismo pluricelular é uma colônia de algas, em que as células vivem em conjunto, mas não estão estruturalmente organizadas em tecidos.

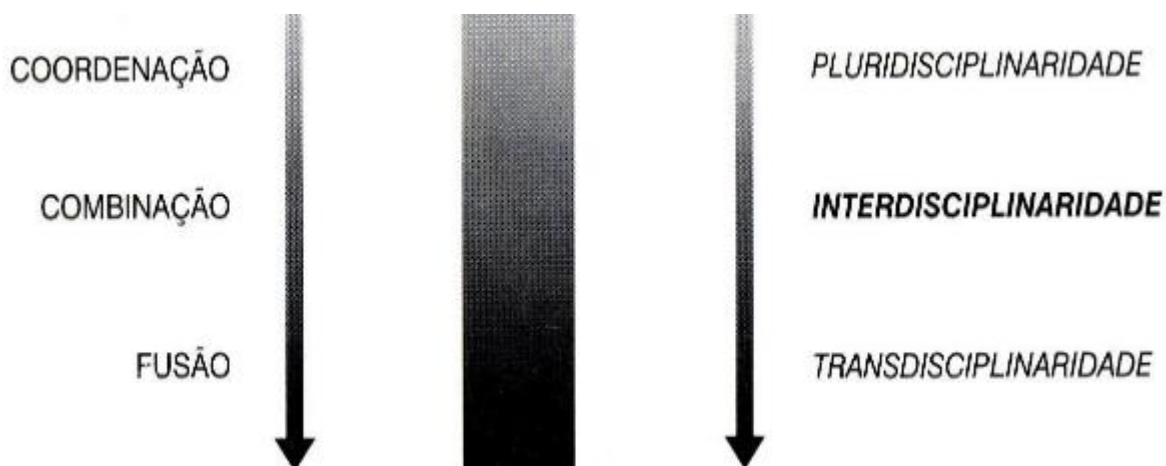
Com isso em vista, a diferença entre multicelular e pluricelular está na organização e na especialização das células. Organismos multicelulares possuem células especializadas organizadas em tecidos, órgãos e sistemas, enquanto organismos pluricelulares consistem em agrupamentos de células, sem uma organização especializada delas. Uma vez que a utilização de um prefixo no lugar de outro modifica o sentido do item ao que se une, torna-se importante compreender se ocorre o mesmo fenômeno em multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade.

A segunda assertiva de Pombo (2010) diz respeito à capacidade de os termos adentrarem na sociedade de forma mais profunda. Tendo em vista que a discussão de relação entre diferentes disciplinas ocorre na década de 1970, no Brasil, a utilização deles certamente passa a ser gradual, e isso implica a concretização do uso do conceito. Para (Pombo, 2010, p. 13), a relação mais abrangente é a {multi-} ou a pluridisciplinaridade, pois é “algo que é dado na sua forma mínima, naquilo que seria a pluri (ou multi) disciplinaridade, que supõe o pôr em conjunto, o estabelecer algum tipo coordenação, numa perspectiva de mero paralelismo de pontos de vista.”.

A interdisciplinaridade, de acordo com (Pombo, 2010, p. 13), é um estágio mais solidificado que a multidisciplinaridade, porque é “algo que, quando se ultrapassa essa dimensão do paralelismo, do pôr em conjunto de forma coordenada, e se avança no sentido de uma combinação, de uma convergência de uma complementaridade, nos coloca no terreno intermédio da interdisciplinaridade.”. Essa perspectiva de Pombo (2010) se associa à perspectiva de Japiassu (1977), porque ambos afirmam haver uma coordenação entre epistemes.

A transdisciplinaridade, por outro lado, segundo (Pombo, 2010, p. 14), é “algo que, quando se aproximasse de um ponto de fusão, de unificação, quando fizesse desaparecer a convergência, nos permitiria adentrar a uma perspectiva holista, e, nessa altura, nos permitiria falar, enfim, de transdisciplinaridade.”. Essa perspectiva traz a abordagem de integração de todas as epistemes com base em um axioma geral entre elas junta a percepção de que todas colaboram entre si.

Figura 11 - Grau de interação entre disciplinas para Pombo



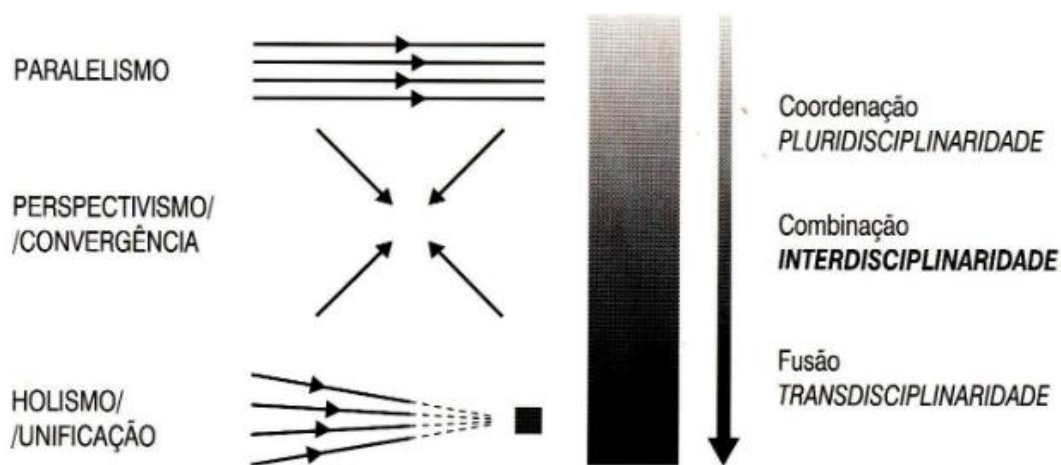
Fonte: (Pombo, 2010)

Para justificar a figura 11, (Pombo, 2010, p. 14) evidencia que

a ideia é a de que as tais três palavras, todas da mesma família, devem ser pensadas num continuum que vai da coordenação, à combinação e desta à fusão. Se juntarmos a esta continuidade de forma um crescendo de intensidade, teremos qualquer coisa deste gênero: do paralelismo pluridisciplinar ao perspectivismo e convergência interdisciplinar e, desta, ao holismo e unificação transdisciplinar. (Pombo, 2010, p. 14).

Uma outra forma de representar esse pensamento é com base na organização da figura 12 elaborada por Pombo (2010).

Figura 12 - Conceito de termos da área de relações disciplinares para Pombo



Fonte (Pombo, 2010)

Em suma, o pensamento de Japiassu (1977) e de Pombo (2010) são semelhantes. O primeiro autor conceitua as duas formas, multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade, enquanto a segunda autora diz que as duas estruturas linguísticas se relacionam ao mesmo significado. Os pontos de convergência entre eles são: *i*) o fato de multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade serem os níveis mais básicos de interações disciplinares; *ii*) o fato de a interdisciplinaridade haver uma combinação de epistemes de diferentes áreas dos saberes, de métodos de pesquisa e de resultados de análise.

Nos debates contemporâneos, o (Conselho Nacional de Educação, 2010, p. 65) salienta uma distinção mais enfática à abordagem transversal, ou transdisciplinar, e interdisciplinar. No parecer,

a transversalidade se difere da interdisciplinaridade, porém ambas são complementares, na perspectiva que consideram o caráter dinâmico e inacabado da realidade. Enquanto a transversalidade refere-se à dimensão didático-pedagógica, a interdisciplinaridade refere-se à abordagem de como se dá a produção do conhecimento, como uma forma de organizar o trabalho didático-pedagógico em que temas, eixos temáticos são integrados às disciplinas, às áreas ditas convencionais de forma a estarem presentes em todas elas. (Conselho Nacional de Educação, 2010, p. 65).

Observa-se, nesse parecer, o entendimento de que a interdisciplinaridade reforça a ideia da integração das disciplinas enquanto relação de disciplinas, proposta tanto por Japiassu (1977) quanto por Pombo (2010). A ideia de transdisciplinaridade refere-se a um estágio da forma como essa integração poderá ser trabalhada como mecanismo didático-pedagógico. Pode-se entender que o mecanismo didático-pedagógico, nesse contexto, seria a promoção de temas comuns às áreas de conhecimento, cuja formação se origina com base na integração de disciplinas – ou de componentes curriculares – diferentes. A interdisciplinaridade, por outro lado, por ser uma abordagem da produção de conhecimento, demonstra uma relação mais forte à episteme das disciplinas, pois requer a definição de competências e de habilidades não somente às áreas do conhecimento, mas também aos componentes curriculares.

5.4 Sistemas de avaliações

É importante, após essas conceituações teóricas, tentar categorizar a forma como os programas de avaliações de ensino se comportam com relação à quebra da perspectiva disciplinar, indicada no parecer CNE/CEB nº 5/2011, nas BNCCs de 2015, 2016 e 2017.

5.4.1 Exame Nacional do Ensino Médio

De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), o maior exame brasileiro, comemorou 20 anos em 2018. Desde sua primeira edição, em 1998, o Enem passou por diversas transformações e conquistou reconhecimento e credibilidade. Na primeira edição, o Enem registrou 157.221 inscrições e teve 115.575 participantes. A maioria dos inscritos (83%) tinha isenção da taxa de inscrição. As provas foram aplicadas em 184 municípios brasileiros.

No ano seguinte, o número de instituições de ensino superior que utilizavam os resultados do Enem subiu de 2 para 93. Foram criados os Comitês Técnicos e Consultivos, o Boletim da Escola e o banco de dados do desempenho dos participantes. O Enem também passou a ter inscrições realizadas em agências dos Correios.

Em 2000, o Enem garantiu atendimento especializado para pessoas com necessidades especiais, marcando o início da oferta de recursos de acessibilidade. O número de inscritos aumentou para 390.180, sendo a maioria concluintes do ensino médio.

Em 2001, as inscrições começaram a ser realizadas pela internet, e a isenção da taxa foi ampliada para os concluintes da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Cerca de 82% dos 1.624.131 inscritos foram beneficiados com a isenção. No ano de 2002, o Enem registrou um aumento significativo no número de inscritos, alcançando 1.829.170 participantes. A aplicação das provas ocorreu em 600 municípios.

Em 2003, o Enem incluiu no questionário socioeconômico uma pergunta sobre o ano de conclusão do Ensino Médio, identificando, assim, os "treineiros", que representaram 19% do total de inscritos. As provas foram aplicadas em 605 municípios. Em 2004, o Enem passou a ser utilizado pelo Programa Universidade para Todos (ProUni) para concessão de bolsas de estudos integrais e parciais, também foi incluído o campo do Cadastro de Pessoa Física (CPF) na ficha de inscrição. Dos 1.552.316 inscritos, a maioria era concluinte do Ensino Médio. No ano seguinte, em 2005, aumentou o número de participantes buscando ingressar no ensino superior devido ao ProUni, e a divulgação da nota por escola também teve início, sendo o Enem realizado em 729 municípios.

Em 2006, o exame se tornou acessível a todos, com mais da metade dos participantes tendo renda familiar de até dois salários mínimos. A inscrição pela internet foi garantida aos concluintes do Ensino Médio. As provas foram aplicadas em 804 municípios. A décima edição do Enem, em 2007, foi aplicada em 1.324 municípios, com mais de 70% dos inscritos buscando ingressar na faculdade. A maioria dos participantes, à época, tinha renda familiar de um a cinco salários mínimos. Em suma, o público-alvo do exame evidencia passar por questões socioeconômicas diversas, assim como o próprio exame passou por reformulações.

Por outro lado, em uma perspectiva pedagógica, com vistas a compreender a forma como as disciplinas se relacionam na prova, é necessário observar a matriz, Brasil (2009), do Exame. Os eixos cognitivos, que são comuns a todas as áreas do conhecimento, representam um modo de articular as disciplinas. Todas as disciplinas

precisam *i*) dominar linguagens; *ii*) compreender fenômenos (cf); *iii*) enfrentar situações-problema (sp); *iv*) construir argumentação (ca); e *v*) elaborar propostas (ep). Após esse ponto comum, cada área de conhecimento – Linguagens, códigos e suas tecnologias e Redação, Matemática e suas tecnologias, Ciências da Natureza e suas tecnologias e Ciências Humanas e suas tecnologias – implementa as competências e habilidades necessárias. Por outro lado, as áreas de Linguagens, códigos e as tecnologias, de Matemática e suas tecnologias e de Ciências Humanas e suas tecnologias possuem os objetos de estudo integrados, em que não há divisão por componente curricular, ou disciplina. Já na área de conhecimento de Ciências da Natureza, há divisão de objetos específicos para componentes curriculares, como Biologia, Física e Química.

Com o intuito de compreender a forma como há interação entre conceitos de componentes curriculares diferentes, observa-se a questão 39 do caderno azul do primeiro dia de prova do Enem de 2022.

Figura 13 – Texto motivador I da questão 39

TEXTO I



JUDD, D. **Sem título.** 1969.

Disponível em: <https://dasartes.com.br>. Acesso em: 16 jun. 2022.

Fonte: (Inep, 2022)

Figura 14 - – Texto motivador II da questão 39

TEXTO II

Embora não fosse um grupo ou um movimento organizado, o Minimalismo foi um dos muitos rótulos (incluindo estruturas primárias, objetos unitários, arte ABC e *Cool Art*) aplicados pelos críticos para descrever estruturas aparentemente simples que alguns artistas estavam criando. Quando a arte minimalista começou a surgir, muitos críticos e um público opinativo julgaram-na fria, anônima e imperdoável. Os materiais industriais pré-fabricados frequentemente usados não pareciam “arte”.

DEMPSEY, A. *Estilos, escolas e movimentos*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003 (adaptado).

Fonte: (Inep, 2022)

Figura 15 – Comando da questão e itens da questão 39

De acordo com os textos I e II, compreende-se que a obra minimalista é uma

- A** representação da simplicidade pelo artista.
- B** exploração da técnica da escultura cubista.
- C** valorização do cotidiano por meio da geometria.
- D** utilização da complexidade dos elementos formais.
- E** combinação de formas sintéticas no espaço utilizado.

Fonte: (Inep, 2022)

Observa-se que os textos motivadores são o ponto de partida, pois representam o objeto a ser analisado com base nas competências e nas habilidades específicas. Na questão 39, há dois textos motivadores que podem ser analisados pelo componente curricular da Arte e da Língua Portuguesa. Nesse sentido, há uma interrelação do objeto de análise. Em contrapartida, ao se observar as alternativas, todas estão voltadas ao domínio do componente curricular da Arte, por mais que tanto o signo imagético quanto os signos linguísticos encaminhem o pensamento para a resposta de letra “e”.

Essa questão, por exemplo, não leva em considerações aspectos do gênero textual que poderiam ser analisados, promovendo uma preferência pelo texto não verbal e as características dele. Essa forma de abordar os objetos de análise é pluridisciplinar, porque é sistema de um só nível e de objetivos múltiplos; cooperação, mas sem coordenação. No entanto, a interdisciplinaridade ainda pode avançar mais quando os objetos de pesquisas, representados pelos textos motivadores, pelas questões e pelos itens, abrangerem análises de diferentes componentes curriculares e diferentes componentes curriculares de diferentes áreas do conhecimento.

5.4.2 Programa de Avaliação Seriada

O Programa de Avaliação Seriada (PAS), de acordo com o site oficial da Universidade de Brasília, utiliza provas interdisciplinares para avaliar as competências e habilidades dos estudantes em relação ao ensino superior. Essas competências envolvem a aplicação reflexiva e intencional de diversos recursos, como conhecimentos, saberes, habilidades, esquemas mentais, afetos, crenças, princípios, funções psicológicas e posturas, para resolver situações-problema. A avaliação não se restringe apenas aos conhecimentos isolados das disciplinas.

As orientações para os estudos, trabalho escolar e elaboração das provas estão detalhadas nas Matrizes de Referência de cada etapa do PAS/UnB. Essas matrizes destacam a relação entre cinco competências e doze habilidades que são abordadas nas três etapas. Cada etapa inclui objetos de conhecimento interdisciplinares, nos quais são sugeridas obras de diferentes modalidades, como textos, músicas, filmes e pinturas. As provas do PAS consistem em uma prova objetiva, composta por duas partes, e uma prova de redação. A prova objetiva tem um valor total de 100 pontos, enquanto a redação vale 10 pontos.

A primeira parte da prova objetiva abrange língua estrangeira (Espanhol, Francês ou Inglês), e a segunda parte abrange áreas como Artes Cênicas, Artes Visuais, Biologia, Filosofia, Física, Geografia, História, Língua Portuguesa, Literaturas de Língua Portuguesa, Matemática, Música, Química e Sociologia. As questões são do tipo A, B, C ou D.

As questões do tipo A são de julgamento, em que o estudante deve avaliar se a afirmação está correta (C) ou incorreta (E). Os itens do tipo B exigem a resolução de um problema numérico, em que o aluno deve marcar todos os algarismos da resposta no caderno de respostas, mesmo que sejam zeros. Os itens do tipo C apresentam quatro opções de resposta, sendo apenas uma correta. Já os itens do tipo D são questões abertas, em que o estudante deve elaborar uma resposta completa.

A prova de redação em Língua Portuguesa vale 10 pontos e segue a Matriz de Referência correspondente à etapa. Ela avalia a expressão escrita, aplicação das normas da língua escrita padrão, coerência e coesão. O estudante deve escrever um texto com até 30 linhas, atendendo ao tipo textual e/ou gênero textual solicitados no comando. Em resumo, o PAS avalia amplamente as competências e habilidades dos estudantes, valorizando não apenas o conhecimento teórico, mas também a capacidade de aplicação prática do conhecimento em diferentes contextos.

É importante observar nas questões a forma como há uma relação entre os componentes curriculares. A questão a ser utilizada é o grupo de questões (75 a 78), do subprograma 2019 – 2021, 2ª etapa

Figura 16 - Texto motivador das questões de 75 a 78 da 2ª etapa do PAS Subprograma 2019 – 2021

Em fins do século XVIII, era comum entre camponeses ingleses a ideia de que indivíduos que trabalhavam no trato do gado, especialmente aqueles que se ocupavam em ordenhar vacas, não contraíam a varíola. O Dr. Edward Jenner parece ter-se interessado por essa crença popular pela primeira vez na década de 70 daquele século, quando uma camponesa lhe disse que “não corria o risco de contrair varíola porque havia tido vacina (*cowpox*)”. A vacina é uma doença que ocorre ocasionalmente nas vacas e que consiste em ulcerações altamente contagiosas. Jenner passou a pesquisar o assunto e notou que, com efeito, certos indivíduos que se ocupavam de ordenhar vacas não contraíam a varíola nas grandes epidemias de bexigas. Soube depois que tais pessoas, tendo esfoladuras nos dedos, contraíam botões semelhantes ao *cowpox* das vacas. Chegou, assim, à hipótese, que já lhe fora sugerida pela camponesa, de que o indivíduo que contraía o *cowpox* adquiria imunidade contra a varíola. Realizou, então, experimentos e, após anos de paciente observação, apresentou os resultados de seu trabalho num livreto publicado em 1798. A medicina popular camponesa estava correta e dera a Jenner a pista para a descoberta da vacinação antivariólica.

Sidney Chalhoub. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na corte imperial. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 105-106 (com adaptações).

Fonte: (Cebraspe)

Figura 17- Comando dos itens de 75 a 78 da 2ª etapa do PAS Subprograma 2019 – 2021

Tendo como referência inicial o texto precedente, julgue os itens de 75 a 77 e faça o que se pede no item 78, que é do **tipo C**.

- 75** Na Europa, a vacinação antivariólica foi amplamente aceita pela população, pela classe política e por cientistas ainda no século XIX, o que resultou na erradicação da varíola no final daquele século.
- 76** Infere-se do texto que o doutor Edward Jenner iniciou sua pesquisa para encontrar a vacina contra a varíola a partir dos conhecimentos desenvolvidos pela chamada sabedoria popular.
- 77** A crença dos camponeses ingleses que ajudou o Dr. Jenner a descobrir a vacina antivariólica era a de que a manifestação da *cowpox* em quem trabalhava na ordenha de vacas comprovaria a imunidade à varíola.
- 78** Considerando o texto apresentado, o contexto nele abordado e a Revolução Industrial, assinale a opção correta.
- A** Quando o doutor Edward Jenner iniciou sua pesquisa sobre a vacinação, na década de 70 do século XVIII, a grande maioria da população inglesa já morava em centros urbanos, devido às mudanças causadas pela industrialização na Inglaterra.
 - B** A adesão da classe capitalista na Inglaterra aos princípios liberais, ainda no século XIX, impediu a exploração da classe trabalhadora e estimulou uma rápida concessão de direitos do trabalho, como férias remuneradas, o que inibiu movimentos grevistas, revoltas e a introdução das ideias socialistas naquele país.
 - C** Os avanços científicos e tecnológicos associados à Revolução Industrial permitiram o desenvolvimento da química, da biologia e da medicina, levando à formulação de técnicas e conhecimentos que revolucionaram o tratamento médico, como a necessidade da lavagem das mãos antes das cirurgias e o desenvolvimento dos anestésicos e antibióticos.
 - D** No século XIX, as condições habitacionais, alimentares e sanitárias em Londres e em outras grandes cidades industriais inglesas eram tão boas que impediram a disseminação de epidemias e a alta mortalidade na classe trabalhadora.

Fonte: (Cebbraspe)

Ao se observar o comando da questão, o texto apresenta terminologias de alguns componentes curriculares distintos, da Biologia, da Filosofia, da História, da Língua Portuguesa e da Sociologia. O PAS, nesse sentido, articulou, em um texto motivador, um axioma que fosse possível de ser compreendido pelos

componentes curriculares de diferentes áreas do conhecimento. A questão 75 foca mais no conhecimento específico da História, no entanto, na questão 78, articulam-se termos de áreas da Biologia, da Filosofia, da Geografia da História e da Sociologia. Essa articulação também mostra a diferença presente entre a interdisciplinaridade, pois, caso o tema fosse ampliado para todos os componentes curriculares de todas as áreas do conhecimento, haveria uma proposta de integração teórica e prática inovadora na forma como se pesquisa e como se ensina.

Em comparação ao pensamento de Japiassu (1977) e de Pombo (2010), pode-se observar que o PAS apresenta uma coordenação e composição maior no que diz respeito à forma de encadear axiomas a diferentes disciplinas bem como encadear os métodos de análise em conjunto. A questão 78 é mais bem elaborada, porque, nos itens, se evidenciam encadeamento de termos de distintos componentes curriculares e de componentes curriculares de distintas áreas do conhecimento. Os itens 76 e 77 são evidentes as competências e habilidades da disciplina da Língua Portuguesa, uma vez que dizem respeito às interpretações de texto.

Torna-se notório que o Programa de Avaliação Seriado é mais interdisciplinar do que o Exame Nacional do Ensino Médio, pois o primeiro consegue relacionar diversos componentes curriculares com base em um axioma, obter métodos de análise em conjuntos e, por fim, resultados também em conjunto. Por outro lado, é possível discutir formas de um comando de questão poder integrar a todas os componentes curriculares. Esse trabalho, certamente, passa pelos textos motivadores e pela utilização da Língua Portuguesa.

5.5 Interdisciplinaridade e transdisciplinaridade

5.5.1 Prefixo {inter-} e prefixo {trans-}

Após a conceituação teórica acerca dos termos, é importante observar o sentido dos prefixos. Como salientado por Castilho (2016), por Neves (2018), as construções de itens lexicais podem ocorrer por meio de derivação. Nesse sentido, (Basílio, 2018, p. 28) afirma que

O processo de derivação consiste na adição de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base ou radical para a formação de uma palavra. A estrutura da forma derivada é a estrutura geral da adição de um afixo a uma base ou radical; a base é determinada gramatical ou semanticamente pelo afixo. Na sufixação temos a estrutura [[base] sufixo]x, em que o sufixo determina a categoria lexical X da palavra resultante; na prefixação a estrutura é [prefixo[base]]x, e o prefixo especifica uma alteração semântica na palavra resultante, ficando inalterada a classe X da base; e na derivação parassintética temos [prefixo[base]sufixo]x, sendo que o prefixo especifica uma alteração semântica e o sufixo determina a categoria lexical X da palavra resultante. (Basílio, 2018, p. 28).

Após as evidências da formação da base disciplina e do conceito do sufixo {-idade}, uma vez que os prefixos especificam a base, é importante compreender o conceito dos prefixos e a forma como eles reoperam

o sentido da base ao qual se acopla. Essa oposição, a comutação, se mostra necessária em vários níveis da Linguística, especialmente no que diz respeito à Morfologia.

Os prefixos {inter-} e {trans-} são classificados por Rio-Torto (2019) como prefixos de localização espaço-temporal. Nesse contexto, (Rio-Torto, 2019, p. 133) estabelece que “importa explicitar que alguns destes prefixos ativam um sentido de movimento ou de localização, em função da semântica da base”. No caso dos termos, essa movimentação se dá em razão da contribuição de diferentes epistemes para a análise do objeto de estudo.

O primeiro prefixo é caracterizado por ter o sentido de medialidade. Nesse contexto, (Rio-Torto, 2009, p. 147) salienta que “o prefixo inter- e, em menor escala, meso- denotam 'medialidade', 'no meio de'. Ambos ocorrem em nomes e adjetivos, e inter- ainda se combina com verbos (inter-relacionar, intercomunicar), tendo então um valor de bilateralidade e reciprocidade (cf. cap. 13). Com valor locativo, inter- seleciona nomes [-eventivos]”. Ao evidenciar que o termo possui valor de bilateralidade e de reciprocidade, confirma-se o entendimento de Japiassu (1977) e de Pombo (2010) de que os métodos de disciplinas diferentes e disciplinas diferentes de diferentes áreas do conhecimento precisam interagir.

Quadro 13 - Quadro de conceitos do prefixo {inter-}

Dicionário	Definição
Aulete	Pref. 1. Registra-se já em lat. Na formação de verbos, substantivos e adjetivos; em português, com os sentidos de ‘posição intermediária’, ‘reciprocidade’, manteve-se em alguns casos inalterado, como em intercalar, e em outros evoluiu para a forma romanceada e popular entre- (entreabrir). Modernamente, na formação de compostos eruditos, prevalece a forma inter- (intergaláctico), ao passo que no português antigo a forma entre- foi bem mais fecunda. [F.: Do lat. Inter-, do adv. E 76nter. Inter, ‘entre, no meio de’. (Antes de h ou r usa-se com hífen.)]
Aurélio	Prefixo. 1.= ‘posição intermediária’; ‘reciprocidade’: intercostal; interação. [Equiv.: entr(e)-: entrededo, entrescolher; entrechocar-se. Inter- é seguido de hífen, quando anteposto a palavra iniciada por h, ou r. E, em tais casos, por tratar-se de prefixação, apenas o 2º elemento é flexionado na formação do plural: inter-helênico: inter-helênicos; inter-relação: inter-relações.]
Houaiss	Pref. E préverbo lat. Inter ‘no interior de dois; entre; no espaço de’, formado pela inter. E pref. Lat. In(-) ‘em, a, sobre; superposição; aproximação; introdução; transformação etc.’ (ver in- [2]) + o suf.lat. -ter (ver -ter-); ligam-se ao lat. Inter: 1) o adv.lat. ‘no intervalo; entrementes’ e o adv. Intrinsicus (de *intrim [inter] + secus) ‘da parte de dentro, interiormente’, ver interi(m/n)- e intrínseco; 2) um adj. *interus ‘de dentro, do interior’ [paralelo ao gr. Énteron, ver enter(o)-], de que se tem conhecimento a partir do comparativo interior, ðus ‘mais interior; recôndito; mais íntimo; interior

	etc.’ e do sup. Intímus,a,um ‘o mais profundo; o mais interior; completamente interior’; ver intero-, interior- e intim-;
Porto Editora	inter- elemento de formação de palavras que exprime a ideia de entre, dentro de, no meio, e é seguido de hífen quando o elemento seguinte começa por h ou ainda por um r que não se liga foneticamente ao r anterior
Priberam	Prefixo 1. Exprime a noção de posição média ou intermediária (ex.: intercidades; intermaré). 2. Exprime a noção de relação recíproca (ex.: intercompreensão; interempresarial). Etimologia, Origem etimológica: latim inter, entre. Nota: É seguido de hífen quando o segundo elemento começa por h ou r (ex.: inter-humano, inter-racial).

Fonte: (elaborado pelo autor)

É possível observar, no quadro 13, que o conceito do prefixo {inter-} é o de estar na medialidade. Desse modo, pelo conceito de relação recíproca, a coordenação, dita por Japiassu (1977), e a combinação, defendida por Pombo (2010), sinalizam essa ideia. No entanto, por serem sinônimos nesse sentido, a ideia de coordenação é mais interessante a ser adotada para se referir à medialidade na troca de diferentes epistemes para a análise de um determinado objeto.

Por outro lado, de modo semelhante, o prefixo {trans-} também apresenta o conceito de medialidade, mas não em que há uma medialidade no sentido de estar no meio, metade. (Rio-Torto, 2019, p. 149) afirma que “ao serviço da localização 'aquém de' (cf. aquém-fronteiras) e 'além de' (cf. além-fronteiras, além-túmulo), estão os prefixos cis-, meta-, trans- e ultra-meta-, [...] trans- e ultra- denotam *(para) além de um dado limiar, sendo a dimensão aqui denominada de "translimiaridade". [...]”.

Quadro 14 - Quadro de conceitos do prefixo {trans-}

Dicionário	Definição
Aulete	pref. que entra na composição de algumas palavras e significa além de, para além de; em troca de; ao revés; para trás; através: transatlântico, transformador. [Algumas vezes constrói-se em tras trasbordar por transbordar, e por corrutela em trea tresmalhar, tresler; e ainda em tra trapaça. Tramontana] . F. lat. Trana.
Aurélio	Prefixo. 1.= ‘movimento para além de’, ‘através de’; ‘posição para além de’; ‘posição ou movimento de través’; ‘intensidade’: transumância, transecular; transplatino; transverso (< lat.); transfazer. [Equiv.: tra-, -tr(a)-, tras-, tre(s)-: tramontar; cístron; traspasar; trasvisto; trecheio, tregastar, tresnoitar, tressuar. Alternam-se, às vezes, entre si: transbordar, trasbordar; transpassar, traspasar, trespasar.]
Houaiss	prefixo Lat. Trans ‘além de, para lá de; depois de’; na composição em lat., apresenta apenas as f. trans- e tra- (esta, antes de d, l, m, n e i e u sonânticos); na composição em port., com as f. trans-, tra-, tras- e três-, reveste as acp. De 1) ‘situação ou ação além de’: transalpino, transatlântico, transfundir, transgredir etc.; 2) ‘travessia, transposição’: transmigrar, transpassar/trapassar/traspasar/trespasar, transportar etc.; 3) ‘transferência, cessão’: traduzir, transcerver, transferir, transplantar etc.; 4) ‘mudança, transformação’: transfigurar, transformar, transmutar etc.; 5) ‘negação’: transcurar; este pref., extremamente prolífico, só se liga com hífen à palavra iniciada por h; em química orgânica caracteriza um estereoisômero em que os átomos, cuja posição é mutável, estão situados transversalmente a um plano de referência; p.ex., de-trans- cloro-metilciclopropano; ver cis-
Porto Editora	elemento de formação de palavras que exprime a ideia de além de, para além de, em troca de, através, para trás, e aparece também com as formas tra-, tras- e rês-
Priberam	prefixo Elemento que significa além de, para além de, em troca de, ao través, para trás, através. (Algumas vezes contrai-se em tras- [trasbordar], em rês- [tresmalhar] e em tra- [tramontana].) Etimologia Origem etimológica: latim trans, além de.

Fonte: (elaborado pelo autor)

O conceito do prefixo {trans-}, por outro lado, implica o sentido de limiaridade. A limiaridade, dentro desse contexto, é representada não somente pelo limite entre uma disciplina e outra, mas na limiaridade com a qual cada disciplina interage com um tema que pode ser comum aos componentes curriculares e às áreas de conhecimento, assim sendo, o prefixo evidencia que a interação entre epistemes pode chegar a seu limite e

fundir-se à outra, caso o tema permita. Nesse contexto, o conceito de Japiassu (1977) de coordenação de todas as disciplinas coincide com o pensamento de Pombo (2010) de fusão.

Com vistas à compreensão dos campos semânticos que podem compor os termos, há quadros para cada termos que evidenciam os itens lexicais que mais ocorreram com os termos. Esses itens foram divididos em campos lexicais, que foram organizados por campos semânticos. Para a elaboração do campo semântico, buscou-se o sentido dos itens lexicais e os relacionou quando possuíam um sentido em comum. Esse sentido é o hiperônimo do campo lexical, ou seja, o próprio campo semântico. Nesta pesquisa, não se utilizou a análise de predicação de cada ocorrência, tendo em vista que este método apresentará um aprofundamento no que diz respeito à elaboração de campos lexicais e de campos semânticos.

5.5.2 Dados de interdisciplinaridade

Quadro 15 - Nomes mais frequentes em interdisciplinaridade

Lemma	Frequency	Lemma	Frequency	Lemma	Frequency
1 interdisciplinaridade	52	18 área	6	35 comunicação	4
2 ciência	28	19 campo	5	36 especialista	4
3 disciplina	24	20 método	5	37 processo	4
4 conhecimento	24	21 saúde	5	38 conceito	4
5 pesquisa	9	22 conteúdo	5	39 avanço	4
6 ensino	8	23 forma	5	40 meio	4
7 visão	8	24 saber	5	41 busca	4
8 problema	8	25 integração	4	42 nível	4
9 objeto	7	26 solução	4	43 dado	4
10 prática	7	27 parte	4	44 condição	3
11 necessidade	7	28 homem	4	45 totalidade	3
12 interação	7	29 projeto	4	46 unidade	3
13 trabalho	7	30 estudo	4	47 metodologia	3
14 construção	6	31 tipo	4	48 possibilidade	3
15 realidade	6	32 psicologia	4	49 intervenção	3
16 filosofia	6	33 movimento	4	50 curso	3
17 relação	6	34 vez	4		

Fonte: (elaborado pelo autor)

Quadro 16 - Campo semântico e campo lexical de interdisciplinaridade parte 1

Conhecimento	Descoberta	Transferência
ciência, disciplina, conhecimento, conceito, conteúdo, saber, objeto.	pesquisa, solução, avanço.	ensino.
Obstáculo	Ação,	Área
problema, condição, intervenção.	prática, trabalho, construção, estudo, movimento, busca.	área, campo, tipo.

Fonte: (elaborado pelo autor)

Quadro 17 - Campo semântico e campo lexical de interdisciplinaridade parte 2

Procedimento	Parte	Indivíduo
método, interação, integração, relação, projeto, comunicação, processo, metodologia.	parte, meio, nível, unidade.	homem, especialista.
Dado	Todo	Possibilidade
dado.	todo.	possibilidade.
Configuração	Necessidade	Realidade
forma.	necessidade.	realidade.
Momento	Curso	
vez.	filosofia, psicologia, curso, saúde.	

Fonte: (elaborado pelo autor)

Com base nesses campos semânticos, percebe-se que a interdisciplinaridade é um conceito que está intrinsecamente ligado a palavras-chaves que compõem seus campos semânticos. O campo mais evidente, a esse termo e aos outros, é o campo de procedimento, pois é o conceito principal, o que é, dos termos de modo geral. Nesse campo semântico, o campo lexical é composto por palavras que evidenciam uma relação com o item lexical base, disciplina, como “método, metodologia, projeto e afins”, mas também uma relação com o

prefixo {inter-} “interação, relação”, discutido por Rio-Torto (2019) e, por fim, relação à discussão teórica sobre o conceito dos termos, como “comunicação, relação”.

Os campos de conhecimento, descoberta, obstáculo, necessidade e curso, nesse contexto, relacionam-se às discussões propostas por Japiassu (1977) e Pombo (2010). Ambos os autores apresentam o percurso pelo qual se passou para a discussão teórica dos termos como das ações a serem adotadas como procedimentos específicos à cada termo.

No campo do conhecimento, a interdisciplinaridade reconhece a importância de combinar diferentes saberes para obter uma compreensão mais completa e abrangente da realidade. Ela valoriza a descoberta, incentivando a busca por novos insights e perspectivas por meio da interação entre disciplinas. A transferência de conhecimentos é outro aspecto fundamental da interdisciplinaridade, permitindo que ideias e métodos sejam compartilhados entre áreas distintas, enriquecendo a prática acadêmica e profissional.

No entanto, a interdisciplinaridade também enfrenta obstáculos. A superação de barreiras entre as disciplinas e a promoção de uma cultura de colaboração são desafios a serem enfrentados. É necessário estabelecer ações conjuntas que envolvam diferentes especialistas e áreas do conhecimento, incentivando uma visão integrada.

A interdisciplinaridade requer ação, pois envolve a colaboração e a sinergia entre os envolvidos. Ela transcende a delimitação de áreas específicas, abrangendo múltiplos campos do conhecimento e promovendo uma configuração colaborativa para a resolução de problemas. Além disso, reconhece que cada parte individual contribui para um todo maior, valorizando a expertise de cada indivíduo e sua participação no processo interdisciplinar.

Dessa forma, a interdisciplinaridade lida com dados e informações provenientes de diversas fontes, considerando a necessidade de uma análise holística e abrangente. Ela explora possibilidades, expandindo os limites de cada disciplina para alcançar soluções mais completas e inovadoras, pois, como um procedimento, reconhece a necessidade de uma configuração adequada para promover a colaboração, o compartilhamento de conhecimentos e a superação dos obstáculos enfrentados pela separação de saberes.

Em suma, a interdisciplinaridade é um conceito que busca integrar e interconectar diferentes áreas do conhecimento em uma abordagem mais ampla e colaborativa. Ela reconhece a importância do conhecimento, a necessidade de superar obstáculos, a ação conjunta, a valorização das partes individuais e a configuração adequada para promover uma compreensão mais completa da realidade. É por meio da interdisciplinaridade que se pode explorar todo o potencial das conexões entre disciplinas, avançando em direção a soluções mais inovadoras e abrangentes para os desafios enfrentado. A palavra-chave para a interdisciplinaridade é a coordenação.

5.5.3 Dados e discussão de dados de transdisciplinaridade

Quadro 18 - Nomes mais frequentes em transdisciplinaridade

Lemma	Frequency	Lemma	Frequency	Lemma	Frequency
1 transdisciplinaridade	32	18 abertura	3	35 grau	2
2 disciplina	15	19 pesquisa	3	36 biologia	2
3 nível	6	20 discurso	3	37 fronteira	2
4 interdisciplinaridade	5	21 natureza	2	38 contexto	2
5 conceito	5	22 ponto	2	39 definição	2
6 campo	5	23 questão	2	40 compreensão	2
7 ciência	4	24 criação	2	41 desafio	2
8 método	4	25 interesse	2	42 interface	2
9 proposta	4	26 integração	2	43 domínio	2
10 relação	4	27 situação	2	44 necessidade	2
11 conhecimento	3	28 vista	2	45 esforço	2
12 tratamento	3	29 teoria	2	46 objeto	2
13 cultura	3	30 paradigma	2	47 evolucionista	2
14 modo	3	31 construção	2	48 possibilidade	2
15 síntese	3	32 acordo	2	49 pesquisador	2
16 forma	3	33 prática	2	50 química	2
17 realidade	3	34 geociência	2		

Fonte: (elaborado pelo autor)

Quadro 19 - Campo semântico e campo lexical de transdisciplinaridade parte 1

Conhecimento	Procedimento	Grau
disciplina, conceito, ciência, conhecimento, teoria, compreensão, objeto.	interdisciplinaridade, método, relação, tratamento, modo, síntese, abertura, integração, paradigma, interface, evolucionista.	nível.
Área	Proposta	Comportamento
campo, domínio.	proposta.	cultura.
Configuração	Descoberta	Discurso
forma, definição.	pesquisa, descoberta.	discurso.
Natureza	Percepção	Indivíduo
natureza.	ponto, vista.	pesquisador.

Fonte: (elaborado pelo autor)

Quadro 20 - Campo semântico e campo lexical de transdisciplinaridade parte 2

Desejo	Situação	Ação
interesse.	situação, contexto.	construção, prática, esforço, criação.
Convenção	Curso	Necessidade
acordo.	geociência, biologia, química.	necessidade.
Possibilidade	Obstáculo	
possibilidade.	desafio.	

Fonte: (elaborado pelo autor)

No campo semântico de procedimento, observa-se um aumento na composição do campo lexical, tendo em vista que os procedimentos, uma vez mais compartilhados entre as disciplinas e entre as áreas do conhecimento, serão mais estabelecidos, pela própria descoberta. Chama atenção, na composição lexical do campo semântico procedimento, uma maior quantidade de informação, palavras-chaves como “síntese” pode ser relacionada ao pensamento de Japiassu (1977) e de Pombo (2010), no que se refere à síntese de alguns componentes curriculares em áreas do conhecimento. O campo semântico do grau é, também, importante à discussão, principalmente aos pensamento sde Japiassu (1977) e de Pombo (2010), cuja síntese é de que a transdisciplinaridade refere-se ao grau que um conjunto de disciplinas, as áreas de conhecimento, possuem com determinado tema, abordando o limiar de que tratam os referidos autores. Essa abordagem vai além das fronteiras disciplinares, buscando uma compreensão holística e integrada dos fenômenos e problemas enfrentados. Tal representação holística manifesta-se no tema, conforme indicam os pareceres educacionais.

O conhecimento desempenha um papel fundamental na transdisciplinaridade, pois envolve a construção de uma base sólida de saberes provenientes de diversas disciplinas. Esses conhecimentos são articulados e combinados de maneira a formar uma abordagem mais abrangente. Além disso, a transdisciplinaridade valoriza os procedimentos utilizados para adquirir e aplicar esse conhecimento, buscando métodos que transcendam os limites das disciplinas tradicionais e promovendo a busca por uma limiaridade, pois, dentro dessa conjuntura, é preciso compreender que um tema, subordinado a todas as áreas de conhecimento e de seus respectivos componentes curriculares, não poderá ser analisado igualmente em termos de grau pelas disciplinas. Isso assim se manifesta tendo em vista que existirá uma limiaridade, em que cada área do conhecimento pode estar mais ou menos próxima do objeto de análise. No entanto, todas estão integradas com base em um tema em comum.

Essa abordagem não se restringe a uma única área de estudo ou a um grau específico de complexidade. Ela abrange uma ampla área de conhecimento, permitindo a integração de diferentes propostas e abordagens. A configuração transdisciplinar considera a descoberta de novos insights e a aplicação desses conhecimentos de maneira a superar o interdisciplinar.

Além disso, esse proceder reconhece a importância do discurso como um meio de comunicação e troca de ideias entre diferentes campos do conhecimento, pois considera a influência da natureza e a percepção humana na compreensão dos fenômenos estudados. Os desejos e motivações individuais são levados em consideração, pois eles podem orientar e impulsionar o desenvolvimento de pesquisas e ações transdisciplinares.

Em resumo, a transdisciplinaridade é uma abordagem que transcende as fronteiras disciplinares e busca uma compreensão integrada e holística dos fenômenos estudados. Ela envolve o conhecimento, os procedimentos, as diferentes áreas de estudo e a percepção humana. A transdisciplinaridade promove a fusão e a coordenação de todas as disciplinas, visando à síntese e à superação de desafios complexos com base em uma

temática. É por meio dessa abordagem que se pode obter uma compreensão mais ampla e abrangente dos problemas e fenômenos, permitindo soluções inovadoras e transformadoras.

5.6 A multidisciplinaridade *versus* a pluridisciplinaridade

Em contraposição aos prefixos de sentido de localização espacial, os prefixos {multi-} e {pluri-} têm outro conceito. Rio-Torto (2019) salienta que

Neste conjunto incluem-se constituintes que se combinam com bases nominais que denotam quantidades precisas e unívocas, sejam cardinais (bi-, mono tri-, quadri-), múltiplas (deca, hecto, quilo-), submúltiplas (deca- centi-, mili-) ou fracionárias, quantidades imprecisas, como multi-, pluri-e poli-e quantidade holonímica (omni- e pan-). São quantidades elevadas as que a prefixação de quantidades imprecisas ou indefinidas denota [...]. (Rio-Torto, 2019, p. 179).

Além disso, (Rio-Torto, 2019, p. 186) salienta que esses prefixos “denotam quantidades imprecisas multi-, pluri-e poli-, que se combinam” e que “em áreas do conhecimento mais técnico, pode registrar-se diferenciação de sentido entre multi- e pluri-”. Em princípio, a diferença entre o sentido parece estar no grau, em que {pluri-} teria um grau maior do que {multi-} em termos de quantidade. Para Japiassu (1997), a diferença entre nenhuma coordenação e a justaposição de ideias é adotada para {multi-} e {pluri-} respectivamente.

5.6.1 Prefixo {multi-} e prefixo {pluri-}

Quadro 21- Quadro de conceitos do prefixo {multi-}

Dicionário	Definição
Aulete	pref. que entra na composição de muitas palavras, e que significa 'muito': múltiparo. Equivale ao poli ² grego. F. lat. Multus.
Aurélio	[Do lat. multus, a, um.] Elemento de composição. 1.= 'muito', 'numeroso': multangular, multiangular, multissecular.
Houaiss	elemento de composição antepositivo, do lat. multus,a,um 'abundante, numeroso, em grande quantidade', com representação nas línguas român.: romn. mult, it. molto, fr.ant. mout, provç.cat. molt, esp. mucho, port. muito; der. latino: multitud,înis 'grande número, multidão', e diversos comp., como multicaulis, multiformis, multimodus, multiplex,îcis 'que tem muitas dobras' e seus der. multiplicatiô,ónis 'multiplicação', multiplico,as,ávi,átum,áre 'multiplicar' etc.; a cogação vern. inclui: multangular, multângulo, multiaresta, multiarticular, multicanal, multicolor, multidão, multidialetal, multidisciplinar, multifário, multifásico, multiforme, multígeno, multilateral, multíloquo, multilinear, multímodo, multinfecção, multiocular, múltipede, multiplano, multiplicação, multiplicar, multirracial, multispinhoso,

	multissecular, multissílabo, multiungulado, multívago, multívolo, entre outros; o lat. multus é tb. fonte, pelo vulgar, de muito e de sua f.apoc. mui, ambas doc. desde o sXIII
Porto Editora	elemento de formação de palavras que exprime a ideia de muito, muitas vezes e que se liga por hífen ao elemento seguinte quando este começa por h ou por i, aglutinando nos outros casos (se o elemento seguinte começar por r ou s, estas consoantes dobram) Do latim multu-, «idem»
Priberam	multi- prefixo Exprime a noção de muito, pluralidade. Etimologia Origem etimológica: latim multi-. Nota: É seguido de hífen quando o segundo elemento começa por h ou i. Quando é seguido de r ou s, a consoante é duplicada (ex.: multirrisco; multissensorial).

Fonte: (elaborado pelo autor)

O verbete " do prefixo {multi-}, que é utilizado na composição de diversas palavras, tem o significado de "muito" ou "numeroso". Esse prefixo é equivalente ao termo "poli" no grego e possui origem no latim "multus", que significa "abundante" ou "numeroso". O elemento de composição {multi-} é antepositivo, ou seja, é colocado antes da palavra principal e está presente em várias línguas românicas, como o italiano, francês, espanhol e português. Ele forma palavras como multangular, multicolor, multidão, multidisciplinar, multiplicação, entre outras. Além disso, o latim "multus" também é a fonte das palavras "muito" e "mui" no português vulgar, ambas utilizadas desde o século XIII.

Quadro 22 - Quadro de conceitos do prefixo {pluri-}

Dicionário	Definição
Aulete	elemento que entra em vários compostos. com a significação de número indeterminado. F. lat. Plus, pluris (mais) [número indeterminado mas não muito grande].
Aurélio	[Do lat. plus, plEris.] Elemento de composição. 1.= 'muitos', 'vários': pluricelular, plurissecular.
Houaiss	antepositivo, do lat. plus,plúris 'mais, maior' [semanticamente conexo com miri(a/o)-, mult(i)-, pleto- e poli-, vê-los]; ocorre já em voc. formados no próprio lat., como plural (sXV), pluralidade, pluriforme, plurilátero e plurívoco, já em diversos cultismos do sXIX em diante: pluralismo, pluralista, pluralização, pluralizar, plurianual, pluriarticulado, pluricelular, pluriciliado, pluridentado, plurifloro, plurilateral, plurilíngue, plurilinguismo, plurilobulado, plurilocular, plurinominal, pluriovolado, pluripartidário, pluripartidarismo, pluripartidarista, pluripartido, pluripétalo, plurissecular, plurisseriado, plurivalve, plurivocidade, entre outros

Porto Editora	elemento de formação de palavras que exprime a ideia de mais de um, vários Do latim plure-, «mais»
Priberam	pluri- prefixo Exprime a noção de muitos, vários (ex.: pluriarticulado). Etimologia Origem etimológica: latim plus, pluris, mais, maior. Nota: É seguido de hífen quando o segundo elemento começa por h ou i. Quando é seguido de r ou s, a consoante é duplicada (ex.: plurirracial; plurissecular).

Fonte: (elaborado pelo autor)

O verbete apresenta o prefixo {pluri-}, que é um elemento de composição utilizado em vários compostos e possui a significação de número indeterminado ou mais de um. Esse prefixo tem origem no latim "plus, pluris", que significa "mais" e indica um número indeterminado. O elemento {pluri-} é antepositivo, ou seja, é colocado antes da palavra principal e está semanticamente relacionado com outros prefixos como "miri(a/o)-", "mult(i)-", "pleto-" e "poli-". No latim, já era utilizado em vocábulos como "plural", "pluralidade", "pluriforme" e "plurilátero". A partir do século XIX, passou a ser utilizado em cultismos, como "pluralismo", "plurilíngue", "pluripartidário" e "plurissecular".

5.6.2 Dados e discussão de dados de multidisciplinaridade

Quadro 23 - Nomes mais frequentes em multidisciplinaridade

Lemma	Frequency	Lemma	Frequency	Lemma	Frequency
1 multidisciplinaridade	40	18 interação	4	35 interdisciplinaridade	3
2 área	11	19 autor	4	36 diferença	3
3 trabalho	10	20 problema	4	37 desenvolvimento	3
4 conhecimento	9	21 artigo	4	38 ensino	3
5 pesquisa	9	22 ambiente	4	39 setor	3
6 disciplina	8	23 ciência	4	40 contribuição	3
7 processo	7	24 conceito	4	41 informação	3
8 estudo	6	25 vez	4	42 economia	2
9 projeto	6	26 organização	4	43 mercado	2
10 termo	6	27 relação	3	44 relatório	2
11 questão	5	28 abordagem	3	45 administração	2
12 forma	5	29 importância	3	46 realidade	2
13 necessidade	5	30 especialista	3	47 pesquisador	2
14 formação	5	31 profissional	3	48 benton	2
15 curso	5	32 conclusão	3	49 integração	2
16 direito	5	33 grupo	3	50 biblioteconomia	2
17 membro	4	34 transdisciplinaridade	3		

Fonte: (elaborado pelo autor)

Quadro 24 - Campo semântico e campo lexical de multidisciplinaridade parte 1

Área	Ação	Conhecimento
área.	trabalho, organização, desenvolvimento.	conhecimento, disciplina, ciência.
Descoberta	Procedimento	Ação
pesquisa, questão.	processo, projeto, interação, procedimento, abordagem, transdisciplinaridade, interdisciplinaridade, contribuição, integração.	estudo, formação.
Nomenclatura	Obstáculo	Curso
termo.	problema.	curso, direito, economia, administração, biblioteconomia.
Indivíduo	Configuração	Necessidade
membro, autor, especialista, profissional, pesquisador, Benton.	forma.	necessidade, importância.

Fonte: (elaborado pelo autor)

Quadro 25 - Campo semântico e campo lexical de multidisciplinaridade parte 2

Resultado	Conceito	Momento
artigo, conclusão, relatório.	conceito.	vez.
Informação	Grupo	Dessemelhança
informação	grupo, setor.	diferença.
Transferência	Financeiro	Realidade
ensino.	mercado.	realidade.

Fonte: (elaborado pelo autor)

A multidisciplinaridade está intrinsecamente relacionada à necessidade de superar a ausência de coordenação entre as disciplinas. Ao explorar os campos semânticos da multidisciplinaridade, observa-se que o campo semântico de procedimento indica interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade como procedimentos também, além de incluir, no campo lexical do campo semântico procedimento o item lexical integração, no entanto o item lexical contribuição se associa mais ao prefixo do termo. A interação também chama atenção ao se observar o fato de que a multidisciplinaridade é apontada como o início das relações entre disciplinas de uma mesma área de conhecimento e entre diferentes disciplinas de diferentes áreas do conhecimento.

Esse procedimento busca integrar diferentes áreas do conhecimento, reconhecendo que cada disciplina tem uma perspectiva única para oferecer. No entanto, quando não há coordenação entre as disciplinas, o conhecimento pode permanecer isolado em silos, sem interações significativas. Isso pode levar a uma falta de compreensão abrangente e à perda de oportunidades para encontrar soluções mais completas e inovadoras. A ausência de coordenação também pode resultar em dificuldades na transferência de informações entre as disciplinas. A falta de comunicação efetiva e de uma abordagem colaborativa pode limitar a troca de ideias e limitar a capacidade de construir sobre os pontos fortes de cada disciplina.

Além disso, a ausência de coordenação pode dificultar a identificação e superação de obstáculos. Sem uma abordagem coordenada, os obstáculos podem se tornar mais difíceis de serem superados, pois diferentes disciplinas podem ter visões e abordagens divergentes para lidar com eles. A coordenação também é crucial para definir a configuração adequada das disciplinas envolvidas. É necessário estabelecer um equilíbrio entre a especialização disciplinar e a colaboração interdisciplinar, para que as contribuições de cada área sejam valorizadas e integradas de forma sinérgica.

Assim, ela requer ação e um processo de trabalho conjunto entre indivíduos e grupos de diferentes disciplinas. É fundamental reconhecer a importância de momentos de colaboração, nos quais a diversidade de perspectivas pode ser explorada para gerar novas descobertas e conceitos. Em suma, a multidisciplinaridade busca superar a ausência de coordenação entre as disciplinas, aproveitando a diversidade de conhecimento, abordagens e perspectivas. Ao promover a coordenação, é possível alcançar resultados mais abrangentes, superar obstáculos, aproveitar a transferência de informações e explorar a realidade de forma mais completa e integrada. A multidisciplinaridade se baseia na compreensão de que a colaboração entre as disciplinas é essencial para enfrentar os desafios complexos do mundo contemporâneo.

5.6.3 Dados e discussão de dados de pluridisciplinaridade

Quadro 26 - Nomes mais frequentes em pluridisciplinaridade

Lemma	Frequency	Lemma	Frequency	Lemma	Frequency
1 pluridisciplinaridade	33	18 questão	2	35 delattre	1
2 disciplina	24	19 termo	2	36 departamento	1
3 interdisciplinaridade	7	20 informação	2	37 comissão	1
4 nível	7	21 complexidade	2	38 trabalho	1
5 justaposição	6	22 objetivo	2	39 dicotomia	1
6 objeto	6	23 necessidade	2	40 desenvolvimento	1
7 multidisciplinaridade	6	24 consenso	2	41 axioma	1
8 relação	6	25 profissional	2	42 diferença	1
9 estudo	5	26 contrário	2	43 diferese	1
10 transdisciplinaridade	5	27 segundo	2	44 conceito	1
11 método	3	28 geografia	2	45 diretriz	1
12 forma	3	29 interligação	2	46 monodisciplinaridade	1
13 tempo	3	30 sistema	2	47 conceção	1
14 coordenação	3	31 disciplinaridade	2	48 ação	1
15 ciência	3	32 tratamento	2	49 ambição	1
16 cooperação	3	33 superposição	2	50 museologia	1
17 respeito	3	34 limite	2		

Fonte: (elaborado pelo autor)

Quadro 27 - Campo semântico e campo lexical de pluridisciplinaridade parte 1

Conhecimento	Procedimento	Grau
disciplina, objeto, axioma, conceito.	Procedimento, interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, relação, transdisciplinaridade, método, coordenação, cooperação, ciência, consenso, interligação, disciplinaridade, superposição, monodisciplinaridade, tratamento.	nível, complexidade.
Ação	Configuração	Momento
estudo, respeito, trabalho, desenvolvimento, ação.	forma, sistema.	tempo.
Descoberta	Nomenclatura	Resultado
questão.	termo.	objetivo.
Necessidade	Indivíduo	Negação
necessidade.	profissional.	contrário.

Fonte: (elaborado pelo autor)

Quadro 28 - Campo semântico e campo lexical de pluridisciplinaridade parte 2

Curso	Desejo	Delimitação
geografia, museologia.	ambição.	limite, departamento, comissão.
Divisão	Dessemelhança	Orientação
dicotomia.	diferença.	diretriz.
Consentimento	Informação	
concessão.	informação.	

Fonte: (elaborado pelo autor)

A pluridisciplinaridade está relacionada ao início de uma justaposição de disciplinas, buscando integrar diferentes campos do conhecimento para abordar um determinado problema ou questão. Ao explorar o campo semântico da pluridisciplinaridade, como procedimento, observa-se haver a maior manifestação de composição

do campo lexical em comparação aos outros termos. Pluridisciplinaridade, nesse contexto, parece levar em consideração as oposições que separam os conceitos de cada termo, pois, no campo lexical, palavras como “coordenação, cooperação, consenso, interligação, superposição, monodisciplinaridade” sugerem a ideia de haver, como em um método comutativo, as diferenças mais particulares de cada termo.

Tal procedimento envolve a utilização de conhecimentos e procedimentos provenientes de diferentes áreas, permitindo uma visão mais ampla e abrangente do problema em questão. É um esforço para superar a fragmentação do conhecimento disciplinar e reconhecer que diversas disciplinas podem contribuir de maneiras complementares para a compreensão e resolução de um problema.

Ao trazer diferentes disciplinas para uma configuração conjunta, a pluridisciplinaridade busca combinar diferentes perspectivas, abordagens e metodologias, aproveitando as vantagens de cada uma delas. Essa justaposição de disciplinas ocorre em um determinado momento, quando se percebe a necessidade de abordar um problema de forma mais abrangente e interconectada..

A pluridisciplinaridade também envolve a descoberta de novos caminhos e nomenclaturas que surgem dessa combinação de disciplinas. Essa abordagem também requer a capacidade de delimitar e dividir os diferentes aspectos do problema em questão, reconhecendo as dessemelhanças e, ao mesmo tempo, encontrando pontos de convergência e orientação para a ação conjunta. A pluridisciplinaridade é impulsionada pelo consentimento e pelo desejo de colaboração entre indivíduos e disciplinas, reconhecendo que a informação e o conhecimento podem ser enriquecidos por meio dessa interação multidisciplinar.

Em resumo, a pluridisciplinaridade é o começo de uma justaposição de disciplinas, um esforço para integrar conhecimentos, procedimentos e perspectivas diferentes em busca de uma abordagem mais abrangente e colaborativa. Ela abarca ações, configurações e momentos em que as descobertas ocorrem e novas nomenclaturas são criadas. A pluridisciplinaridade reconhece a importância da informação, da negação e da divisão para delimitar o problema e orientar a ação conjunta. É uma abordagem que valoriza a diversidade de conhecimentos e a interação entre disciplinas para enfrentar desafios complexos de forma mais completa e integrada.

5.7 Comparação entre a presença e a ausência de campos semânticos para cada termo

Quadro 29 - Quadro comparativo de semas entre os termos

Campos Semânticos/ Termos	Interdisciplinaridade	Multidisciplinaridade	Pluridisciplinaridade	Transdisciplinaridade
Ação	+	+	+	+
Área	+	+	-	+
Comportamento	-	-	-	+
Conceito	-	+	-	-
Configuração	+	+	+	+
Conhecimento	+	+	+	+
Convenção	-	-	-	+
Curso	+	+	+	+
Dado	+	-	-	-
Delimitação	-	-	+	-
Descoberta	+	+	+	+
Desejo	-	-	+	+
Dessemelhança	-	+	+	-
Discurso	-	-	-	+
Divisão	-	-	+	-
Financeiro	-	+	-	-
Grau	-	-	+	+
Grupo	-	+	-	-
Indivíduo	+	+	+	+
Informação	-	+	+	-
Momento	+	+	+	+
Natureza	-	-	-	+
Necessidade	-	+	+	+
Negação	-	-	+	-
Nomenclatura	-	+	+	-
Obstáculo	+	+	-	-
Orientação	-	-	+	-
Parte	+	-	-	-
Percepção	-	-	-	+
Possibilidade	+	-	-	+
Procedimento	+	+	+	+
Proposta	-	-	-	+
Realidade	+	+	-	-
Resultado	+	+	+	-
Situação	-	-	-	+
Todo	+	-	-	-
Transferência	+	-	-	-

Fonte: (elaborado pelo autor)

A multidisciplinaridade, ao evidenciar a falta de coordenação, possui campos semânticos como área, ação, conhecimento, descoberta, procedimento, nomenclatura, obstáculo, curso, indivíduo, configuração, necessidade, resultado, conceito, momento, grupo, dessemelhança, transferência, financeiro e realidade. Esses campos indicam a utilização de diferentes disciplinas sem uma coordenação efetiva, resultando em uma abordagem fragmentada e com obstáculos na troca de informações e conhecimentos entre as áreas.

Por outro lado, a pluridisciplinaridade, ao evidenciar a justaposição, apresenta campos semânticos como conhecimento, procedimento, grau, ação, configuração, momento, descoberta, nomenclatura, resultado, necessidade, indivíduo, negação, curso, desejo, delimitação, divisão, dessemelhança, orientação, consentimento e informação. Esses campos refletem uma abordagem em que diferentes disciplinas são justapostas, mantendo sua autonomia e segmentação. Embora haja interação, não há uma coordenação sistemática entre as disciplinas, resultando em uma integração superficial e limitada.

Por sua vez, a interdisciplinaridade, ao evidenciar a coordenação, abrange campos semânticos como conhecimento, descoberta, transferência, obstáculo, ação, área, procedimento, parte, indivíduo, dado, todo, possibilidade, configuração, necessidade, realidade, momento e curso. Esses campos destacam a colaboração e a coordenação entre diferentes disciplinas, buscando uma compreensão mais ampla e a superação de obstáculos por meio da troca de conhecimentos e da articulação de ações.

Por fim, a transdisciplinaridade, ao evidenciar a fusão, envolve campos semânticos como conhecimento, procedimento, grau, área, proposta, comportamento, configuração, descoberta, discurso, natureza, percepção, indivíduo, desejo, situação, ação, convenção, curso, grau, possibilidade, obstáculo e necessidade. Esses campos indicam uma abordagem que transcende as disciplinas individuais, buscando a fusão e integração de conceitos, métodos e perspectivas de diferentes áreas em um novo enfoque holístico. A transdisciplinaridade promove uma compreensão global e integrada do objeto de estudo, ultrapassando as fronteiras disciplinares e estabelecendo novas formas de conhecimento.

Em resumo, enquanto a multidisciplinaridade e a pluridisciplinaridade apresentam abordagens fragmentadas e justapostas, com falta de coordenação e integração efetiva entre as disciplinas, a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade evidenciam uma coordenação mais ampla e profunda, permitindo uma integração mais efetiva de conhecimentos e ações entre as disciplinas. A interdisciplinaridade busca a colaboração e a superação de obstáculos, enquanto a transdisciplinaridade busca a fusão e a transformação do conhecimento através da integração de diferentes perspectivas (temas).

6 TERMINOGRAFIA

6.1 Lexicologia *versus* Terminografia

De acordo com (Faulstich, 2010, p. 166), “a consulta a obras lexicográficas deve revestir-se de um prazer de leitura igualmente satisfatório ao que tem o leitor quando depara com textos de outros gêneros, em que a emoção ganha corpo à medida que a informação cresce”. Nesse sentido, com intuito de elaborar boas obras lexicográficas, segundo (Faulstich, 2010, p. 166), “a configuração dos dicionários segue uma tradição lexicográfica, que considera a compilação e a recompilação de informações como uma forma de fornecer um conjunto de palavras as quais funcionam como referência de uma dada ordem de conhecimentos.”.

Para a realização de dicionários, é importante observar a observação de (Faulstich, 2010, p. 167) que “sob o ponto de vista da composição da obra, um dicionário compõe-se de duas grandes partes, denominadas macroestrutura e microestrutura.”, a primeira, ainda conforme (Faulstich, 2010, 167), é entendida como “paralexigrafia, por ser formada por um conjunto de textos que prossegue ao longo do dicionário, a macroestrutura envolve o conjunto da obra, primordialmente introdução, anexos, bibliografia e todos os aparatos que compõem a ordenação’. Por outro lado, (Faulstich, 2010, 167), assegura que “a microestrutura é formada pelo conjunto de informações que compõem o verbete; é, de fato, o verbete na sua totalidade, constituído pela metalinguagem de que se provê a palavra-entrada.”.

A microestrutura do dicionário ou das obras terminográficas é onde se comporta o verbete, dentro dele encontra-se o conceito, que é de natureza metalinguístico. (Faulstich, 2010, p. 168) defende que “metalinguagem é uma linguagem cujo significado é uma linguagem. Em rápidas palavras, pode-se dizer que o sistema metalinguístico strito sensu compreende as palavras metalinguísticas, que são essencialmente os nomes, os verbos, os adjetivos e os advérbios”. Essas últimas quatro classes de palavras possuem conteúdo semântico, em detrimento das palavras gramaticais que possuem menos conteúdo semântico. Assim sendo, (Faulstich, 2010, p. 167) salienta que “pode-se compreender [...] que o dicionário cumpre uma das funções da linguagem: a função metalinguística, porque predominam os enunciados que descrevem o código, afinal, a língua codificada é objeto de descrição lexicográfica.”.

Em contrapartida, (Faulstich, 2010, p. 169) alerta que

as palavras autônomas podem ser confundidas, pelo seu conteúdo, com os objetos que eles designam (palavras e coisas) por isso, às vezes, é impossível estabelecer no discurso lexicográfico antonímias claras e precisas. Para evitar ambiguidades, é preciso distinguir a palavra (cavalo é uma palavra substantiva) da coisa (cavalo é um animal). O dicionário tem por princípio relacionar palavra e utilizar-se da palavra como ponto de partida para descrever a coisa. E, na condição de item lexical, um autônomo é palavra e é coisa. (Faulstich, 2010, p. 169).

Por outro lado, (Faulstich, 2010, p. 173) apresenta outra forma de registrar itens lexicais, pois “no universo da elaboração dos dicionários, outros tipos de sistematização de palavras respondem aos propósitos da produção lexicográfica, tais como, os dicionários de terminologia e os glossários.”. Embora a Lexicografia seja a responsável pelo registro de itens lexicais comuns, a Terminografia é a disciplina responsável por apresentar os procedimentos de registro de itens lexicais especializados, como observado da Figura 2, em que Faulstich (1980) assim sistematiza.

Ao aprofundar o registro de itens lexicais de especialidade, Faulstich (2010) corrobora a ideia de que

Dicionário de terminologia é dicionário que apresenta a terminologia de uma ou de várias áreas científicas ou de áreas técnicas, disposta em ordem sistêmica ou em ordem alfabética, ou, ainda, em ordem alfabética e sistêmica, ao mesmo tempo. Um dicionário que apresenta a terminologia de uma só área comporta um alto grau de exaustividade. O glossário apresenta um conjunto de termos, normalmente de uma área, apresentados em ordem sistêmica ou em ordem alfabética, seguidos de informação gramatical, definição, remissivas, podendo apresentar ou não contexto de ocorrência do termo. O que distingue um dicionário de terminologia de um glossário é principalmente a quantidade de termos que um ou outro contém, de acordo com as finalidades de informação do conhecimento terminológico a serem repassadas e em conformidade com o público alvo. (Faulstich, 2010, p. 173).

Outra consideração a ser apreciada é a de que

Um dicionário compila uma grande quantidade de termos, ao passo que um glossário lista uma quantidade menor. O dicionário tem por meta descrever o maior número possível de termos para atender às necessidades linguísticas e socioculturais do público-alvo. O glossário é um documento terminográfico objetivo, dirigido a usuários específicos que procuram informações lexicais e semânticas precisas, com vistas a melhorar o desempenho lingüístico e a aperfeiçoar o conhecimento profissional. (Faulstich, 2010, p. 173).

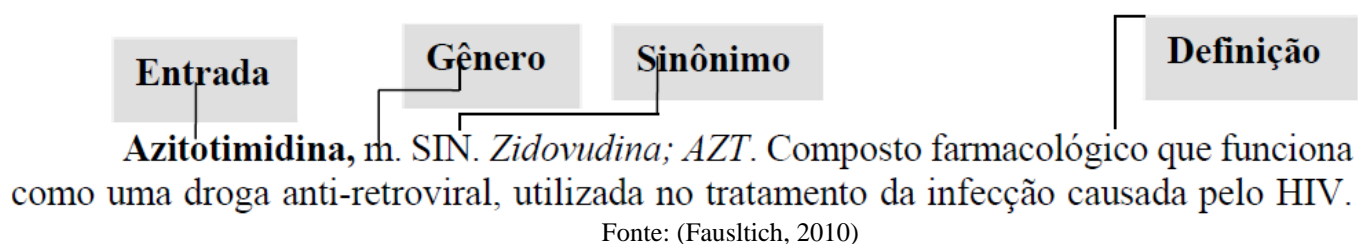
Como neste trabalho o objetivo é o de conhecer precisamente quatro termos, é importante definir a composição de um glossário, de quatro termos, respeitando a ordem sistêmica de grau, do menor para o menor. Nele, o sentido dos termos serão apresentados com mais informações lexicais, tendo em vista que a composição do conceito busca a evidência de aspectos semelhantes e dissemelhantes entre os conceitos. Nesse sentido, o contraste entre os teóricos que discutem as relações lexicais, bem como o quadro de oposição de semas evidenciam melhores mecanismos de compreensão do conceito, o que facilita a descrição dele.

6.2 Breve consideração de fichas terminográficas

Com vistas à elaboração de glossários, (Faulstich, 2010, p. 174) padroniza quatro modelos de verbetes

Figura 18 - Modelo 1 de ficha terminográfica

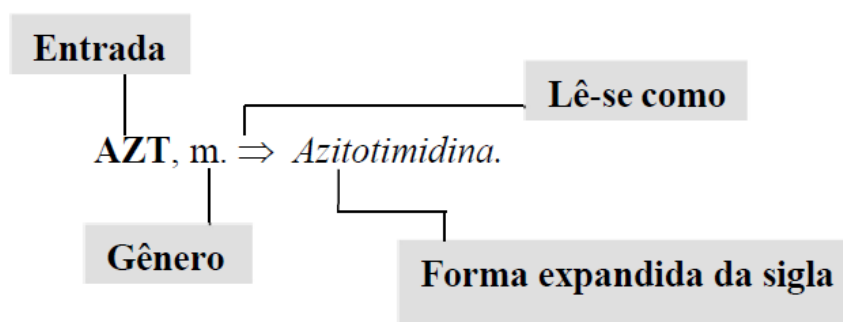
Modelo 1 :



No modelo 1, há três informações importantes à compreensão do que é azitotimidina. A entrada é o termo a ser conceituado, seguido do gênero dele, sinônimo, porque termos também comportam competição, e a definição. Importante observar que, dentro da definição, um substantivo abstrato funciona como hiperônimo e segue por uma qualificação.

Figura 19- Modelo 2 de ficha terminográfica

Modelo 2:

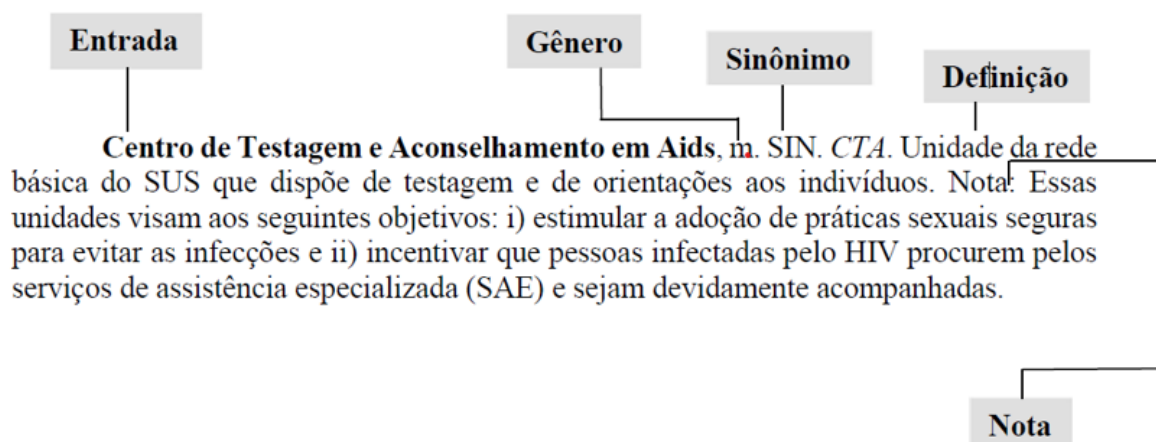


Fonte: (Fausltich, 2010).

Nesse modelo, há a entrada em forma de siglagem, seguido pelo gênero masculino e a forma expandida da sigla. Um modelo de ficha terminográfica mais curto.

Figura 20 - Modelo 3 de ficha terminográfica

Modelo 3:



Fonte: (Faulstich, 2010)

Neste modelo, há uma ampliação no sentido de haver, além da entrada, do gênero e do sinônimo, a nota que serve como aprofundamento da definição. Em outro modelo, também há um acréscimo de informação na composição das fichas terminográficas.

Figura 21 - Modelo 4 de ficha terminográfica

Modelo 4:

reprodução assexual, n.f. Var. *reprodução assexuada*. Sin. reprodução agâmica. Biotec. Reprodução que ocorre por cissiparidade, esporulação, gemação, reprodução vegetativa e apomixia, sem fusão de gametas em que os indivíduos são geneticamente idênticos ao progenitor. Adapt. DB, 1980. *A reprodução assexuada pode ser efetuada por simples divisão do indivíduo em dois outros.* DTC ilustr., s/d. **V. reprodução; cissiparidade; esporulação; gemação; reprodução vegetativa; apomixia; reprodução sexual.** ♦ Es reproducción asexual; Fr reproduction asexuée; In asexual reproduction.

Fonte: (Faulstich, 2010)

No modelo 4, há o acréscimo da categoria de palavra a que o termo pertence, a adaptação de onde se deriva o contexto, a fonte de contexto, apresenta as remissivas, e o termo correspondente em três idiomas. Desse modo, o que se interpreta é o fato de que a composição de verbetes para glossários precisa ser sistêmico e em função do público-alvo.

6.3 Análise de glossários terminológicos

Com vistas ao aprofundamento do entendimento da tipologia de glossários, a seguir, há a avaliação de oito glossários com base na ficha de análise proposta por Faulstich (2001). A avaliação de glossários é essencial para a construção de verbetes, pois permite a compreensão da terminologia específica de determinadas áreas, facilitando a elaboração de definições claras e precisas. Ao analisar glossários como o "Glossário do Plano Piloto de Brasília" e o "Glossário de Termos Legislativos", percebem-se que as diferenças entre eles contribuem para a construção de novos verbetes, pois cada um aborda terminologias específicas de suas respectivas áreas, fornecendo insights valiosos para a compreensão das particularidades de cada campo.

No caso do "Glossário do Plano Piloto de Brasília", o foco está nas siglas e conceitos relacionados à geografia da capital brasileira. Já o "Glossário de Termos Legislativos" abrange termos específicos da legislação, apresentando uma diversidade de conceitos utilizados no contexto parlamentar. Essas diferenças enriquecem a base de conhecimento para a construção de verbetes, pois fornecem variedade de informações que podem ser incorporadas em diferentes contextos, tendo em vista que cada glossário representa os termos de áreas de especialidade. Em suma, a análise crítica de glossários contribui não apenas para a compreensão das terminologias específicas, mas também para a criação de conteúdo lexical robusto e contextualmente apropriado.

6.3.1 Glossário do Plano Piloto de Brasília – entre Siglas e Conceitos (2018)

Título: Glossário do Plano Piloto de Brasília – entre Siglas e Conceitos (2018)

Autor: Flávia de Oliveira Maia Pires

Editora: Pontes

Edição: 1

Data: 2018

Local de publicação: São Paulo

Volume(s):1

Epígrafe:

1. Sobre o autor

1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?

Sim, é professora Doutora em Lexicologia e Terminologia pela Universidade de Brasília.

1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?

Sim

- 1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?
Doutora em Lexicologia e Terminologia pela Universidade de Brasília.
- 1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?
Professora universitária
2. Sobre a apresentação da obra pelo autor
- 2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:
- a) os objetivos da obra?
Sim, na introdução há as indicações.
- b) o público para o qual o conteúdo se dirige?
Sim.
- c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?
Sim.
- d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?
Sim.
- 2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?
Sim.
3. Sobre a apresentação material da obra
- 3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?
Sim, pela Professora Doutora Enilde Faulstich.
- 3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?
Sim
- 3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?
Há boas ilustrações, elas complementam de forma adequada as definições. As imagens possuem alta qualidade.
- 3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?
Sim, são usados na fonte de definição.
- 3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?
Em ordem alfabética.
- 3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?
Somente português.
- 3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?

Sim.

3.8. A obra está editada em suporte informatizado?

3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?

Sim.

3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?

Sim, são listados pela autora.

3.11. A obra possui ampla divulgação?

Sim, mas é uma obra para falantes não maternos de Língua Portuguesa, portanto a divulgação pode aumentar para o público.

4. Sobre o conteúdo

4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?

Sim.

4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade?

O glossário é referente aos lugares do Plano Piloto, de Brasília.

4.3. Os verbetes apresentam:

a) categoria gramatical?

Sim.

b) gênero?

Sim.

c) sinonímia?

Não.

d) variante(s) da entrada?

Não.

e) variante(s) da definição?

Não.

f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?

Não.

g) marcas de uso? Como se classificam?

São utilizados diversos documentos da linguagem mais formal.

h) indicação de área ou subárea de especialidade?

Não.

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

Sim.

j) equivalente(s)?

Não.

k) formação da palavra?

Não.

l) indicação de pronúncia?

Não.

m) origem e etimologia?

Não.

n) divisão silábica?

Não.

o) nomenclatura científica?

Não.

p) remissivas úteis entre conceitos?

Não.

q) fontes?

Sim.

r) notas?

Não.

4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

Sim, inicia-se com um hiperônimo e depois segue com predicação.

4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

Sim.

5. Sobre a edição e publicação

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

Sim, a obra está publicada, mas é preciso reforçar a utilização das obras para o público-alvo que deseja conhecer a capital do Brasil.

5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

A obra recobre os principais pontos do Plano Piloto, é sistemático ao que se propõe. As imagens ajudam na representação do espaço bem como as definições são muito bem construídas.

6.3.2 Glossário de Termos Legislativos (2018)

Título: Glossário de Termos Legislativos

Autor: Senado Federal

Editora: Senado Federal

Edição: 1ª

Data: 2018

Local de publicação: Brasília

Volume(s): 1

Epígrafe: não há

1. Sobre o autor

1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?

No documento, todos os elaboradores eram deputados federais ou senadores da República. No entanto, a revisão ocorreu pela Consultoria Legislativa e pelo Centro de Documentação e Informação, ambos órgãos da Câmara dos Deputados.

1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?

Não há informação.

1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?

Todos são deputados federais e senadores da República. Dessa forma, há uma diversidade entre a formação deles e também há representantes que não possuem formação acadêmica superior.

1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

Deputados federais e senadores da República.

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:

a) os objetivos da obra?

Sim, o objetivo da obra é inventariar e unificar os conceitos de termos utilizados tanto na Câmara dos Deputados quanto no Senado Federal.

b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

Sim, os deputados federais e senadores da República.

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

Sim, na introdução, há a apresentação de como as cinco listas e os dois índices foram formulados.

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?

Sim, glossários anteriores.

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor

Não.

3. Sobre a apresentação material da obra

3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?

Não.

3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?

Sim, a fonte e a Times New Roman, em tamanho 12.

3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?

Não há ilustrações no glossário.

3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?

O negrito foi utilizado em títulos e nas referências às páginas das entradas no índice remissivo. Já o itálico foi utilizado quando um conceito geral, como Comissão, possui um conceito específico, como em Comissão Mista Especial.

3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?

Os verbetes são apresentados em ordem alfabética e em ordem sistêmica. O agrupamento de itens terminológicos se dá de modo onomasiológico, dessa forma, os itens lexicais são listados alfabeticamente, no entanto são divididos por campos conceituais. A exemplo, Lista de Abreviaturas e Siglas; Lista de Conceitos; Lista de Comissões Permanentes; Lista de Partidos Políticos; Lista de Diferenças e Semelhanças; Índice Hierárquico; e Índice Alfabético e Remissivo. Essa organização garante uma sistematicidade ao glossário, no entanto, poderia ser mais sistemático em caso de, por exemplo, os conceitos também serem divididos em campos conceituais como em economia, meio-ambiente e afins. Nos verbetes, há o mecanismo de ver e ver também, o que permite uma relação entre todos os itens do glossário.

3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?

Apenas o português.

3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?

O documento estudado foi o PDF, nele se pode realizar várias pesquisas por busca de nomes, a abertura do documento se deu de modo eficiente tendo em vista seu baixo tamanho.

3.8. A obra está editada em suporte informatizado?

Apenas em PDF, não há uma página que disponibilize os termos.

3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?

Sim.

3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?

Sim, as abreviações e as siglas são apresentadas e explicadas já no início. Durante o corpo do texto, o emprego ocorre de modo adequado e satisfatório.

3.11. A obra possui ampla divulgação?

Não, por ele ser de uso interno.

4. Sobre o conteúdo

4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?

Os neologismos não foram focos do glossário, como descrito na introdução. No entanto, há um amplo estudo da linguagem oral e escrita usadas tanto na Câmara dos Deputados quanto no Senado Federal.

4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade?

Uma vez que se trata de um glossário de termos legislativos, todas as entradas são da área de especialidade parlamentar.

4.3. Os verbetes apresentam:

a) categoria gramatical?

Não.

b) gênero?

Não.

c) sinonímia?

Sim, as sinonímias são apresentadas principalmente para termos que possuem o mesmo conceito, mas são usados em Casas Legislativas diferentes. Esse é o caso de “Apreciação Conclusiva”, usado na Câmara dos Deputados. No verbete do termo, há uma evidência de equivalência no Senado Federal, “Decisão Terminativa”. Mas há, também, sinônimos em “Decisão Terminativa” como “Deliberação Terminativa” e “Apreciação Terminativa”. Dessa forma, há esses dois modos de evidenciar sinônimos.

d) variante(s) da entrada?

Não.

e) variante(s) da definição?

Sim, em razão de as Casas Legislativas possuírem termos diferentes para o mesmo conceito.

f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?

Não há homônimos e termos polissêmicos.

g) marcas de uso? Como se classificam?

Não há marcas de uso.

h) indicação de área ou subárea de especialidade?

Sim, são termos usados durante a legislatura.

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

Na maior parte, há o contexto, geralmente documentos técnicos da própria Câmara dos Deputados ou do Senado Federal.

j) equivalente(s)?

Não.

k) formação da palavra?

Não.

l) indicação de pronúncia?

Não.

m) origem e etimologia?

Não.

n) divisão silábica?

Não.

o) nomenclatura científica?

Não.

p) remissivas úteis entre conceitos?

Sim, há ver também e ver, esses dois mecanismos facilitam a remissividade entre os termos.

q) fontes?

Em alguns verbetes, sim.

r) notas?

Sim, principalmente para indicar terminologia própria à Câmara dos Deputados ou ao Senado Federal.

4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

Não, há casos, como em “Apreciação Conclusiva”, em que o conceito é realizado por meio de mais de um enunciado.

4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

Sim.

5. Sobre a edição e publicação

5. Sobre a edição e publicação

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

Sim

5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

A sistematicidade da obra é bastante interessante. A subdivisão parte – todo e gênero – espécie garantem ao glossário um mecanismo de consulta avançado.

6.3.3 Glossário de Termos Orçamentários (2020)

Glossário de Termos Orçamentários (2020)

Título: Glossário de Termos Orçamentários

Autor: Brasil

Editora: Senado Federal

Edição: 1ª

Data: 2020

Local de publicação: Brasília

Volume(s): 1

Epígrafe: não

1. Sobre o autor

1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?

No documento, todos os elaboradores eram deputados federais ou senadores da República. No entanto, a revisão ocorreu pela Consultoria Legislativa e pelo Centro de Documentação e Informação, ambos órgãos da Câmara dos Deputados.

1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?

Não há informações.

1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?

Não há informações, pois é um grupo de trabalho misto de deputados e de senadores.

1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

Deputados e senadores

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:

a) os objetivos da obra?

Sim

b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

Sim

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

Sim

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?

Não há para todos os verbetes, ao todo, são 484 termos.

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

Não há para todos os verbetes, mas há referências.

3. Sobre a apresentação material da obra

3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?

Não.

3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?

Sim, a fonte é a Times New Roman, em tamanho 12.

3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?

Não há ilustrações.

3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?

O negrito foi utilizado em títulos e nas referências às páginas das entradas no índice remissivo. Já o itálico foi utilizado quando um conceito geral, como Comissão, possui um conceito específico, como em Comissão Mista Especial.

3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?

O Glossário de Termos Orçamentários é apresentado em duas listas e dois índices, na seguinte ordem: Lista de Abreviaturas e Siglas; Lista de Conceitos; Índice Hierárquico; e Índice Alfabético e Remissivo. Durante essa subdivisão, os termos são apresentados em ordem alfabética, dentro dos verbetes, há remissivas do tipo ver e ver também, o que garante de modo muito suficiente as relações sistemáticas entre os termos.

3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?

Apenas uma.

3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?

Sim, há disponível de forma online, em página HTML, em PDF e em EPUB.

3.8. A obra está editada em suporte informatizado?

Sim, referido no item acima.

3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?

Sim.

3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?

A Lista de Abreviaturas e Siglas contém 64 itens com a seguinte distribuição: quatro abreviaturas e 60 siglas de conceitos.

3.11. A obra possui ampla divulgação?

Não, seria indicado que o glossário fosse repassado ao maior número de estudantes da área da Ciência Política ou áreas correlatas.

4. Sobre o conteúdo

4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?

Sim.

4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade?

Todas as entradas são de área especializada.

4.3. Os verbetes apresentam:

a) categoria gramatical?

Não.

b) gênero?

Não.

c) sinonímia?

Sim.

d) variante(s) da entrada?

Sim, a exemplo do termo Antecipação de Receita Orçamentária (ARO) o qual possui referência direta ao termo Operação de Crédito por Antecipação da Receita porque possuem o mesmo conceito.

e) variante(s) da definição?

Não.

f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?

Não.

g) marcas de uso? Como se classificam?

Não.

h) indicação de área ou subárea de especialidade?

Sim, de acordo com a divisão referida no item 3.5

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

Em alguns casos, sim, por exemplo, em emenda obrigatória, há a abonação. No entanto, a maior parte dos verbetes, não há.

j) equivalente(s)?

Não.

k) formação da palavra?

Não.

l) indicação de pronúncia?

Não.

m) origem e etimologia?

Não.

n) divisão silábica?

Não.

o) nomenclatura científica?

Todos os termos são de área de especialidade.

p) remissivas úteis entre conceitos?

Sim, há o ver e o ver também.

q) fontes?

Somente em alguns verbetes, predomina não ter.

r) notas?

Não.

4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

Na maior parte dos verbetes, sim, entretanto, às vezes, constitui-se de mais de um período, como é o caso de empenho.

4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

Sim.

5. Sobre a edição e publicação

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

Sim

5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

A sistematicidade da obra é bastante interessante. A subdivisão parte – todo e gênero – espécie garantem ao glossário um mecanismo de consulta avançado.

6.3.4 Glossário de Termos Técnicos-científicos do Componente Curricular Língua Portuguesa (2020)

Glossário de Termos Técnicos-científicos do Componente Curricular Língua Portuguesa (2020)

Título: Glossário de Termos Técnicos-científicos do Componente Curricular Língua Portuguesa

Autor: Francieli Matzenbacher Pinton, Gabriela Eckert Pereira, Jeniffer Streb da Silva, Rosana Maria Schmitt

Editora: Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino da Linguagem

Edição: 1

Data: 20/10/2020

Local de publicação: Rio Grande do Sul

Volume(s): 1

Epígrafe: Não

1. Sobre o autor

1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?

Todas as profissionais são estudantes da área da linguagem, mas não há registro de trabalhos na área da Lexicologia e da Terminologia.

1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?

Não.

1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?

A primeira professora é doutora e orientadora de mestrado e de doutorado dos demais.

1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

Professora e alunas.

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:

a) os objetivos da obra?

Não.

b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

Não.

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

Não.

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?

Não.

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

Sim.

3. Sobre a apresentação material da obra

3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?

Não.

3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?

Sim, a cabeça do verbete possui destaque de cores em roxo e em verde.

3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?

Não há ilustrações.

3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?

Não há utilização de negrito e de itálico.

3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?

Em ordem alfabética.

3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?

Apenas o português.

3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?

É um documento PDF, logo é de fácil manuseio.

3.8. A obra está editada em suporte informatizado?

Sim, está em PDF.

3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?

Sim.

3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?

Poucas são as abreviações, há somente uma no verbete “Tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs)”

3.11. A obra possui ampla divulgação?

Não.

4. Sobre o conteúdo

4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?

Não.

4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade?

Todas as entradas são de áreas de especialidade.

4.3. Os verbetes apresentam:

a) categoria gramatical?

Não.

b) gênero?

Não.

c) sinonímia?

Houve apenas verbete com sinonímia “Multissemiose/multimodalidade” dessa forma apresentada na cabeça do verbete.

d) variante(s) da entrada?

Apenas uma.

e) variante(s) da definição?

Não.

f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?

Não.

g) marcas de uso? Como se classificam?

Não.

h) indicação de área ou subárea de especialidade?

Não.

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

Não.

j) equivalente(s)?

Não.

k) formação da palavra?

Não.

l) indicação de pronúncia?

Não.

m) origem e etimologia?

Não.

n) divisão silábica?

Não.

o) nomenclatura científica?

Não.

p) remissivas úteis entre conceitos?

Não.

q) fontes?

Não.

r) notas?

Não.

4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

Não, a maior parte da definição é elaborada com mais de um período.

4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

Sim.

5. Sobre a edição e publicação

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

Recomendamos a revisão da obra para inserção de alguns aspectos: inserir o público-alvo a quem o glossário se destina, inserir a classe da palavra, inserir a abonação, inserir remissivas entre os conceitos e fazer a subdivisão por área.

5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

O principal aspecto é a atualização dos termos que são utilizados na área de linguagem, mas há vários outros termos que aí deveriam ser incluídos.

6.3.5 Glossário de Gêneros e Suportes Textuais Base Nacional Comum Curricular (2020)

Glossário de Gêneros e Suportes Textuais Base Nacional Comum Curricular (2020)

Título: Glossário de Gêneros e Suportes Textuais Base Nacional Comum Curricular

Autor: Francieli Matzenbacher Pinton, Camila Steinhorst e Taís Vasques Barreto

Editora: Biblioteca Central UFMS

Edição: 1

Data: 2020

Local de publicação: Mato Grosso do Sul

Volume(s): 1

Epígrafe: Não.

1. Sobre o autor

1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?

Todas as profissionais são estudantes da área da linguagem, mas não há registro de trabalhos na área da lexicologia e da terminologia.

1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?

Não há informações.

1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?

Doutora em linguística e estudantes de mestrado.

1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

Professora de grupo de pesquisa e alunas de grupo de pesquisa.

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:

a) os objetivos da obra?

Sim.

b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

Sim.

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

Sim.

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?

Não.

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

Sim.

3. Sobre a apresentação material da obra

3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?

Não.

3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?

Sim.

3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?

Não há ilustrações.

3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?

O uso de negrito aconteceu na cabeça do verbete apenas.

3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?

Os verbetes são apresentados em ordem alfabética, mas há uma informação ao lado direito do verbete do campo de atuação ou dos campos de atuação em que os verbetes se inserem. Essa metodologia garantiu uma sistematicidade entre os termos.

3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?

Sim, apenas uma.

3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?

Sim.

3.8. A obra está editada em suporte informatizado?

Sim, em PDF.

3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?

Sim.

3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?

Não há abreviações e nem símbolos inseridos no corpo do texto.

3.11. A obra possui ampla divulgação?

Não.

4. Sobre o conteúdo

4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?

Sim.

4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade?

Todas as entradas são de áreas de especialidade.

4.3. Os verbetes apresentam:

a) categoria gramatical?

Não.

b) gênero?

Não.

c) sinonímia?

Não.

d) variante(s) da entrada?

Não.

e) variante(s) da definição?

Não.

f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?

Não.

g) marcas de uso? Como se classificam?

Não há.

h) indicação de área ou subárea de especialidade?

Sim, divididos em campos de atuação de acordo com a Base Nacional Comum Curricular.

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

Não.

j) equivalente(s)?

Não.

k) formação da palavra?

Não.

l) indicação de pronúncia?

Não.

m) origem e etimologia?

Não.

n) divisão silábica?

Não.

o) nomenclatura científica?

Sim.

p) remissivas úteis entre conceitos?

Não.

q) fontes?

Não.

r) notas?

Não.

4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

Não, a maioria dos verbetes são constituídos de mais de um período.

4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

Sim.

5. Sobre a edição e publicação

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

Sim.

5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

A obra apresenta uma ótima divisão dos campos de atuação em que os termos se inserem. Esse é o principal ponto de difusão da obra.

6.3.6 Glossário Terminológico da Educação Profissional e Tecnológica (2020)

Título: Glossário Terminológico da Educação Profissional e Tecnológica (2020)

Autor: Brasil

Editora: Secretaria de Educação

Edição: 1ª

Data: 2020

Local de publicação: Brasília

Volume(s): 1

Epígrafe: não

1. Sobre o autor

1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?

A líder de terminologia, Cleide Lemes da Silva Cruz, e doutora em Lexicologia e em Terminologia.

1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?

Sim, fez parte do grupo de pesquisa de Lexicologia e Terminologia (Lexterm) da Universidade de Brasília.

1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?

Doutora em Lexicologia e em Terminologia.

1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

Professora.

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:

a) os objetivos da obra?

Sim.

b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

Sim.

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

Sim.

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?

Sim.

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

Sim.

3. Sobre a apresentação material da obra

3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?

Não.

3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?

Sim.

3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?

Não há ilustrações.

3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?

O negrito foi utilizado para as entradas dos verbetes.

3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?

Em ordem alfabética.

3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?

Somente uma.

3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?

Sim.

3.8. A obra está editada em suporte informatizado?

Sim, está em PDF.

3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?

Sim.

3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?

Sim, as abreviações são explicadas já no início do glossário.

3.11. A obra possui ampla divulgação?

Não.

4. Sobre o conteúdo

4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?

Sim, no prefácio, há a indicação de que o glossário será posteriormente complementado com novos termos.

4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade?

Todos os termos são da área de especialidade de educação profissional e tecnológica.

4.3. Os verbetes apresentam:

a) categoria gramatical?

Sim.

b) gênero?

Sim.

c) sinonímia?

Não.

d) variante(s) da entrada?

Não.

e) variante(s) da definição?

Não.

f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?

A polissemia é apresentada no interior do verbete com mais de uma acepção, no entanto, não há um critério evidente para o caso de haver homonímia.

g) marcas de uso? Como se classificam?

Não há.

h) indicação de área ou subárea de especialidade?

Não.

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

Há para alguns verbetes, mas no prefácio já está evidente que o contexto pode ou não ser apresentado.

j) equivalente(s)?

Não.

k) formação da palavra?

Não.

l) indicação de pronúncia?

Não.

m) origem e etimologia?

Não.

n) divisão silábica?

Não.

o) nomenclatura científica?

Não.

p) remissivas úteis entre conceitos?

Sim.

q) fontes?

Há para alguns verbetes, para outros, não há.

r) notas?

Há para alguns verbetes, para outros, não há

4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

Sim.

4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

Sim.

5. Sobre a edição e publicação

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

Sim.

5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

A organização do glossário é excelente. Desde o prefácio até as referências, tudo está organizado e explicado, houve um cuidado em preparar a definição mantendo um paralelismo que segue desde o primeiro verbete ao último.

6.3.7 Glossário Ilustrado de Marcas de Proveniência (2021)

Título: Glossário Ilustrado de Marcas de Proveniência

Autor: Márcia Carvalho

Editora: Universidade Federal do Rio Grande

Edição: 1

Data: 2021

Local de publicação: Rio Grande do Sul

Volume(s): 1

Epígrafe: não

1. Sobre o autor

1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?

Não, é da área da Biblioteconomia, mas há uma estudante de mestrado em Linguística.

1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?

Não.

1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?

A maior parte é a área da Biblioteconomia, uma estuante é da Linguística.

1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

Professoras e pesquisadoras.

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:

a) os objetivos da obra?

Sim.

b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

Sim.

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

Sim.

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?

Sim.

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

Sim.

3. Sobre a apresentação material da obra

3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?

Não.

3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?

Sim.

3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?

Em comparação aos outros glossários, esse glossário é totalmente adaptado às ilustrações. As imagens que o compõem entram na ficha terminográfica. Estão totalmente alinhadas à definição, bem como possuem referência ao final. Para além disso, também há uma ilustração de diagrama em que se apresenta o relacionamento que o termo possui com outros termos, a exemplo o termo geral e o termo específico.

3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?

Não há uso de negrito e de itálico.

3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?

São apresentados em ordem alfabética, no entanto há uma ilustração que apresenta de modo muito útil a sistematicidade que o termo possui com outros termos.

3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?

O glossário contempla o espanhol, o francês e o inglês, além do português.

3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?

Sim, há vários formatos, a saber: .xml .csv .txt .rdf .json .skos .pdf

3.8. A obra está editada em suporte informatizado?

Sim, de modo muito útil, organizado e bastante flexível.

3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?

Sim.

3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?

Sim.

3.11. A obra possui ampla divulgação?

Não, pela qualidade do glossário, seria muito importante que ele ganhasse mais divulgação.

4. Sobre o conteúdo

4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?

Sim.

4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade?

Todas as entradas são da subárea da especialidade de administração, marcas.

4.3. Os verbetes apresentam:

a) categoria gramatical?

Não.

b) gênero?

Não.

c) sinonímia?

Não.

d) variante(s) da entrada?

Sim, variante de entrada para as outras línguas.

e) variante(s) da definição?

Não.

f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?

Não.

g) marcas de uso? Como se classificam?

Não.

h) indicação de área ou subárea de especialidade?

Sim, por meio do uso de Relações hierárquicas entre os termos, onde: TG - Termo Geral, TE - Termo Específico;

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

Sim, em todos os verbetes.

j) equivalente(s)?

Sim, para a maior parte dos verbetes.

k) formação da palavra?

Não.

l) indicação de pronúncia?

Não.

m) origem e etimologia?

Não.

n) divisão silábica?

Não.

o) nomenclatura científica?

Não.

p) remissivas úteis entre conceitos?

Sim.

q) fontes?

Sim.

r) notas?

Sim.

4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

Não.

4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

Sim.

5. Sobre a edição e publicação

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

Com certeza, sim.

5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

As relações que os termos mantêm um com os outros, as imagens associadas e a diagramação da relação que os termos têm um com os outros.

6.3.8 Glossário de Segurança da Informação (2021)

Título: Glossário de Segurança da Informação

Autor: Brasil

Editora: não há, glossário está na página do governo federal.

Edição: 1

Data: 2021

Local de publicação: Brasília.

Volume(s): 1

Epígrafe: não há.

1. Sobre o autor

1.1. Trata-se de pessoa reconhecida na área de dicionarística ou de terminologia?

Não informado.

1.2. Fez parte de grupo de pesquisa da área de dicionarística ou de terminologia?

Não informado.

1.3. Qual a formação acadêmica do autor principal e dos participantes do grupo de pesquisa?

Não informado.

1.4. Qual a profissão exercida na época da publicação da obra em análise?

Não informado.

2. Sobre a apresentação da obra pelo autor

2.1. Há introdução na qual apareçam claramente:

a) os objetivos da obra?

Não.

b) o público para o qual o conteúdo se dirige?

Não.

c) as informações sobre como consultar o dicionário ou vocabulário?

Não.

d) referências à bibliografia de onde foi extraído o corpus?

Não.

2.2. Há bibliografia de consulta justificada pelo autor?

Não.

3. Sobre a apresentação material da obra

3.1. Há prefácio redigido por personalidade reconhecida na área de dicionarística? Científica, técnica?

Não.

3.2. A família tipográfica empregada é adequada à faixa etária do usuário?

Sim.

3.3. As ilustrações, se houver, estão adequadas à microestrutura informacional?

Não há ilustrações.

3.4. A utilização de negrito, de itálico e de outros recursos gráficos está de acordo com o equilíbrio visual da obra?

O negrito é utilizado em todos os verbetes, o itálico é utilizado no verbete de origem estrangeira.

3.5. Os verbetes são apresentados em ordem alfabética? Em ordem sistemática?

Em ordem alfabética.

3.6. A obra contempla uma só língua? Mais de uma?

Somente português.

3.7. O formato do dicionário ou vocabulário permite manuseio prático e fácil?

Sim.

3.8. A obra está editada em suporte informatizado?

Sim, no site do governo.

3.9. A qualidade do acabamento garante a sua durabilidade?

Sim.

3.10. O sistema de abreviações e de símbolos aparece corretamente no corpo do texto?

Abreviações somente para alguns verbetes.

3.11. A obra possui ampla divulgação?

Sim.

4. Sobre o conteúdo

4.1. As entradas cobrem de maneira exaustiva a língua oral e escrita, inclusive neologismos, palavras derivadas, etc.?

Apenas a linguagem escrita, por ser de origem técnica.

4.2. Há entradas que se referem a áreas de especialidade?

Todas as entradas se referem à segurança da informação.

4.3. Os verbetes apresentam:

a) categoria gramatical?

Não.

b) gênero?

Não.

c) sinonímia?

Não.

d) variante(s) da entrada?

Não.

e) variante(s) da definição?

Não.

f) critérios para distinguir homonímia de polissemia? Quais?

Não.

g) marcas de uso? Como se classificam?

Não.

h) indicação de área ou subárea de especialidade?

Área da segurança da informação.

i) contexto? (exemplo ou abonação?)

Não.

j) equivalente(s)?

Não.

k) formação da palavra?

Não.

l) indicação de pronúncia?

Não.

m) origem e etimologia?

Não.

n) divisão silábica?

Não.

o) nomenclatura científica?

Não.

p) remissivas úteis entre conceitos?

Não.

q) fontes?

Não.

r) notas?

4.4. A definição é constituída de um enunciado de uma só frase?

Sim, de uma só frase, respeitando a predicação.

4.5. A definição leva em conta o nível de discurso do usuário?

Sim, a obra tem caráter mais normativo do que descritivo.

5. Sobre a edição e publicação

5.1. Recomenda-se a edição e a publicação da obra?

Sim.

5.2. Quais serão os principais pontos de difusão da obra?

A sistematização dos termos é importante, mas a estrutura do verbete contempla somente a definição. Nesse sentido, a obra é mais normativa do que descritiva.

6.4 Os mecanismos de definição

No entendimento de (Fausltich, 2014, p. 444), “a representação semântica é um meio de descrever e de definir um objeto, com vistas a explicitar as características conceituais desse objeto por meio da linguagem”. Com o objetivo de discernir conceitos e os registrar, há dois mecanismos possíveis: a canônica e a pragmática. No entanto, os dois métodos, segundo (Faulstich, 2014, p. 444), “[...] precisam ser emparelhados para relacionar meios e fins, presentes no texto definatório”. Nas palavras da autora, a definição canônica representaria a expressão “termo é”, enquanto a definição pragmática representaria a expressão “serve para”.

Na definição, é necessário que a representação semântica seja precisa àqueles que consultarem o material lexicográfico ou terminográfico, uma vez que ela, segundo (Fausltich, 2014, p. 444), “está restrita à identidade entre a entrada terminográfica e a definição. A entrada é um signo cuja compreensão dá-se por meio de uma paráfrase que interpreta, no mundo exterior, o que o signo quer dizer”. Essa representação semântica, no ponto de vista da autora, pode ser registrada de forma mais completa ao se unir as abordagens canônicas e pragmáticas.

Na definição canônica, para (Faulstich, 2014, p. 448), “é de conhecimento que a forma canônica da definição de um termo segue o modelo gênero + espécie. Nesse molde, X (signo, objeto) condensa Y (significação, discurso)” e que “essa organização tradicional -termo + é + definição - predomina em grande parte dos dicionários de língua comum e nos dicionários de linguagem de especialidade”. Assim sendo, com base na definição canônica, é possível estabelecer uma estrutura uniforme e facilmente compreensível para os leitores e usuários do material terminográfico ou lexicográfico.

Essa padronização contribui para evitar ambiguidades e equívocos na interpretação dos termos, garantindo a precisão na comunicação e no entendimento do vocabulário técnico ou específico de uma determinada área de conhecimento. Além disso, a definição canônica ajuda a criar uma base sólida para o desenvolvimento de bancos de dados terminológicos e dicionários especializados, facilitando o trabalho de profissionais, estudantes e pesquisadores que necessitam acessar informações detalhadas sobre termos específicos. Esse contexto, de criação de bancos de dados terminológicos, favoreceria a sistematicidade entre os conceitos. No contexto do registro de termos, a definição canônica torna-se uma ferramenta valiosa para o

compartilhamento e a disseminação do conhecimento especializado, tornando a terminologia mais acessível e permitindo uma comunicação mais eficaz entre os especialistas e o público em geral.

A utilização da definição canônica na aplicação da distinção dos termos multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade, nesse sentido, é fundamental para garantir evidência conceitual e evitar confusões em debates e pesquisas que envolvem essas diferentes abordagens de estudo e pesquisa - tendo em vista o uso equivocado de um por outro por pesquisadores - pois oferece uma estrutura padrão e consistente para cada um desses termos, permitindo uma distinção precisa entre eles e evitando equívocos ou interpretações ambíguas.

Em contrapartida, a autora assegura que a definição pragmática ocorre por meio de uma predicação. Para (Faulstich, 2014, p. 449), “a predicação, que se compõe de proposições instrumentais, explicita para que serve (Y) o objeto (X), como pinça = serve para pegar objeto; [...]. As proposições instrumentais subdividem-se em: (i) proposições resultativas (X resulta de) e ii) proposições factitivas (X foi desenvolvido por/para).”.

O uso da definição pragmática na aplicação da distinção dos termos (multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade) é, nesse sentido, importante para fornecer uma visão mais completa e contextualizada desses conceitos, enfatizando suas aplicações práticas e sua relevância na resolução de problemas do mundo real. A definição pragmática permite que os usuários compreendam como cada abordagem se aplica na prática, ou seja, como elas são utilizadas e quais os resultados esperados ao serem aplicadas em situações concretas. Diferentemente da definição canônica, que se concentra na estrutura conceitual dos termos, a abordagem pragmática explora funções e propósitos no mundo real – especialmente no âmbito da Educação e da Pesquisa.

Portanto, a definição pragmática complementa a abordagem canônica ao fornecer informações mais aplicadas e orientadas para a ação, tornando esses conceitos mais úteis e relevantes para aqueles que trabalham em áreas multidisciplinares, como pesquisadores, educadores e profissionais envolvidos em projetos que exigem colaboração e integração de conhecimentos de diferentes disciplinas.

6.5 Modelo de ficha terminográfica para os termos em estudo

Tendo em vista a análise desses glossários, é evidente maior padronização de alguns em detrimento de outros. Dessa forma, o Glossário de Termos Legislativos, o Glossário de Termos Orçamentários, Glossário Terminológico da Educação Profissional e Tecnológica e o Glossário do Plano Piloto de Brasília se destacam em termos de rigor do trabalho terminográfico. Os dois primeiros possuem ótima sistematicidade entre os verbetes, no entanto, no momento da elaboração do conceito, a estrutura nem sempre ocorre com introdução de hiperônimo e posterior qualificação, como visto em Faulstich (2010). Os dois últimos glossários, nesse sentido,

além de possuírem ótima sistematicidade entre os verbetes, também apresentam um rigor maior no que diz respeito à construção do conceito.

Em suma, com a finalidade de elaborar os verbetes dos quatro termos estudados, é possível utilizar o modelo de (Faulstich, 2010, p. 177), a saber, “PORTUGUÊS (por), entrada, categoria gramatical, gênero, *variante(s) *sinônimo(s) *área, definição, fonte da definição *contexto *fonte do contexto remissivas *nota *equivalentes autor(a), redator(a) e data”. Os elementos em asterisco são optativos.

Segundo (Faulstich, 2010, p. 175), há conceitos fundamentais relacionados ao registro terminológico ou lexicográfico, aqui estão sistematizados os utilizados para a composição da ficha terminográfica. O gênero (gên) indica o gênero gramatical do termo, sendo "f." para feminino e "m." para masculino. No caso de "reprodução assexual", o gênero é indicado como "f." para feminino. Essa informação é especialmente relevante quando existem palavras que variam de acordo com o gênero na língua em questão. A definição (def.) é o ponto central do verbete, onde se descreve o significado do termo. No exemplo dado, a definição de "reprodução assexual" aborda os diferentes métodos de reprodução que ocorrem sem a fusão de gametas, resultando em indivíduos geneticamente idênticos aos progenitores. Assim, a definição permite que o leitor compreenda o conceito de maneira evidente e precisa.

A fonte da definição (fonte def.) é importante para dar credibilidade ao verbete e permitir a referência à obra de onde a definição foi retirada. No exemplo dado, a fonte da definição é indicada como "Adapt. DB, 1980", o que significa que a definição foi adaptada do Dicionário de Biologia, publicado em 1980. A inclusão, também, de remissivas auxilia os usuários na exploração de conceitos relacionados e amplia o entendimento do termo em questão, essas serão destacadas em *itálico*.

Portanto, ao elaborar um verbete de glossário, é fundamental considerar todos esses elementos, como a entrada, a categoria gramatical, o gênero, a definição, a fonte de definição, as remissivas, o autor, o redator e a data. O autor e o redator serão unidos em um só, por se tratar do autor deste trabalho. Esses elementos trabalham em conjunto para fornecer uma explicação sobre o conceito dos termos, garantindo, desse modo, a utilidade e a qualidade do glossário como um recurso de referência confiável.

Os verbetes dos termos podem assim ser apresentados:

Quadro 30 - Conceitos dos termos reformulados

Termos	Conceito
Multidisciplinaridade	Multidisciplinaridade , n.f. Procedimento metodológico caracterizado pela ausência de coordenação e de integração entre diferentes disciplinas, serve para analisar um objeto de estudo com interação inicial. Japiassu (1977). <i>Pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade</i> . Gabriel Azevedo. 5 jun. 2023.
Pluridisciplinaridade	Pluridisciplinaridade , n.f. Procedimento metodológico caracterizado pela justaposição de disciplinas diferentes e de diferentes áreas do conhecimento, sem coordenação formal entre elas, serve para analisar um objeto de estudo com vistas a integrar habilidades. Japiassu (1977). <i>multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, transdisciplinaridade</i> . Gabriel Azevedo. 5 jun. 2023.
Interdisciplinaridade	Interdisciplinaridade , n.f. Procedimento metodológico caracterizado pela coordenação de diferentes disciplinas e a integração delas em áreas do conhecimento, serve para analisar um objeto de estudo com base em habilidades formalizadas por áreas de conhecimento. Japiassu (1977). <i>multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, transdisciplinaridade</i> . Gabriel Azevedo. 5 jun. 2023.
Transdisciplinaridade	Transdisciplinaridade , n.f. Procedimento metodológico caracterizado pela subordinação das áreas de conhecimento a um tema comum, serve para analisar um objeto de estudo em sua totalidade. Japiassu (1977). <i>interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade</i> . Gabriel Azevedo. 5 jun. 2023.

Fonte: (elaborado pelo autor)

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como síntese, entende-se o fato de que todos os quatro termos – multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade – possuem conceitos diferentes. A Teoria dos Campos Semânticos e a Teoria dos Campos Lexicais, nesse sentido, foram, ao serem integradas, responsáveis pela decomposição do sentido de cada termo, pois são princípios da Lexicologia e da Terminologia que, combinados, podem decompor tanto lexemas quanto termos. Cabem algumas salientações acerca da utilização dos procedimentos pancrônicos de construção de itens lexicais e da composição dos campos semânticos e dos campos lexicais.

A análise morfossintática dos termos relacionados à disciplina proporciona uma compreensão mais profunda de sua formação e sentido. De acordo com Faulstich (2003) e Castilho (2016), embora os estudos terminológicos tenham historicamente enfatizado o conteúdo semântico dos termos, a importância da forma morfossintática na análise terminológica não pode ser subestimada. A abordagem pancrônica de Faulstich (2015), que considera as mudanças linguísticas ao longo do tempo, portanto se mostra crucial para entender a evolução dos termos e suas relações com práticas sociais e culturais.

A morfologia e a sintaxe desempenham um papel fundamental na compreensão dos termos relacionados à disciplina. Ao examinar os morfemas que compõem a palavra, especialmente os prefixos e sufixos, é possível identificar elementos que carregam significado gramatical e lexical. A análise de Castilho (2016), nesse sentido, sobre a reativação lexical destaca a importância da compreensão dos morfemas na reorganização semântica das palavras. Neves (2018), então, contribui para essa compreensão ao diferenciar os morfemas de flexão, que indicam número, gênero, tempo e afins dos morfemas de natureza lexical.

A relação entre pancronia e relexicalização, conforme apontado por Castilho (2016), destaca a dinâmica constante da língua, evidenciando que as línguas estão em constante evolução. Essa visão é congruente com a proposta de Faulstich (2015), que enfatiza a importância da pancronia na Socioterminologia. O estudo etimológico dos termos relacionados à disciplina, desse modo, como apresentado nos quadros 5 a 11, ilustra como a pancronia é essencial para reconstruir a evolução semântica desses termos ao longo do tempo.

A análise etimológica específica do termo "disciplina" revela a fusão do prefixo {dis-} com o radical [capi], proporcionando um entendimento mais claro do significado original, que envolve a ideia de aprender e capturar. A pancronia, nesse contexto, permite acompanhar as mudanças semânticas ao longo do tempo e compreender como a língua reflete as transformações sociais e cognitivas. A aplicação dos princípios da pancronia na análise etimológica dos termos relacionados à disciplina, dessa maneira, como interdisciplinaridade, multidisciplinaridade, pluridisciplinaridade e transdisciplinaridade, revela a riqueza da evolução linguística e conceitual. A formação desses termos por meio da derivação, conforme explicado por

Castilho (2016) e Neves (2018), destaca a importância dos sufixos na criação de novas palavras que representam conceitos complexos.

Em resumo, a abordagem morfossintática, aliada à perspectiva pancrônica, oferece uma compreensão mais abrangente e profunda da evolução dos termos relacionados à disciplina. A interação entre a forma morfológica, a sintaxe e a pancronia enriquece a análise terminológica, permitindo uma visão mais holística dos fenômenos linguísticos e conceituais.

Além disso, os termos, por serem de uma mesma área de conhecimento, apresentaram mais campos semânticos comuns, em comparação aos itens lexicais comuns da língua, os quais, se forem comparados, resultarão em campos semânticos diversos pela natureza diferente das coisas a que fazem referência no mundo. No entanto, a composição dos campos lexicais resultou em diferenças significativas, de forma mais evidente no campo lexical do campo semântico de “procedimento”, item lexical que encabeça a definição. Ao considerar a formação dos campos semânticos e dos campos lexicais como funcionais à decomposição de sentido, é preciso avançar na análise da composição, na criação e na relação de novos subcampos.

Ainda, torna-se evidente que o sistema de predicação – como defendido por Faulstich (2001) – representará um avanço na criação dos campos lexicais de um campo semântico. Ao generalizar que um item lexical, em suas ocorrências, possuirá sempre um determinado sentido, o método de análise do conceito do termo perde eficiência de decomposição do sentido. Nesse contexto, representa um avanço um sistema de análise de predicação robusto de itens lexicais para a criação de campos semântico e de campos lexicais com vistas a decompor sentido. No entanto, para isso, será preciso analisar cada ocorrência com base no critério de sua classe: *i*) ao que faz referência no mundo e *ii*) a função que exerce dentro da predicação.

Outro avanço ao método reside no fato de trazer mais interdisciplinaridade aos pensamentos de Faulstich (2001). A autora sintetizou, de forma brilhante, as relações que os termos podem fazer, e algumas, fazem de forma obrigatória, assim é preciso que, por exemplo, os métodos da Sociologia possam ser incorporados aos métodos, por exemplo, a distinção entre autores (homens e mulheres), entre qualificação (graduando, graduado, mestre e doutores), entre regiões (centro-oeste, nordeste norte, sudeste e sul) e afins requerem base sólida de métodos de outra disciplina, a qual deve ser integrada para garantir mais robustez de análise.

No caso dos termos, uma preocupação foi o fato de multidisciplinaridade e pluridisciplinaridade ocorrerem em momentos distintos e em regiões distintas. Multidisciplinaridade ocorreu na década de 1980, no Brasil, enquanto pluridisciplinaridade ocorreu um ano depois, mas em Portugal, e esse fato foi, de início, interpretado como uma competição geográfica, o que não se confirmou tendo em vista que, posteriormente, pluridisciplinaridade ganhou expressividade de ocorrência. No entanto, a integração de diferentes métodos de estudo, como História e Geografia, podem expandir a compreensão dos termos – e de seus respectivos conceitos.

Em suma, os termos apresentaram conceitos diferentes para cada forma de expressão, e tal fato evidencia procedimentos diferentes executados de formas diferentes. A República Federativa do Brasil, nesse sentido, teve um avanço notório, nos últimos anos, na implementação da interdisciplinaridade, resultado das discussões elaboradas por professoras e por professores qualificadas e qualificados e das políticas públicas criadas, de forma principal, para a criação das áreas de conhecimento. Ao criar e definir competências e habilidades conjuntas, a interdisciplinaridade consolida-se não somente como termo e como conceito, mas como sistema educacional, representado por meio das avaliações do Enem e do PAS.

O primeiro sistema de avaliação ainda precisa avançar para refletir melhor a integração entre disciplinas em uma área de conhecimento e entre diferentes áreas do conhecimento. O PAS, por outro lado, apresenta uma integração bastante relevante, no entanto o programa passou por uma reformulação da matriz, na qual se constam, já, competências e habilidades definidas para todas as áreas de conhecimento, um avanço significativo em comparação à atual BNCC, tendo em vista que, neste último documento, somente há habilidades no Ensino Médio definidas para Língua Portuguesa e para Matemática. Assim, há avanços a serem feitos em forma de análise sobre o tema que podem basear-se na discussão aqui elaborada e na implementação de uma educação transdisciplinar, a qual ainda precisa se consolidar como método por meio de criação de legislações que permitam a elaboração de temas comuns às áreas.

Uma vez que o método mostrou-se eficiente ao que se propôs, ele também sinaliza os avanços os quais podem ser seguidos em forma de implementação de melhoria.

REFERÊNCIAS

- AULETE, C. Aulete Digital. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**: Dicionário Caldas Aulete, online. Lexikon Editora digital. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/>. Acesso em 05 ago. 2022.
- BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português Brasil**. Editora Contexto, 2008.
- BOULANGER, J. C. Convergências e divergências entre a lexicografia e a terminologia. In: LIMA, M. S.; RAMOS, P. C. (Org.). **Terminologia e ensino de segunda língua: Canadá e Brasil**. Porto Alegre, UFRGS, 2001. p. 7-28
- BRASIL, Ministério da Educação, **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF. 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Matriz de Referência para o ENEM 2009**. Brasília, Distrito Federal, 2009. 24p
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996.
- BRASIL. **Lei nº 5.692**, de 11 de agosto de 1971.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- CABRÈ, M. T. **Terminology theory, methods and applications**. Holland: John Benjamins. 1998. 262 p.
- CAPIO. In: DE VAAN, Michiel. **Etymological dictionary of Latin and the other Italic languages**. LEIDEN· BOSTON, 2008, 2018.
- CASTILHO, Ataliba T. de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto. 2010. 768 p.
- CEBRASPE. **Programa de Avaliação Seriada (PAS) - Subprogramas**. Disponível em: https://www.cebraspe.org.br/pas/subprogramas/2019_2021/2. Acesso em: 19 jan. 2023.
- CNE/CEB (Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica). Parecer Nº 11, de 7 de outubro de 2010. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos**. Diário Oficial da União, Brasília, 9 de dezembro de 2010, seção 1, p. 28. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6324-pceb011-10&category_slug=agosto-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 19 jun. 2023.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Parecer CNE/CEB nº 5/2011. Brasília, DF: Câmara de Educação Básica, 4 de maio de 2011.

COSERIU, E. **Princípios de semântica estrutural**. España: Editorial Gredos, 1981. 320 p.

DE VAAN, Michiel. **Etymological dictionary of Latin and the other Italic languages**. LEIDEN· BOSTON, 2008, 2018.

DIS. *In*: DE VAAN, Michiel. **Etymological dictionary of Latin and the other Italic languages**. LEIDEN· BOSTON, 2008, 2018.

DISC. *In*: **Dicionário Houaiss Eletrônico**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 2009. CD-ROM-. Acesso em: 8 mar. 2023.

DISCIPLINA. *In*: António Gomes. **Dicionário de latim-português**. 1988.

DISCIPLINA. *In*: DE VAAN, Michiel. **Etymological dictionary of Latin and the other Italic languages**. LEIDEN· BOSTON, 2008, 2018.

DISCIPLINA. *In*: deChile, **Etimologías de Chile**. Disponível em: <www.deChile.net> Acesso em: 27/07/2022.

DISCIPLINA. *In*: **Dicionário Houaiss Eletrônico**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 2009. CD-ROM-. Acesso em: 8 mar. 2023.

DISCIPLINA. *In*: NASCENTES, Antenor. **Dicionario etimológico da língua portuguesa**. Rio de janeiro: Francisco Alves, 1932. 1902 p.

Faulstich, E . Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas, p. 11-31. *In*: **Linguística Aplicada à Terminologia e à Lexicologia**, Cooperação internacional Brasil-Canada [orgs. Enilde Faulstich, Sabrina Pereira de Abreuorgs]. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, NEC, 2003.

FAULSTICH, E. Aspectos de terminologia geral e terminologia variacionista. **TradTerm**, v. 7, p. 11-40, 2001.

FAULSTICH, E. AVALIAÇÃO DE DICIONÁRIOS: UMA PROPOSTA METODOLÓGICA. **Organon**, Porto Alegre, v. 25, n. 50, 2011. DOI: 10.22456/2238-8915.28346. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/28346>. Acesso em: 30 jul. 2021.

FAULSTICH, E. **Lexicologia: a linguagem do noticiário policial**. Horizonte, 1980.

FAULSTICH, E. Spécificités llinguistiques de la lexicologie et de la terminologie. nature épistémologique. **Meta: journal des traducteurs/Meta: Translators' Journal**, v. 41, n. 2, p. 237-246, 1996.

FAULSTICH, E. Para gostar de ler um dicionário. *In*: RAMOS, Conceição de Maria de Araújo et al. **Pelos caminhos da dialetologia e da sociolinguística: entrelaçando saberes e vidas**. dá UFMA, 2010. p. 236

FAULSTICH, E. Características conceituais que distinguem o que é de para que serve nas definições de terminologias científica e técnica *In*: **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia – volume VII**. [Aparecida Negri Isquerdo e Giselle Olívia Mantovani Dal Corno-orgs]. Campo Grande-MS. Editora da UFMS, 2014.

FAZENDA, Ivani CA. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**, 15ª. 2003. 186 p.

FERREIRA, António Gomes. **Dicionário de latim-português**. 1988.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio** versão 5.0 edição revista e atualizada: Dicionário eletrônico. Curitiba: Positivo, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008. 220 p.

Glossário de Gêneros e Suportes Textuais Base Nacional Comum Curricular. **Nepelin**, 2020. Disponível em: < [Glossário de Segurança da Informação. **GOVBR**, 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/gsi/pt-br/composicao/SSIC/dsic/glossario-de-seguranca-da-informacao-1> >. Acesso em: 10, jan. 2023.](https://nepelin.com/materiais-didaticos/#:~:text=Gloss%C3%A1rio%20de%20G%C3%AAneros%20e%20Suportes,de%20atua%C3%A7%C3%A3o%20indicados%20na%20BNCC.>. Acesso em: 10, jan. 2023.</p></div><div data-bbox=)

Glossário de Termos Legislativos. **Senado Federal**, 2018. Disponível em: < https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/552849/001140838_GlossarioTermosLegislativos.pdf>. Acesso em: 10, jan. 2023.

Glossário de Termos Orçamentários. **Congresso Nacional**, 2018. Disponível em: < <https://www.congressonacional.leg.br/legislacao-e-publicacoes/glossario-orcamentario>>. Acesso em: 10, jan. 2023.

Glossário de Termos Técnicos-científicos do Componente Curricular Língua Portuguesa. **UFSM**, 2020. Disponível em: <<https://www.ufsm.br/cursos/graduacao/santa-maria/letras/2020/10/20/lancamento-glossario-de-generos-e-suportes-textuais-e-de-termos-tecnico-cientificos-do-componente-curricular-lingua-portuguesa>>. Acesso em: 10, jan. 2023.

Glossário do Enquadramento de Pessoas Físicas e Jurídicas no Cadastro Técnico Federal de Atividades Potencialmente Poluidoras e Utilizadoras de Recursos Ambientais. **GOVBR**, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/ibama/pt-br/servicos/cadastrados/ctf/ctf-app/glossario/20220323_CTF_APP_Glossario.pdf>. Acesso em: 10, jan. 2023.

Glossário dos Termos Genéricos dos Nomes Geográficos Utilizados no Mapeamento Sistemático do Brasil. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2010. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/metodos-e-outros-documentos-de-referencia/vocabulario-e-glossarios/16499-glossario-dos-termos-genericos-dos-nomes-geograficos-utilizados-no-mapeamento-sistematico-do-brasil.html>>. Acesso em: 10, jan. 2023.

Glossário Ilustrado de Marcas de Proveniência. **UFRG**, 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/tesauros/index.php/thesa/terms/336>>. Acesso em: 10, jan. 2023.

Glossário Terminológico da Educação Profissional e Tecnológica. **CNCT/MEC**, 2020. Disponível em: <<http://cnct.mec.gov.br/assets/documents/glossario.pdf>>. Acesso em: 10, jan. 2023.

HOUAISS, A. **Dicionário Eletrônico Houaiss da língua portuguesa**: versão 3.0. São Paulo: Objetiva, 2009.

INEP. **Histórico**. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/avaliacao-e-exames-educacionais/enem/historico>. Acesso em: 9 jan. 2023.

INTER. *In: Dicionário Aulete*. Rio de Janeiro: Lexicon Editora, 2023. Disponível em: <https://aulete.com.br/inter->. Acesso em: 8 mar. 2023.

INTER. *In: Dicionário Houaiss Eletrônico*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 2009. CD-ROM-. Acesso em: 8 mar. 2023.

INTER. *In: Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2023. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/50iccionario50/50icion-portuguesa/inter->. Acesso em: 8 mar. 2023.

INTER. *In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2023. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/inter->. Acesso em 13 jan. 2023.

INTER. *In: Novo dicionário Aurélio versão 5.0* edição revista e atualizada. Curitiba: Positivo, 2004.

JAPIASSU, Hilton Ferreira. **Interdisciplinaridade e patologia do saber**. Rio. 1977. 113 p.

MAIA-PIRES, F. **Glossário do Plano Piloto de Brasília**: entre siglas e conceitos. Editora Porto, São Paulo, 2018

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. Atlas, 2003. 311 p.

MULTI. *In: Dicionário Aulete*. Rio de Janeiro: Lexicon Editora, 2023. Disponível em: <https://aulete.com.br/multi->. Acesso em: 8 mar. 2023.

MULTI. *In: Dicionário Houaiss Eletrônico*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 2009. CD-ROM-. Acesso em: 8 mar. 2023.

MULTI. *In: Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2023. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionario/lingua-portuguesa/multi->. Acesso em: 8 mar. 2023.

MULTI. *In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2023. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/multi->. Acesso em 13 jan. 2023.

MULTI. *In: Novo dicionário Aurélio versão 5.0* edição revista e atualizada. Curitiba: Positivo, 2004.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1932. 1902 p.

NEVES, M. H. M. **A Gramática do Português revelada em Textos**. São Paulo: Editora Unesp, 2018. 1934 p.

OLIVEIRA, Michelle Machado de. **Confluência entre dicionário analógico e tesouro documentário como modelo de dicionário analógico**. 2010. 243 f. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade de Brasília, Brasília, 2010

PLURI. *In: Dicionário Aulete*. Rio de Janeiro: Lexicon Editora, 2023. Disponível em: <https://aulete.com.br/pluri->. Acesso em: 8 mar. 2023.

PLURI. *In: Dicionário Houaiss Eletrônico*. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 2009. CD-ROM-. Acesso em: 8 mar. 2023.

PLURI. *In: Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2023. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/pluri->. Acesso em: 8 mar. 2023.

PLURI. *In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2023. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pluri->. Acesso em 13 jan. 2023.

PLURI. *In: Novo dicionário Aurélio versão 5.0* edição revista e atualizada. Curitiba: Positivo, 2004.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e semântica lexical: noções fundamentais**. Trad. Sabrina Pereira de Almeida. São Paulo: Contexto, 2018. 311 p.

POMBO, O. EPISTEMOLOGIA DA INTERDISCIPLINARIDADE. **Ideação**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. p.9–40, 2010. DOI: 10.48075/ri.v10i1.4141. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/ideacao/article/view/4141>. Acesso em: 9 jan. 2022.

POTTIER, B. **Linguística Geral Teoria e descrição**. Rio de Janeiro: Universidade Santa Úrsula, 1978. 320 p.

RIO-TORTO, Graça Maria. **Prefixação na língua portuguesa contemporânea**. Cortez Editora, 2019. 247 p.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012. 494 p.

TRANS. *In*: **Dicionário Aulete**. Rio de Janeiro: Lexicon Editora, 2023. Disponível em: <https://aulete.com.br/trans->. Acesso em: 8 mar. 2023.

TRANS. *In*: **Dicionário Houaiss Eletrônico**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda., 2009. CD-ROM-. Acesso em: 8 mar. 2023.

TRANS. *In*: **Dicionário infopédia da Língua Portuguesa**. Porto: Porto Editora, 2023. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/trans->. Acesso em: 8 mar. 2023.

TRANS. *In*: **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa** [em linha], 2008-2023. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/trans->. Acesso em 13 jan. 2023.

TRANS. *In*: **Novo dicionário Aurélio versão 5.0 edição revista e atualizada**. Curitiba: Positivo, 2004.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. **Programa de Avaliação Seriada (PAS) - Provas**. Disponível em: <https://pas.unb.br/prova>. Acesso em: 19 jan. 2023.

WÜSTER, Eugen. Die internationale Sprachnormung in der Technik, besonders in der Elektrotechnik (International Language standardization in technology, particularly in electrical engineering). **Berlin: VDI**, 1931. 431 p.